



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**Faculdade de Educação e Psicologia**

***ENSINO PROFISSIONAL E AS MALHAS QUE A POLÍTICA TECE***  
*As lógicas de ação das escolas secundárias e das escolas  
profissionais*

**Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação**

**-Especialização em Administração e Organização Escolar-**

**Gracinda Emília Couto Cardoso**

**Porto, novembro 2013**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**Faculdade de Educação e Psicologia**

***ENSINO PROFISSIONAL E AS MALHAS QUE A POLÍTICA TECE***

*As lógicas de ação das escolas secundárias e das escolas  
profissionais*

**Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação**

**-Especialização em Administração e Organização Escolar-**

Gracinda Emília Couto Cardoso

Trabalho efetuado sob a orientação do  
Professor Doutor José Matias Alves

**Porto, novembro 2013**

***“ O processo que pode transformar as escolas desde a compreensão da sua configuração e da sua dinâmica organizativa tem uma sequência básica, ainda que com fases que não são compartimentos rigidamente separados: INTERROGAR-SE; INDAGAR; OBSERVAR; PERGUNTAR; REFLECTIR; COMPREENDER; DIALOGAR; INTERVIR; MELHORAR; PARTILHAR; CONTAR”***  
***Miguel Ángel Santos Guerra – Entre bastidores – O lado oculto da organização***

## **AGRADECIMENTOS**

A todos quantos contribuíram para a realização deste trabalho, uma palavra de agradecimento.

Ao professor José Matias Alves, pela sua disponibilidade, conhecimento, incentivo e compreensão.

Às minhas colegas de mestrado, pela companhia e partilha, que ao longo de todo este tempo se mostraram disponíveis e Amigas! Obrigada José Varanda e Maria Soares!

Aos alunos, professores da Escola Profissional e da Escola Secundária que se disponibilizaram a participar neste estudo.

Ao Diretor da Escola Profissional, e Diretor da Escola Secundária, pela forma como acederam participar no estudo, dispensando algum do seu tempo e contribuindo com a partilha da sua experiência.

À Dra. Regina Pinto e Dr. Serafim Rodrigues, meus “sempre” professores e Amigos, pelas palavras de apoio, incentivo e compreensão nas minhas ausências.

Finalmente à minha família: Obrigada Pai, obrigada mãe. Sem vós não teria sido possível! Aos meus amores Rui Pedro e João Luís, foram a grande inspiração,

Obrigada!

## **RESUMO**

O presente estudo enquadra-se no contexto do Ensino Profissional, modelo surgido em Portugal em 1989, resultado de uma convocação social, um apelo a uma maior democraticidade de escolarização e formação, na forma de um modelo inovador a nível educacional, pedagógico administrativo e financeiro.

Mais recentemente, em 2006, este modelo foi transportado para as escolas secundárias e o ensino profissional passa a fazer parte integrante das ofertas do ensino secundário.

Neste contexto, ambiciona-se proceder a um estudo comparativo das lógicas de organização e funcionamento do ensino profissional nas escolas secundárias de ensino público e nas escolas profissionais.

Desde as lógicas de preparação/ação, ensino - aprendizagem, dinâmicas de contexto de trabalho e experiências, o que se pretende é cruzar as duas realidades, analisar os processos de funcionamento e contribuir para uma melhoria das práticas no terreno.

Procedeu-se a análise documental, realização de entrevistas e questionários com o intuito de olhar as duas realidades e contribuir para uma melhoria das práticas.

Da análise das respostas e da verificação das hipóteses, é possível concluir que a importação do modelo de ensino profissional para as escolas secundárias está a ser feita sem formação e acompanhamento específico por parte de quem já o faz há mais de duas décadas com resultados validados.

Parece-nos evidente a necessidade de criar dispositivos de acompanhamento e avaliação do processo como meio de melhorar as práticas e manter a confiança da sociedade no modelo virtuoso do ensino profissional.

**Palavras-chave:** ensino profissional, modelo, lógicas de funcionamento, escolas profissionais, escolas secundárias.

## **ABSTRACT**

This study fits within the context of Vocational Education Model emerged in Portugal in 1989, as the result of a social call, a call for a more democratic schooling and training, in the form of an innovative model to the educational , administrative and financial level.

More recently, in 2006, this model was transported to public secondary schools and vocational education becomes part of their offer.

In this context, we aim to carry out a comparative study of the logical organization and operation of vocational education in public secondary schools and in vocational schools.

From the preparation / action, teaching - learning, dynamic work context and experiences, the aim is to cross the two realities, analyze the processes of operation and contribute to improve the practice in the field.

We have proceeded to document analysis, interviews and questionnaires in order to look at the two realities and contribute to improve the practice.

From the analysis of the responses and verification of hypotheses, we conclude that the importation of the vocational education model for secondary schools is being made without specific training and support from those who have already been doing it for over two decades, with validated results. It seems obvious the need to create devices for monitoring and evaluating the process as a means to improve practices and maintain the trust of the society in the virtuous model of vocational education.

**Keywords:** vocational education, model, operating logics, vocational schools, secondary schools.



## **ÍNDICE**

<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>4</b>
<b>RESUMO</b>	<b>5</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>6</b>
<b>ÍNDICE</b>	<b>8</b>
<b>ÍNDICE DE TABELAS:</b>	<b>10</b>
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS:</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>PARTE I</b>	<b>15</b>
<b>1 O ENSINO SECUNDÁRIO EM PORTUGAL</b>	<b>15</b>
1.1 O ensino profissional nas escolas secundárias .....	15
1.2 Modelo de Ensino Profissional: origem/ contexto .....	18
1.3 Inovações pedagógicas .....	19
1.4 Criação das Escolas Profissionais/fases: .....	20
<b>2 IMAGENS ORGANIZACIONAIS DA ESCOLA</b>	<b>24</b>
2.1 A escola sob as lentes da teoria burocrática .....	24
2.2 A escola como arena política .....	27
2.3 A escola e as teorias da ambiguidade .....	29
2.4 A decisão organizacional como caixote do lixo .....	30
2.5 A escola como sistema debilmente articulado .....	30
2.6 A escola como sistema caótico .....	30

<b>3 AS TEORIAS DA REGULAÇÃO SOCIAL</b>	<b>33</b>
<b>PARTE II</b>	<b>38</b>
<b>1 METODOLOGIA</b>	<b>38</b>
1.1 QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	38
1.2 MÉTODOS E INSTRUMENTOS.....	39
1.3 PROCEDIMENTO .....	39
<b>2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS</b>	<b>42</b>
2.1 Alunos .....	42
2.2 Professores.....	56
2.3 Diplomados .....	76
Relativamente à categoria A- Escola	77
categoria B - Curso	78
categoria C - avaliação modular	81
Categoria D – Formação em Contexto de Trabalho (FCT)	82
Categoria E- situação atual	83
2.4 Diretores.....	84
Categoria A – escola,	86
Categoria B: professores,	90
Categoria C: alunos	91
Categoria D: currículo	92
Categoria E: representação social	96
Categoria F-clima de escola	97
Categoria G- Marcas pedagógicas	98
Categoria H- liderança	99
Categoria I- relação com os contextos; I1Parcerias	100
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>101</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>105</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>107</b>

## **ÍNDICE DE TABELAS:**

Tabela 1: Principais diferenças entre as escola Secundárias e Profissionais.....	16
Tabela 2: Curso Profissional que frequenta.....	42
Tabela 3: Idade a 31 de dezembro de 2009 .....	43
Tabela 4: Concelho de residência.....	43
Tabela 5: Habilitações académicas do pai .....	43
Tabela 6: Habilitações académicas da mãe .....	44
Tabela 7: Profissão do pai .....	44
Tabela 8: Profissão da mãe.....	44
Tabela 9: Situação profissional .....	57
Tabela 10: Tempo de serviço.....	57
Tabela 11: Situação profissional atual.....	57
Tabela 12: Tempo de serviço em cursos profissionais .....	58
Tabela 13: Finalidade da escola – aquisição de conhecimentos.....	59
Tabela 14: Finalidade da escola – desenvolver pessoal e culturalmente o jovem.....	59
Tabela 15: Finalidade da escola – preparar os jovens para inserção na vida ativa.....	59
Tabela 16: Finalidade da escola – preparar os jovens para o prosseguimento de estudos ..	60
Tabela 17: Finalidade da escola – proporcionar formação técnica alargada. ....	60
Tabela 18: Função da escola- promover desenvolvimento integral .....	61
Tabela 19: Função da escola- proporcionar transmissão de normas, valores, crenças, hábitos e atitudes. ....	61
Tabela 20: Função da escola- selecionar/ encaminhar os jovens .....	62
Tabela 21: Função da escola- proporcionar instrução .....	62
Tabela 22: Função da escola- proporcionar obtenção de títulos académicos.....	62
Tabela 23: Recursos- edifício da escola .....	63
Tabela 24: Recursos - materiais.....	64
Tabela 25: Recursos - dirigentes/ materiais.....	64
Tabela 26: Currículo / perfil profissional do curso.....	65
Tabela 27: Currículo / autonomia /tempo.....	66
Tabela 28: Currículo / ordem sequencial dos módulos .....	66
Tabela 29: Currículo / conteúdos.....	67

Tabela 30: Currículo / critérios de avaliação.....	67
Tabela 31: FCT/ diretor .....	68
Tabela 32: FCT/ coordenador.....	68
Tabela 33: FCT/ diretor de curso.....	68
Tabela 34: FCT/ professor.....	68
Tabela 35: FCT- unidades .....	69
Tabela 36: FCT / empregadores .....	69
Tabela 37: PAP – proposta pela escola .....	70
Tabela 38: PAP – proposta pelos alunos .....	70
Tabela 39: PAP – tema e curso.....	71
Tabela 40: PAP – alteração do tema.....	71
Tabela 41: PAP - acompanhamento .....	72
Tabela 42: PAP- competências.....	72
Tabela 43: PAP – avaliação intermédia.....	72
Tabela 44: Avaliação modular.....	73
Tabela 45: Avaliação modular - instrumentos.....	74
Tabela 46: Avaliação modular- módulos.....	74
Tabela 47: Avaliação modular- testes .....	74
Tabela 48: Avaliação modular-tarefas.....	75

## **ÍNDICE DE GRÁFICOS:**

Gráfico 1: momento de opção pelo curso .....	46
Gráfico 2: como teve conhecimento do curso que frequenta?.....	46
Gráfico 3: Porque escolheu um curso profissional? .....	47
Gráfico 4: Porque escolheu este curso? (pode assinalar mais do que uma resposta) .....	48
Gráfico 5: Alguém o influenciou na escolha do curso?.....	49
Gráfico 6: Escolheu esta escola porque: .....	50
Gráfico 7: A escola .....	51
Gráfico 8: O Curso .....	52
Gráfico 9: Os Professores .....	52
Gráfico 10: A direção .....	53
Gráfico 11: A Prova de Aptidão Profissional .....	54
Gráfico 12: Formação em Contexto de Trabalho .....	55
Gráfico 13: O Futuro .....	55

## **INTRODUÇÃO**

O modelo do Ensino Profissional em vigor em 2013 em Portugal, surgiu há vinte e quatro anos atrás, fruto de uma convocação social de escolarização e formação, de um apelo da sociedade por uma maior democraticidade e igualdade de oportunidades. É resultado sobretudo da mobilização local com um envolvimento social muito forte. O modelo consistiu numa inovação educacional aos níveis pedagógico, administrativo e financeiro, que subsistiu, apesar de todas as vicissitudes, e se tornou num sucesso educativo.

Com a publicação da Portaria nº 798/2006, de 10 de Agosto e o Despacho nº 14758/2004 (2ª série), de 23 de Julho, consolida-se a possibilidade da oferta de cursos profissionais nas escolas públicas e do ensino particular e cooperativo, que ofereçam nível secundário de educação, até então, só oferecidos por escolas profissionais privadas e públicas. O ensino profissional deixa de ser, assim, uma modalidade especial de educação, para fazer parte integrante da diversidade de ofertas do ensino secundário (Orvalho, 2009:190) Dá-se a generalização do ensino profissional às escolas secundárias públicas, assistindo-se, desta forma, a um reforço da oferta.

Contudo, esta transição, importação do modelo, deu-se sobretudo pela via legislativa, sem que se tivesse tido em atenção as diferenças intrínsecas a cada tipo de escola.

Neste sentido, ambiciona-se proceder a um estudo comparativo das lógicas de organização e funcionamento do ensino profissional nas escolas secundárias de ensino público e nas escolas profissionais.

Desde as lógicas de preparação/ação, ensino - aprendizagem, dinâmicas de contexto de trabalho e experiências, o que se pretende é cruzar as duas realidades, analisar os processos de funcionamento e contribuir para uma melhoria das práticas no terreno.

Tomando como inspiração a citação de Santos Guerra apresentada inicialmente, propomo-nos seguir esse caminho que nos levará da *interrogação* de partida à procura de uma melhoria efetiva das práticas, pela *partilha*.

O presente estudo, realizado durante o ano letivo de 2009/2010, interrompido e retomado em 2013, pretende ser um contributo para uma melhor leitura da escola, das suas especificidades e das suas semelhanças.

A dissertação encontra-se organizada em duas grandes partes.

Na primeira parte do trabalho (Parte I) pretende fazer-se o enquadramento teórico de base à investigação. Pretende-se apresentar, de forma sucinta o trabalho realizado, motivações e método. Com a revisão da literatura pretende-se que abranja as categorias previstas, desde uma apresentação da origem e evolução dos cursos profissionais, suas características distintas, passando pelas imagens organizacionais e teorias da regulação social.

A segunda parte do trabalho (Parte II) corresponde à apresentação e discussão de resultados. Procurou fazer-se uma descrição dos processos metodológicos utilizados e uma apresentação da interpretação dos resultados procedendo-se a algumas reflexões finais.

## **PARTE I**

---

### **1 O ENSINO SECUNDÁRIO EM PORTUGAL**

Para uma melhor contextualização da situação portuguesa, relativamente à organização do ensino secundário, começamos por apresentar o leque de opções disponível aos jovens que tenham terminado o 9º ano de escolaridade.

Atualmente, o Ensino Secundário está organizado em torno dos seguintes tipos de cursos:

- a) Cursos científico - humanísticos, vocacionados para o prosseguimento de estudos de nível superior;
- b) Cursos de Aprendizagem. São cursos de formação profissional inicial, em alternância, dirigidos a jovens, privilegiando a sua inserção no mercado de trabalho e permitindo o prosseguimento de estudos
- c) Cursos artísticos especializados, vocacionados, consoante a área artística, para o prosseguimento de estudos ou orientados na dupla perspetiva da inserção no mundo do trabalho e do prosseguimento de estudos;
- d) Cursos profissionais, vocacionados para a qualificação inicial dos alunos privilegiando a sua inserção no mundo do trabalho e permitindo prosseguimento de estudos.
- e) Cursos de Especialização Tecnológica (CET). São formações pós-secundárias não superiores que conferem o nível 5 de qualificação do Q.N.Q., com a duração aproximada de um ano. O nível 5 de qualificação obtém-se através da conjugação de uma formação secundária, geral ou profissional, com uma formação técnica pós-secundária.

#### **1.1 O ENSINO PROFISSIONAL NAS ESCOLAS SECUNDÁRIAS**

Tal como foi referido anteriormente, com a publicação da Portaria nº 798/2006, de 10 de Agosto e o Despacho nº 14758/2004 (2ª série), de 23 de Julho, consolida-se a possibilidade da oferta de cursos profissionais nas escolas públicas e do ensino particular e cooperativo, que ofereçam nível secundário de educação, até então, só oferecidos por escolas profissionais privadas e públicas. O ensino profissional deixa de ser, assim, uma

modalidade especial de educação, para fazer parte integrante da diversidade de ofertas do ensino secundário (Orvalho, 2009:190)

Dá-se a generalização do ensino profissional às escolas secundárias públicas, assistindo-se, desta forma, a um reforço da oferta.

De acordo com o *Relatório de avaliação ex-ante do programa operacional Temático para o potencial Humano, 2007*, “Superar o défice estrutural de qualificações da população portuguesa” surge como o primeiro de 4 objetivos expressos na Agenda Operacional do Potencial Humano, vista à luz das prioridades de política nacional e europeia. Consequentemente, apresentam-se como objetivos prioritários da política educativa, o alargamento da oferta de cursos, potenciando a procura de percursos educativos e formativos que proporcionem dupla certificação, valorizando a identidade do ensino secundário. Pode ainda ler-se no relatório:

*“A dimensão do atraso português no ensino secundário requer um investimento de envergadura e a focalização da Agenda nesta prioridade reflete consistentemente um elevado nível de empenhamento em superar tal atraso e procurar um ritmo acelerado de convergência com a União Europeia, num fator extremamente relevante de debilidade do país e inibidor da sua competitividade num modelo de produção de elevado valor.”*  
(Relatório Ex-ante 2007:7)

É neste contexto social e político que surge o alargamento do ensino profissional às escolas secundárias. No entanto, são muitos os aspetos que distinguem Escolas Profissionais das Escolas Secundárias. O quadro seguinte, Azevedo (2009:21) *Características das escolas secundárias e das escolas profissionais (até 2002)*, pretende realçar de forma clara e esquemática essas diferenças:

**Tabela 1: Principais diferenças entre as escolas Secundárias e Profissionais**

<b>Tipo de escolas</b> <b>Parâmetros</b>	<b>Escolas Secundárias</b>	<b>Escolas Profissionais</b>
Promotores das escolas	Estado	Instituições de sociedade civil e privados
Modelo de administração e gestão	Direta do estado	Autónoma
Administração do currículo	Centralizada	Descentralizada
Tipologias curriculares	Uniformes	Diversificadas (mais tarde tendencialmente)

		uniformes)
Componente curricular predominante	Geral e académica	50% Geral e científica 50% Técnica e tecnológica
Sistema de progressão anual	Por disciplinas	Por unidades/módulos
Contratação de docentes	Administração central	Escola a escola
Certificação	Cursos gerais: Diploma do ensino secundário Cursos tecnológicos: Diploma do ensino secundário e diploma de técnico de... (com exames nacionais)	Diploma de técnico de... (sem exames nacionais), com equivalência ao diploma de ensino secundário
Dimensão Número médio de alunos matriculados por escola, pela 1ª vez no 10º ano Número médio de alunos matriculados no ensino secundário por escola	265 565	65 134
Financiamento	Estatal e direto	Estatal + fundo social europeu (mediante candidatura anual)

**Fonte:** Azevedo (2009:40) O ensino profissional. Analisar o passado e olhar o futuro.

A estas diferenças formais de estrutura, funcionamento e percurso histórico, poderemos acrescentar as diferenças culturais. Costa (1996:109) apresenta uma possível leitura da organização escola através da metáfora da “escola como cultura”, assente no pressuposto que cada escola é diferente de qualquer outra escola e que é nessa especificidade que reside a sua cultura. Essa cultura traduz-se em diversas manifestações simbólicas tais como valores, crenças, linguagem, heróis, rituais, cerimónias. Ainda segundo o mesmo autor, a qualidade e o sucesso de cada organização escolar depende do seu tipo de cultura: as escolas bem-sucedidas são aquelas em que predomina uma *cultura forte* entre os seus membros (identidade e valores partilhados).

Lima (2001) apresenta também uma leitura da escola como organização educativa, com um modo de funcionamento díptico, entre a metáfora da anarquia Organizada, um sistema debilmente articulado, de alguma subjetividade e ambiguidade e a metáfora da Burocracia Racional de um sistema mais burocrático, mecanicista e de grande objetividade. O autor apresenta-nos diversas lentes, através das quais podemos observar a

escola e o seu funcionamento como organização e, à luz das quais se pretende, também, abordar estas duas entidades promotoras dos cursos profissionais.

O próprio conceito de educação escolar pode também ser visto segundo uma perspectiva de dualidade de funções que opõem o *idealismo* da oferta ao *realismo* da procura.

De acordo com alguns autores (Formosinho, Fernandes, Pires, 1991) “os objetivos definidos pela entidade que controla a escola - no caso português, o Estado - e consequentemente, o modo como funciona a educação escolar, por um lado, e os interesses dos potenciais utentes, por outro, não são vistos do mesmo modo.”

Os autores apelam à distinção entre as intenções dos que conduzem a escola e daqueles que a procuram, apontando assim duas funções distintas. A função herdeira dos ideais iluministas que visa o desenvolvimento de competências, talentos, permite a cada um atingir o máximo potencial de realização pessoal, integrar na sociedade e preparar para a vida ativa dando-lhe sentido de realização pessoal e por outro a função de preparação para uma atividade produtiva e socialmente útil, esta última carecendo de certificação. Por outras palavras, Função Educação e Função Certificação. Esta dupla visão da função educação é geradora de tensões e conflitos que habitam a escola de massas.

*Tal dilema consiste, na essência, entre manter a estrutura e a tecnologia herdadas da escola secundária de elite (liceu) ou reconceptualizar-se organizacionalmente com base numa nova realidade de heterogeneidade humana, discente, docente e contextual.*  
(Formosinho1992 cit in: Terrear.2007)

## **1.2 MODELO DE ENSINO PROFISSIONAL: ORIGEM/ CONTEXTO**

Segundo Azevedo (2009:14) no início dos anos 90, Portugal apresentava atrasos estruturais na democratização da educação, fruto de décadas de desinvestimento em educação e formação. As taxas de escolarização apresentavam-se muito aquém da situação europeia. A entrada de financiamento europeu veio criar debates sobre as prioridades na aplicação dos fundos, a par com o “exame à política educativa de Portugal” promovido pela OCDE em 1987 onde se recomendava o investimento na qualificação profissional inicial dos jovens.

Por outro lado, havia da parte dos adolescentes uma expectativa expressa de formação em vias técnicas e profissionais, (Azevedo.2009:3) que acentuam o debate na

sociedade, já iniciado nos anos 80, acerca da necessidade de qualificar os jovens e elevar as taxas de escolarização. A par com a adesão à União Europeia surge a pressão com vista à aplicação de fundos na qualificação dos jovens e população ativa. Impunha-se a diversificação de oportunidades de educação e formação pós-ensino básico em nome de uma maior democraticidade e igualdade de oportunidades “para a formação pessoal, societal e profissional do indivíduo...como um valor intrinsecamente educativo” e não “meramente sobre determinada pela lógica produtiva e económica “ (Alves, 1996,p.34 cit in Azevedo, 2009,p.3).

De acordo com Azevedo (2009) “O ensino secundário profissional nasceu, antes de mais, por um imperativo ético”, como “resposta a uma convocação social muito explícita e para procurar responder a muitas inquietações e angústias de muitas pessoas concretas, famílias, adolescentes e jovens.”

### **1.3 INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

Os curricula das escolas profissionais estão organizados num plano curricular de 3 anos letivos e integra 3 componentes de formação: sociocultural, científica e técnica/prática.

O sistema de progressão modular foi o processo flexível encontrado para fazer progredir os alunos no plano de estudos. Contemplam-se ritmos de progressão diferenciados/ individualizados de acordo com o ritmo de cada aluno.

A Formação em Contexto de trabalho é outra componente que assume elevada importância nestes cursos. Pode desenvolver-se em empresas, instituições, visitas de estudo, estágios ou unidades de prestação de serviços. É proporcionado aos alunos um contacto com a realidade do meio empresarial onde desenvolvem uma atividade ligada ao curso que frequentam.

Para concluir o curso é obrigatória a apresentação de uma prova: Prova de Aptidão Profissional (PAP), que assume a natureza de um projeto transdisciplinar e que é apresentada na fase final do curso.

Embora possuidores de diploma escolar equivalente, os jovens diplomados pelas escolas profissionais têm mais facilidade de se inserirem no mercado de trabalho que os colegas dos cursos tecnológicos do ensino secundário. Esta situação poderá advir do facto

de as escolas profissionais serem um caso de responsabilidade partilhada entre o estado e a sociedade civil, com uma forte cooperação entre as empresas e a comunidade.

Segundo Azevedo (2009) O sucesso do ensino profissional pode sustentar-se em 5 elementos centrais:

- 1) Dimensão da escola e relação pedagógica que potencia
- 2) Modelo pedagógico
- 3) Ligação à comunidade local
- 4) Regime de administração e gestão
- 5) Regime de certificação

#### **1.4 CRIAÇÃO DAS ESCOLAS PROFISSIONAIS/FASES:**

Numa primeira fase, no contexto anteriormente descrito, em 1989, por iniciativa do Ministério da Educação e Ministério do Trabalho, publica-se em Diário da República o normativo – Dec. Lei nº 26/89, de 21 de Janeiro que prevê a criação das Escolas Profissionais.

Ao GETAP (Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional), serviço central do Ministério da Educação criado em 1988, cabia a missão de suscitar a adesão da sociedade a este *projeto* e a criação do modelo que existe até aos dias de hoje.

Os anos noventa assistiram a uma consistente evolução do Ensino Profissional.

A publicação do normativo no Diário da República (decreto-lei n.24/89, de 21 de Janeiro) define o modelo do novo tipo de escola e o GETAP, fomentava a adesão da sociedade pelo envolvimento na criação das escolas em forma de um contrato-programa entre o estado e os parceiros locais.

Os 3 anos seguintes foram palco de uma forte adesão que propiciaram um grande crescimento destas escolas, proporcionando um reajustamento da oferta de formação, que acolhe agora uma população que deseja ingressar na vida ativa como técnicos de nível intermédio. Com planos curriculares diversificados, flexíveis, estas escolas procuram responder às necessidades locais e regionais. Conferem diploma de estudos secundários, equivalência ao 12ºano de escolaridade, permitem o prosseguimento de estudos no ensino superior e um certificado de qualificação profissional de nível IV.

O enquadramento legal das escolas profissionais resulta da lei de Bases do Sistema Educativo, lei 46/86 de 14 de Outubro. Decorrentes desta lei foram publicados vários diplomas regulamentares:

- O Decreto-lei nº 26/89 de 21 de Janeiro - criou as EP's enquanto modalidade especial de educação escolar;
- Decreto-lei 401/91 de 16 de Outubro, estabelece o enquadramento legal da formação profissional inserida no sistema educativo e no mercado de emprego
- Portaria 423/92 de 22 de Maio que define o regime de avaliação nas EP's.
- Decreto-lei 70/93 de 10 de Março introduz alterações ao regime de criação e funcionamento das escolas profissionais e revoga o decreto-lei 26/89
- O decreto-lei 4/98 de 8 de Janeiro, que revoga o decreto-lei 70/93, define que as escolas profissionais se organizam e funcionam, para além dos diplomas legais, de acordo com os seus Estatutos onde é definida a estrutura orgânica, os objetivos, competência dos diversos órgãos e a forma de designação e substituição dos seus titulares.

A criação das Escolas Profissionais surge acima de tudo da iniciativa autónoma de instituições locais que partilham contactos, solidariedades, investimentos e sonhos (Azevedo, 1994). As autarquias surgem como as entidades que lideram este processo, pois normalmente são elas que agregam outras instituições. O financiamento dos cursos profissionais assume a forma de contratos-programa plurianuais, celebrados entre a escola e o estado.

Cada escola recruta os seus professores livremente, geralmente baseados num contrato anual, ou prestação de serviços. Grande parte dos professores da componente sociocultural e científica são professores em regime de acumulação ou destacamento, no caso das disciplinas técnicas integram empresas, o que revela algumas dificuldades de adaptação a este novo sistema por parte dos professores. Por outro lado permite um intercâmbio rico de experiências variadas.

Foi esta proximidade ao território local, a iniciativa autónoma na gestão do projeto educativo, a base do sucesso deste modelo.

Ainda segundo Azevedo (1994), o novo modelo de formação compreende-se à luz de 5 objetivos: adequar a oferta de formação ao contexto envolvente, respondendo, assim,

de forma mais crítica mais próxima e potencialmente mais eficaz às prioridades locais e sub-regionais de desenvolvimento; coresponsabilizar as organizações da sociedade civil na constituição de um subsistema de ensino e formação tecnológica e profissional; territorialização das iniciativas de formação que têm sido objeto de decisão exclusiva da administração central quer sob a forma centrada quer desconcentrada, assente no fortalecimento de articulações horizontais entre atores e parceiros locais em ordem ao estabelecimento de estratégias locais e sub-regionais de educação e de formação; aproveitar eficientemente os escassos recursos, reunindo-os e orientando-os para os fins que os atores locais considerem os mais adequados, e finalmente, gerir mais eficazmente a entrada dos diplomados na vida ativa, observando de perto esse complexo processo de inserção socioprofissional, avaliando-o e corrigindo, se e quando necessário, trajetórias e perspetivas.

A segunda fase, de 1994 a 2005, os 10 anos da travessia no deserto, segundo Azevedo (2009), onde ocorre uma clara travagem, desconfiança política e ideológica.

É uma fase de grande provação para os promotores das escolas, vítimas da hesitação política, que ficam a braços com problemas de apoio técnico e de financiamento. De 1994 a 2002, fruto das mudanças de governo, segue-se o que Azevedo (2009) chama de travessia do deserto. É uma época de desconfiança política e ideológica que via o ensino profissional como “potencialmente facilitador da reprodução das desigualdades sociais”. Por seu lado, os cursos tecnológicos denunciavam elevados índices de fracasso escolar e não se afirmavam como alternativa.

São três os fundamentos apresentados para esta travagem: a necessidade de avaliar e consolidar um modelo que tinha tido um rápido crescimento, o modelo “precário” de financiamento e a necessidade de rever o regime jurídico das escolas e entidades proprietárias (Azevedo:2009). Por outro lado, em 1997 o Ministério da Educação promove uma “revisão participada do currículo” auscultando a sociedade portuguesa sobre o futuro do ensino secundário. No relatório proveniente desta auscultação os autores recomendam a consolidação do ensino profissional enquanto modalidade alternativa ao ensino secundário regular na sua função supletiva deste.

Entre 2002 e 2004, com o Ministro David Justino deu-se uma reestruturação curricular do nível secundário de ensino e formação no sentido de uma homogeneização das modalidades de ensino sob a matriz do ensino geral liceal. A redução da carga horária

e do número de disciplinas dos cursos profissionais revelava sobretudo uma redução do investimento nesta modalidade de ensino. Simultaneamente, o poder central cria novos tipos de cursos (Cursos de Educação e Formação - CEF, Cursos de Formação para Adultos- EFA) e novos dispositivos reguladores, limitando a margem de autonomia das escolas profissionais. É nesta fase também que é criado um projeto-piloto de cursos do ensino secundário profissional em escolas secundárias.

Mais recentemente, em 2005, o ensino profissional passa a constituir uma nova prioridade política e vai expandir-se nas escolas secundárias estatais, dando rosto à iniciativa *Novas Oportunidades*. Estava iniciada a terceira fase. O ensino profissional passa a constituir de novo uma prioridade política e vai-se alargar às escolas secundárias. Dá-se novamente uma expansão muito rápida do número de alunos e cursos profissionais.

A dimensão desta iniciativa de proporções elevadas e esta “importação” do modelo das escolas profissionais para as escolas secundárias, por decreto, sem que se tivesse tido em conta a história e o contexto em que o mesmo surgiu e foi desenvolvido, parece-nos por si só conferir pertinência ao estudo, que pretende constituir um elemento de análise e reflexão e ponto de partida para a implementação de boas práticas.

## **2 IMAGENS ORGANIZACIONAIS DA ESCOLA**

São várias as “lentes” que podemos utilizar para analisar as organizações.

São várias as metáforas de que nos podemos socorrer para melhor ilustrar uma realidade nem sempre óbvia, nem sempre clara. O recurso à metáfora, pelo seu carácter plurívoco e intuitivo, permite uma leitura da realidade mais abrangente e completa.

Há traços dominantes que qualificam a escola como organização. A utilização de diferentes imagens organizacionais/ metáforas, no estudo da escola, possibilita diferentes pontos de vista, uma visão multifacetada e evita o espartilho conceptual de um só enquadramento teórico.

De acordo com Costa (1996), a Escola, dada a sua especificidade enquanto organização, tem-se tornado, ao longo do tempo, alvo de diversos estudos de investigação educacional. Para este autor, a educação possui uma dimensão social que se manifesta na interação, própria do ato educativo, e na existência de diversos agentes sociais com funções educativas. Possui também uma dimensão organizacional que consiste na concretização e materialização da educação, organizada num espaço próprio, um estabelecimento que a cultura ocidental denominou escola.

Assim, ainda de acordo com Costa, não existe um único e melhor modelo para compreender e/ou administrar os contextos organizacionais escolares. O conhecimento de diferentes pressupostos e posicionamentos teóricos permitirão uma visão mais holística da escola.

*Olhar para a escola para ver a escola.* É este o intento a que nos propomos com este trabalho. Debruçar-nos-emos, então, sobre algumas dessas formas de olhar a realidade da organização escolar, convocando alguns modelos organizacionais da escola para melhor a compreender.

### **2.1 A ESCOLA SOB AS LENTES DA TEORIA BUROCRÁTICA**

Numa perspetiva Burocrática, teoria herdeira do sociólogo Max Weber, a Escola é percecionada como uma organização formal marcada por determinadas características.

Segundo Chiavenato (1995), a teoria da burocracia de Weber, baseia-se nas seguintes características:

Em primeiro lugar, *o carácter legal das normas e regulamentos*. Há um conjunto de normas, legislação, que procuram cobrir todas as áreas da organização, prever todas as ocorrências. Há uma organização de racionalidade extrema, coerente com os objetivos. O facto de este conjunto de normas ser legal, escrita, confere às pessoas que exercem o poder, uma autoridade para impor a disciplina e a ordem.

Por outro lado, apresenta-nos *o carácter formal das comunicações* como característica desta burocracia. Tudo o que se faz é escrito, deixa evidências e torna rotineiros os hábitos de comunicação formal. Todos os atos são comprovados.

Uma outra característica apontada pelo autor é *o carácter racional e a divisão do trabalho*. Esta divisão é adequada aos objetivos que se pretende atingir, que, em última análise é a eficiência da organização. A cada elemento da organização é atribuído um cargo específico com determinadas funções altamente diferenciadas e especializadas.

*A impessoalidade nas relações* é outra das características apontadas. A divisão das atividades é feita de acordo com os cargos e funções e não com as pessoas envolvidas, daí o seu carácter impessoal.

*A hierarquia da autoridade* é o que define a característica seguinte. Os cargos são estabelecidos segundo o princípio da hierarquia. Todos os cargos têm uma supervisão e encerram determinados privilégios, obrigações, que são definidos por meio de regras. Estas regras protegem o subordinado da ação arbitrária do supervisor.

Na sequência desta, uma outra característica típica da teoria burocrática, *rotinas e procedimentos standardizados*. As regras e as normas técnicas são para o desempenho de cada cargo. O ocupante de cada cargo não pode fazer o que quiser mas o que a burocracia impõe que ele faça. Há um conjunto de regras e normas que ajustam o funcionário ao cargo e que são direcionadas para a máxima produtividade. As atividades de cada cargo são desempenhadas segundo padrões claramente definidos que facilitam a avaliação de desempenho de cada participante.

Segundo este modelo a escolha das pessoas é baseada no mérito e na competência técnica e não nas competências pessoais. *Competência técnica e meritocracia* A necessidade de exames, concursos, testes e títulos, advêm desta racionalidade que permite uma admissão e promoção baseada em critérios universais.

*A especialização da administração* aparece como característica essencial. Existe uma clara distinção entre a propriedade que pertence à organização e o funcionário. Os administradores da burocracia não são os seus proprietários mas antes os profissionais especializados na sua administração.

*Profissionalização dos participantes.* Cada funcionário da organização é um profissional. Em primeiro lugar é um especialista, especializado nas atividades do seu cargo; é assalariado, recebendo um salário de acordo com o cargo que ocupa; é ocupante de cargo, que é o seu ganha-pão; é nomeado por um superior hierárquico, escolhido pela sua competência e capacidade; o seu mandato é por tempo indeterminado; segue carreira dentro da organização, onde é compensado por sistemática promoção; não possui a propriedade dos meios de promoção. Utiliza os equipamentos mas não é dono deles; é fiel ao cargo e identifica-se com os objetivos da empresa; tende a controlar cada vez mais as burocracias.

*Completa previsibilidade do funcionamento,* esta é a consequência desejada da burocracia. Todos os funcionários se comportam de acordo com as normas e regulamentos da organização. Tudo é estabelecido no sentido de prever todas as ocorrências e tornar rotineira a sua execução, o que pressupõe uma visão padronizada do comportamento humano.

De facto, podemos encontrar na instituição escola muitas destas características puramente burocráticas. As escolas são “bombardeadas” quase diariamente por um conjunto de normas e leis, por parte da tutela, determinadas de forma (instável) como solução para um problema que nem sempre é o problema daquela realidade, dando lugar a um clima de desconfiança.

Embora este modelo apresente virtudes inquestionáveis, esta total previsibilidade de ação parece não deixar lugar à autonomia à individualidade ou à diferenciação. Por outro lado, num sistema onde tudo está descrito, legislado, previsto, a responsabilidade decorrente de uma autonomia real fica aquém do desejável num sistema altamente especializado.

Questionamo-nos de que forma se valorizam os aspetos informais e simbólicos da realidade organizacional e se poderá a instituição escola organizar-se desta forma, previsível, fragmentada, impessoal.

## **2.2 A ESCOLA COMO ARENA POLÍTICA**

De acordo com Costa (1996), numa análise da organização Escola, segundo uma perspetiva política, esta organização é vista como um sistema político em miniatura, cujo funcionamento é análogo ao das situações políticas existentes nos contextos macrosociais. A pluralidade e heterogeneidade de indivíduos que compõem os estabelecimentos de ensino, ditam a pluralidade de objetivos próprios, de posicionamentos hierárquicos. Por outro lado, o mesmo autor considera que a vida escolar se desenrola na base da conflitualidade de interesses e na conseqüente luta de poder, tal qual um sistema político. Costa identifica quatro dimensões fundamentais características dos modelos políticos e que consistem em *interesses, conflitos, poder e negociação*.

A perspetiva micro política valoriza o indivíduo que possui *interesses* de diversa ordem e que procura realizar, em detrimento da organização.

Os indivíduos procuram associar-se formando coligações, para, em conjunto, alcançarem os seus objetivos. Os interesses do grupo passam, assim, a dominar a tomada de decisões nas organizações escolares.

A atividade organizacional é influenciada pelos interesses do indivíduo ou grupo e situam-se, quer no interior da própria escola, quer no seu exterior.

Decorrente desta diversidade de interesses inerente aos vários grupos, a tomada de *decisão* é, segundo Bacharach, cit in Costa (1996), “a primeira arena do conflito político”. Longe de ser conotada negativamente como um problema a evitar, este conflito é percecionado pelos autores como algo natural e inevitável numa organização.

Para esta conceção organizacional, o *poder* assume um lugar central. Costa distingue dois tipos de poder: o poder da autoridade, que corresponde ao poder formal cuja fonte se situa na estrutura hierárquica da organização, e poder de influência, que consiste no poder informal assente no carisma, no conhecimento, experiência ou controlo de recursos.

Segundo Bush (1986) cit in Costa, os responsáveis dos estabelecimentos de ensino dispõem de substanciais formas de poder no campo escolar, nomeadamente o poder de posição oficial; o poder de especialista; o poder pessoal; o poder de controlo das recompensas e o poder coercivo.

Também Formosinho (1980), aborda a questão do poder no âmbito da relação professores - alunos e apresenta-nos seis tipos de poder: físico; remunerativo; pessoal; cognoscitivo; normativo e autoritário.

As decisões na arena política resultam de complexos processos de *negociação* e compromisso que traduzem as preferências daqueles que detêm maior poder e/ou influência. As decisões escolares advêm dessa capacidade de poder e de influência dos diversos indivíduos ou grupos. Mesmo os grupos com menor representatividade nunca se encontram numa situação de total ausência de poder, daí que as decisões nunca sejam tomadas pela imposição unilateral de vontades. Os diversos grupos dispõem de “bens de troca” que gerem na negociação.

De acordo com Hoyle (1986) as organizações escolares estão especialmente propensas para uma atividade micropolítica devido a duas razões: por um lado por revelarem um funcionamento debilmente articulado (*loosely coupled*) em diversas áreas da sua atividade, por outro lado, pelo carácter competitivo e conflitual da tomada de decisões que nem sempre fazem convergir a legitimidade formal das decisões com as formas democráticas percecionadas como as mais apropriadas.

Peter Gronn (1986), identifica quatro fatores que em seu entender justificam a caracterização da escola como arena política: A escassez de recursos; a diversidade ideológica; a conflitualidade de interesses e as diferenças de personalidade. Estes fatores são potenciadores da conflitualidade, de divergência, de heterogeneidade. Cada ator assume, assim, uma postura ativa que vai de encontro à sua personalidade.

Consideramos que este modelo poderá ajudar na leitura da escola sobretudo ao nível das lideranças e das suas ideologias. Sendo a escola uma organização fortemente hierarquizada, com uma grande diversidade ideológica que lhe é inerente, é inevitável a existência de conflitos de interesses e de personalidades a todos os níveis. Aqui é relevante o papel do líder, na gestão de uma ideologia comum a todos, de uma visão partilhada, de uma cultura de compromisso com a missão da escola. Numa escola onde subitamente, sem preparação ou formação para tal, os professores têm que lidar com uma realidade diferente daquela a que estão habituados, nem sempre esta tarefa se apresenta fácil. Tentaremos ver nas escolas em estudo de que forma/ em que instância se verifica esta “luta” política.

## **2.3 A ESCOLA E AS TEORIAS DA AMBIGUIDADE**

A metáfora da anarquia, como meio de caracterizar a organização escolar, assenta sobretudo em conceitos como a Ambiguidade, Imprevisibilidade e Incerteza do funcionamento organizacional, e, por isso se considere que apresenta uma “rutura com os modelos políticos e burocráticos.

De acordo com Costa (1996), este conceito não surge negativamente conotado mas sim como uma metáfora que possibilita a visualização de um conjunto de dimensões que poderão ser encontradas nas organizações escolares. Costa enuncia algumas dessas dimensões e que passo a enumerar: a escola é uma realidade complexa, heterogénea, problemática e ambígua; o seu modo de funcionamento pode ser apelidado de Anárquico na medida em que é suportado por intenções e objetivos vagos, tecnologias pouco claras e participação fluida; a tomada de decisão não surge a partir de uma sequência lógica de planeamento, mas irrompe, de forma desordenada, imprevisível e improvisada do amontoamento de problemas, soluções e estratégias; um estabelecimento de ensino não constitui um todo, unido, coerente e articulado, mas uma sobreposição de diversos órgãos, estruturas, processos ou indivíduos, frouxamente unidos e fragmentados; as organizações escolares são vulneráveis ao seu ambiente externo que, sendo turbulento e incerto aumenta a incerteza e as ambiguidades organizacionais e por fim, diversos processos organizativos desenvolvidos pela escola assumem carácter essencialmente simbólico.

Cohen, March e Olsen (1972) Cit in Costa (1996), entendem por Anarquia Organizada, uma organização que apresenta as seguintes características: objetivos problemáticos, vagos, mal definidos; tecnologias pouco claras, improvisadas e ainda participação fluída, que resulta de uma mudança constante na forma, tempo e importância que os atores dedicam à participação.

Também no que concerne o fator Liderança, Cohen e March (1974) cit in Costa (1996), enumeram quatro tipos de ambiguidade com que se confronta o líder de uma organização: a ambiguidade das intenções, ou seja, fins e objetivos ambíguos geram ambiguidade de intenções; ambiguidade do poder. O poder da liderança é ambíguo e o líder tem, por vezes, que se sujeitar a decisões que não são as suas; ambiguidade da experiência, decorrente da complexidade da realidade e constante mutação e ainda,

ambiguidade do êxito. Não é fácil medir o fracasso e o êxito, o que determina uma consequente ambiguidade na medição desses fatores.

## **2.4 A DECISÃO ORGANIZACIONAL COMO CAIXOTE DO LIXO**

O processo de tomada de decisões nas organizações foi apelidado pelos teóricos da anarquia organizada como o modelo do caixote do lixo (garbage can) e é definido por Cohen, March e Olsen (1972) cit in Costa (1996) como um processo em que a tomada de decisões não segue os processos de sequencialidade lógica mas decorre de uma desarticulação entre problemas e soluções.

As soluções e os problemas são despejados no caixote do lixo das organizações de onde vão sendo retirados aleatoriamente e sem conexão. Isto não significa para os autores que o funcionamento destas instituições seja completamente desorganizado, mas sim que existe uma conexão débil entre os diversos componentes de uma organização.

## **2.5 A ESCOLA COMO SISTEMA DEBILMENTE ARTICULADO**

De acordo com esta perspetiva, apresentada por Karl Weik (1976), cit in Costa (1996), as escolas são organizações “Loosely coupled”, ou seja, debilmente articuladas. Para este autor, as diferentes estruturas, órgãos, estão ligados de forma “frouxa” e desarticulada. Não existe uma coordenação eficiente entre as diferentes atividades ou dimensões numa organização. O mesmo autor identifica oito tipos de articulação débil dentro de uma organização situada ao nível dos indivíduos, subunidades, organizações, ambientes, ideias, atividades, intenções e ações.

## **2.6 A ESCOLA COMO SISTEMA CAÓTICO**

Mais recentemente tem vindo a ser desenvolvida uma perspetiva organizacional que apresenta uma conceção de escola como um sistema caótico.

Griffiths, Hart e Blair (1991) cit in Costa (1996), apresentam um artigo onde desenvolvem esta temática.

Costa toma por base este trabalho e apresenta um conjunto de sete conceitos centrais desta perspetiva:

- 1- Efeito de borboleta. Qualquer acontecimento, pequeno ou grande, pode influenciar o funcionamento de uma organização.
- 2- Ataque de turbulência. Os momentos de distúrbio e desordem podem surgir a qualquer momento, em plena estabilidade organizacional.
- 3- Estruturas dissipativas. As organizações são compostas de estruturas que estão sujeitas a mudanças radicais. É necessário um alerta constante.
- 4- Choques do acaso. Todos os sistemas caóticos estão dependentes de choques do acaso.
- 5- Forças de atração estranhas. Existem elementos ou forças ocultas que emergem repetidamente e que introduzem ordem nos sistemas caóticos.
- 6- Simetrias recorrentes. Mais do que a unidade individual, interessa prestar atenção às formas que se mantêm simétricas nos diversos níveis do sistema.
- 7- Mecanismos de feedback. O processo de retroação segundo o qual as saídas (outputs) entram novamente no sistema transformando-se em entradas (inputs) e introduzindo uma nova energia na organização

Esta leitura, também possível, da instituição escola vislumbra-se como uma leitura cada vez mais focada, mais clara, se pensarmos na transposição do modelo do ensino profissional para as escolas secundárias. Uma transposição feita sem controlo sobre a qualidade, o contexto, ou a vontade dos envolvidos tornando-a o “caixote do lixo” da oferta formativa das escolas secundárias. Uma decisão manifesta de desarticulação entre os problemas e as soluções. Por um lado as intenções, os discursos, as decisões, por outro, as práticas.

Instalam-se a Ambiguidade, Imprevisibilidade e a Incerteza. Vão-se tomando decisões imediatas e dificultando a capacidade de avaliação dos resultados.



### **3 AS TEORIAS DA REGULAÇÃO SOCIAL**

“ Tudo se passa como quando olhamos para o céu, azul e limpo, e não vemos nada mais que um imenso azul.”  
Azevedo (2007)

Para Azevedo (2007), “ A evolução das políticas educativas nacionais, em qualquer país do mundo, tende a ser expressão de uma construção social contínua, tensa, silenciosa e quase impercetível, regulada pelo sistema educativo mundial. Este atua como um perfume que trespassa as vestes nacionais, regionais e locais ágeis a revelar fragrâncias encantatórias e legitimadoras, cuja fonte está bem longe de ser o local, o regional ou o nacional.”

Para este autor, existe uma predominância crescente da mudança do sistema educativo mundial nas políticas nacionais, regionais e locais da educação, característica esta que atinge a própria tendência global para a afirmação dos particularismos nacionais, regionais e locais, a “glocalização”.

Esta globalização, enquanto fenómeno social reveste-se de um conjunto de características que influenciam o modo de pensar e de agir localmente. Existe como que um fascínio humano sobre tudo o que é universal e global. Por outro lado, o mesmo autor considera que esta “externalização” funciona como um “mecanismo desresponsabilizante”.

Azevedo apresenta o sistema educativo mundial como composto por um conjunto de dimensões cuja identificação o autor situa em torno de 7: são elas, escolarização de massas (estado-nação: um modelo cultural transnacional);expansão da ideologia da modernização e do progresso (educação como componente central da tecnologia do progresso e da modernização);externalização dos sistemas educativos nacionais (legitimação de políticas e procedimentos); globalização económica, cultural e política; sistema de comunicação científica (Unesco, OCDE, EU, Banco Mundial); ação das organizações internacionais (PISA, ERASMUS,...) e finalmente, educação comparada internacional.

Para ilustrar a forma subtil como o sistema educativo mundial regula as políticas de educação nacionais, Azevedo socorre-se da metáfora da teia de aranha, (CITO)

*“o rendilhado do sistema educativo mundial, tal como uma teia de aranha, é uma construção imparável, conflituosa, contínua silenciosa e, paradoxalmente quase impercetível para os cidadãos, sob certos ângulos de visão mais apressada, tecido em que laboram dezenas de organizações internacionais, milhares de peritos e cientistas da educação, cerzido em centenas de revistas, de livros e de sites, em comunicações e encontros que decorrem pelo mundo fora e em permanentes e prolongadas contemplações transnacionais entre os países, olhares estes, predominantemente dirigidos da periferia para o centro do sistema mundial.”*

Azevedo utiliza ainda a metáfora do céu azul e limpo, onde não se percebe nada para além disso. No entanto, este está permanentemente crivado por uma importante rede de corredores de passagem dos aviões. Eles não são vistos mas existem, e desempenham um papel importantíssimo na regulação do tráfego aéreo. Da mesma forma, as escolas locais e seus dirigentes e até os responsáveis políticos nacionais quando lançam reformas educativas têm dificuldade em ver a ação do sistema educativo mundial.

O autor propõe então um repensar a regulação na educação. Considera desejável reequacionar as dimensões transnacional, nacional e local em educação; considerar as múltiplas conexões entre os 3 níveis de regulação e sobretudo, propõe a mudança do paradigma pensar global, agir local para um novo pensar global e agir global, pensar local e agir local no sentido da democratização das organizações.

Barroso (2006) aborda a temática da regulação não privilegiando os conteúdos e efeitos das mudanças mas o seu significado e, nesse sentido, aponta 3 níveis de regulação, diferentes mas complementares: Regulação Transnacional, Regulação Nacional e Microrregulação Local.

Por **regulação transnacional** Barroso (2006) define “o conjunto de normas, discursos e instrumentos (procedimentos técnicos, materiais diversos) que são produzidos e circulam nos polos de decisão e consulta internacionais, no domínio da educação, e que são tomados, pelos políticos, funcionários ou especialistas nacionais como “obrigação ou “legitimação” para adotarem ou proporem decisões ao nível do funcionamento do sistema educativo.

Segundo o autor, este tipo de regulação tem 2 tipos de origem: por vezes tem origem nos países centrais, fazendo parte de um sistema de dependências em que se encontram os países periféricos no quadro de constrangimentos estruturais de natureza política ou económica e podem resultar da existência de estruturas supranacionais (como é o caso de Portugal na União Europeia). Neste caso, mesmo que não seja assumida

formalmente uma decisão de matéria educativa, “ controlam e coordenam, através de regras e de sistemas de financiamento, a execução das políticas nesse domínio.

Para além destes sistemas de regulação mais formais, existem, segundo Barroso (2006), outras formas mais subtis e informais de se exercer uma regulação transnacional, patente em programas de cooperação, apoio, investimento e desenvolvimento com origem em diferentes organismos internacionais. Estes programas, apoiados em especialistas dos diferentes países, sugerem (impõem) diagnósticos, metodologias que acabam por constituir uma espécie de “pronto-a-vestir” na apresentação de soluções aos problemas que se apresentam.

É neste contexto que se assiste a uma espécie de “ contaminação” internacional de conceitos, políticas e medidas à escala mundial que advém, segundo Walford (2001) cit in Barroso (2006), do facto de haver uma tendência em se adotar as soluções de determinado país e as aplicar nos seus próprios sistemas educativos.

Esta transposição e referência às situações mundiais tem, segundo Schriewer (2001) cit in Barroso (2006), três funções distintas: função de justificação de valores e ideologias, de auto-legitimação e de imputação do fracasso.

Por **regulação nacional** Barroso (2006) define o modo como as autoridades públicas (Estado) exercem a coordenação, o controlo e a influência sobre o sistema educativo orientando através de normas, injunções e constrangimentos o contexto de ação dos diferentes atores sociais e seus resultados.

Para este autor, em Portugal, o sistema público de educação foi construído com base no poder e na autoridade do estado, tendo evoluído para uma aliança entre o Estado e os professores com manifesta exclusão dos pais dos alunos e da comunidade em geral.

Segundo Clarke e Newman (1997) cit in Barroso (2006), a institucionalização do serviço público bem como do estado de providência fizeram-se através de um compromisso entre a Administração Burocrática e o Profissionalismo enquanto garantes institucionais da prossecução do bem comum.

Segundo Barroso, a história da escola foi marcada desde o início, por uma tensão permanente entre “Racionalidade Administrativa” e “Racionalidade Pedagógica”, que configuram dois modos distintos de regulação: a regulação estatal de tipo burocrático e administrativo, mediatizada através do Diretor da Escola, que fiscaliza o cumprimento de normas e regulamentos e uma regulação do tipo profissional e pedagógico em que a escola

é vista como uma “organização profissional”, com relativa autonomia pedagógica e financeira, onde o Diretor exerce as suas funções mais como um líder pedagógico. Esta conflitualidade originou uma política de compromisso que, segundo Hanson (1985) cit in Barroso (2006), na gestão da escola, se traduziu pela coexistência de duas zonas: “zona de influência dos administradores” e “zona de influência dos professores”.

Esta aliança entre Estado e Professores, reforçou as características de escola como “Burocracia profissional” e fez-se à custa da redução da influência dos alunos e das famílias.

O colapso deste regime burocrático-profissional é imagem da crise do Estado de Providência e origina políticas de reestruturação do serviço público. Popkewitz (2000) cit in Barroso (2006), aponta como consequência, o “hibridismo”, ou seja, o carácter plural/misto das reformas educativas, dos seus pressupostos, orientações e procedimentos que se manifesta a dois níveis: por um lado nas relações entre países pondo em causa a ideia de uma aplicação “passiva” pelos países da periferia, dos modelos de regulação concebidos pelo centro; por outro lado pela utilização, no mesmo país, de modos de regulação procedentes de “modelos” distintos.

Tomando como referência o caso português, são apresentados dois movimentos aparentemente contraditórios, mas com função complementar. Por um lado um discurso político que privilegia uma regulação pelo mercado e por outro a manutenção de práticas conservadoras e burocráticas por parte da administração, reforço do poder das estruturas desconcentradas do Ministério e na limitação da autonomia das escolas na gestão de recursos.

A um nível mais local, Barroso (2006) aponta a ***Microrregulação Local*** como o terceiro tipo de regulação e remete a sua definição para “um complexo jogo de estratégias, negociações e ações, de vários atores, pelo qual as normas, injunções e constrangimentos da regulação nacional são reajustadas localmente, muitas vezes de modo não intencional”. Em suma, é o processo de coordenação da ação dos atores no terreno.

Os polos de influência da microrregulação local são diversificados e podem situar-se tanto nos serviços da administração como nas organizações educativas, como em grupos de interesse, como em atores individuais com interferência direta no funcionamento do sistema educativo (pais, alunos, professores, funcionários, gestores...).

Para descrever este processo de regulação, Barroso (2006) serviu-se da metáfora da rede, marcando assim a rutura com uma visão estruturalista e burocrática das organizações. A metáfora da rede realça uma perspetiva interacionista, baseada na multiplicidade de conexos possíveis entre elementos que podem desempenhar funções diferentes.

Para o mesmo autor, esta existência de múltiplos espaços de microrregulação local produz um efeito “mosaico” no interior do sistema educativo nacional que acentua a diversidade e a desigualdade.

Como exemplo da existência desta microrregulação, a “descoberta” da existência de territórios com necessidades educativas especiais, a crescente diferenciação entre as escolas, a existência de redes ou partenariado, a existência de normas derogatórias e medidas excecionais para problemas específicos.

Este modelo de análise utilizado pelo autor permitiu evidenciar a complexidade dos processos de regulação das políticas e da ação pública em educação. Contrariamente à ideia do “estado educador” que através do Ministério da Educação tudo decide e controla, o autor demonstra que a regulação do sistema educativo resulta de um complexo sistema de coordenações (e co-coordenações) com diferentes níveis, finalidades, processos e atores, interagindo entre si, de modo muitas vezes imprevisível, segundo racionalidades, lógicas, interesses e estratégias distintas.” Barroso,2006:60

É neste contexto de regulação a diversos níveis que surge a transposição dos cursos profissionais para as escolas secundárias. Sem um envolvimento daqueles que fazem há mais de vinte anos e com sucesso validado, sem uma formação e preparação das escolas para uma realidade diferente daquela que existia até então. Há uma decisão tomada em instâncias superiores que é abraçada pelas escolas como panaceia para os males que a cercam.

Nesta complexidade de dimensões e redes de regulação onde fica a autonomia da escola? Haverá lugar para a diferenciação positiva, sem a carga de estigmatização? E a responsabilização decorrente de uma ação tomada no sentido ético da educação?

Tendo como enfoque teórico as teorias organizacionais apresentadas, e as teorias da Regulação Social, pretendemos “olhar as escolas” e perceber de que forma se organizam para o sucesso, no que respeita sobretudo a lecionação dos cursos profissionais. Como foi feita esta transposição e que resultado está a gerar.

## **PARTE II**

---

### **1 METODOLOGIA**

O estudo que se pretende desenvolver insere-se na problemática do Ensino Profissional e tem como objeto de estudo empírico os Cursos Profissionais.

Tomou-se como ponto de partida um concelho, nesse concelho foram selecionadas duas escolas, uma escola secundária onde são lecionados cursos profissionais e uma escola profissional.

A amostra é constituída por 76 alunos que em 2009/2010 frequentavam um curso profissional de nível 3 numa escola secundária, nos cursos de Animador sociocultural, Técnico de Informática e Gestão, Técnico de Multimédia, Técnico de Apoio Psicossocial, e por 76 que frequentavam uma Escola Profissional nos cursos de Técnico de Restauração variante restaurante /bar, Técnico de Restauração variante cozinha/ pastelaria e Técnico de Turismo.

Optou-se deliberadamente por aplicar os questionários a turmas que se encontrassem no 1º, 2º e 3º anos em ambas as escolas, na expectativa de obter uma amostra mais estratificada e mais representativa da realidade escolar.

Foram também realizadas entrevistas semi-direcionadas a 2 ex-alunos de cursos profissionais (no caso da Escola Profissional) e a 6 alunos em fase de conclusão do curso na Escola Secundária.

Relativamente aos professores/ formadores, dado tratar-se de um universo muito reduzido optou-se por aplicar os questionários à totalidade. No entanto, responderam apenas 21 professores/ formadores da ES e 16 professores/formadores da EP.

Foram ainda realizadas entrevistas semiestruturadas aos Diretores de ambas as escolas.

#### **1.1 QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO**

O estudo que apresentamos procura cruzar a realidade dos cursos profissionais lecionados nas escolas profissionais com as escolas secundárias.

Associadas a esta pretensão formulamos as seguintes questões:

- Quem procura os cursos profissionais nas escolas secundárias e nas escolas profissionais?
- Que fatores são mais valorizados pelos alunos e professores nos cursos profissionais?
- De que forma está organizada a realização da PAP?
- Que fatores são tidos em conta/valorizados na organização da FCT?
- De que forma é realizada/ percebida a progressão modular?
- Como é desenvolvida a ligação ao mundo do trabalho?

## **1.2 MÉTODOS E INSTRUMENTOS**

Aos alunos e professores foi aplicado um questionário estruturado com base numa escala de Lickert, escolha múltipla.

Após a realização de um pré-teste, aplicado a 5 alunos e 5 professores, realizaram-se algumas alterações, sobretudo ao nível da formulação das questões, e obtiveram-se os questionários definitivos.

A análise dos resultados dos questionários foi feita com recurso ao programa informático de estatística SPSS.

Com base na revisão bibliográfica realizada foram construídos os guiões das entrevistas aos Diretores de ambas as escolas e aos ex-alunos.

Tratando-se de um estudo sobretudo qualitativo onde se pretende recolher opiniões, optou-se pela entrevista semiestruturada e semidirecta.

## **1.3 PROCEDIMENTO**

No início do ano letivo 2009/2010 foi efetuado um contacto pessoal, seguido de uma solicitação por escrito, a ambos os diretores das escolas, no sentido de apresentar o estudo e solicitar autorização para a aplicação dos questionários a alunos e professores e ainda para a realização da entrevista.

A resposta foi igualmente pronta e positiva em ambos os casos. Ambos os diretores (EP e ES) manifestaram a sua disponibilidade e a sua satisfação para contribuir para o estudo.

Após este contacto, o processo decorreu com normalidade e sem contratemplos. No decorrer do segundo período, foram agendadas e realizadas as entrevistas aos diretores e foram contactados os Diretores de Turma/ Orientadores Educativos, para a aplicação dos questionários aos alunos.

As entrevistas aos ex-alunos e alunos em fase de conclusão realizaram-se no terceiro período, após a realização da Formação em Contexto de Trabalho, sempre contando com a ajuda de ambas as escolas, quer no contacto com os sujeitos, quer na cedência das instalações para a realização das entrevistas.

As entrevistas aos Diretores tiveram sensivelmente a mesma duração, aproximadamente 45 minutos.

As entrevistas aos ex-alunos e alunos em fase de conclusão rondaram, em média os 15 minutos. Os entrevistados foram informados do objetivo da mesma e do seu carácter voluntário, individual e confidencial.

Todas as entrevistas foram gravadas em formato áudio, com a autorização os entrevistados.

Terminadas as entrevistas, procedeu-se à sua transcrição e análise de conteúdo.

Relativamente aos questionários, o processo foi muito semelhante: após a autorização dada pela direção de ambas as escolas, contactou-se os Diretores de Turma/ Orientadores educativos que aplicaram os questionários aos alunos.

Os professores e formadores foram informados do estudo por uma circular colocada nos livros de ponto e, com a ajuda de uma funcionária, foram distribuídos e recolhidos de acordo com um prazo pré – estabelecido.

No que diz respeito aos professores/ formadores, seguiu-se o critério de aplicação de questionários à totalidade dos elementos. Desta forma, embora tenha sido solicitado o preenchimento do questionário a todos os professores/ formadores, responderam ao mesmo 21 professores/ formadores da escola secundária e 16 da escola profissional.

Os dados obtidos pelos questionários foram tratados no programa de análise estatística SPSS.

Realizaram-se também entrevistas aos Diretores das duas escolas.

No caso da Escola Profissional realizou-se entrevistas a ex-alunos, procurando-se sempre abranger um leque variado de cursos frequentados e situações profissionais atuais. No caso da escola secundária, visto que estes são os primeiros alunos diplomados, optou-se por entrevistar 6 alunos, com a formação em contexto de trabalho já concluída.

Os estabelecimentos de ensino onde se realizou o presente estudo, situam-se no mesmo concelho, no norte/ interior, dominado pela ruralidade e pela interioridade que o caracterizam.

## 2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O presente ponto pretende apresentar o resultado da análise dos questionários e entrevistas aplicados aos alunos, professores, Diretores e diplomados da Escola Secundária (ES) e Escola Profissional (EP) em estudo.

A Escola Profissional onde foram realizados os questionários está em funcionamento desde 1989, e a Escola Secundária, embora detenha experiência com cursos tecnológicos oferece os cursos profissionais desde 2007/2008.

### 2.1 ALUNOS

Começamos por apresentar uma breve caracterização dos alunos respondentes ao questionário.

A componente dos alunos é composta, como foi já referido, por 76 alunos da Escola Profissional (EP) e 76 da Escola Secundária (ES), distribuídos pelos 3 anos de formação, pelos cursos de Técnico de Restauração variante Restaurante Bar (TRRB), Técnico de Restauração, variante Cozinha Pastelaria (TRCP), Técnico de Turismo (TT), Animação Sociocultural (ASC), Técnico de Multimédia (TMM), Técnico de Informática e Gestão (TIG) e Técnico de Apoio Psicossocial (TAPS), conforme tabela 2.

**Tabela 2: Curso Profissional que frequenta**

Ano frequentado	Escola	Curso profissional que frequenta						Total	
		TR(RB)	TR(CP)	TT	ASC	TMM	TIG		TAPS
Primeiro	EP	20			0				20
	ES	0			26				26
	Total	20			26				46
Segundo	EP	18		13		0	0		31
	ES	0		0		5	18		23
	Total	18		13		5	18		54
Terceiro	EP		25					0	25
	ES		0					27	27
	Total		25					27	52

Tentou abranger-se igual número de alunos em ambas as escolas, assim como uma variedade de cursos, com o intuito de obter uma amostra mais ampla e estratificada.

No que diz respeito às idades dos alunos, verifica-se um equilíbrio entre as duas escolas, encontrando-se a grande maioria dos alunos na casa dos 17 anos, como pode ver-se pela tabela 3 – idade a 31 de dezembro de 2009.

**Tabela 3: Idade a 31 de dezembro de 2009**

		Idade a 31 de dezembro de 2009									Total
		1	15	16	17	18	19	20	21	22	
Escola	EP	0	3	19	23	14	11	4	2	0	76
	ES	1	6	14	27	16	7	3	1	1	76
Total		1	9	33	50	30	18	7	3	1	152

A grande maioria dos alunos de ambas as escolas reside no mesmo concelho onde estão sediadas as mesmas, no entanto, enquanto na Escola Secundária apenas 1 aluno afirma residir num concelho vizinho, na Escola Profissional esse número sobe para 10.

**Tabela 4: Concelho de residência**

		Concelho de residência				Total
		Cinfães	Castelo de Paiva	Penafiel	Marco de Canaveses	
Escola	EP	66	3	2	5	76
	ES	75	1	0	0	76
Total		141	4	2	5	152

Enquanto os alunos da Escola Secundária são quase na totalidade provenientes de escolas do mesmo concelho, na grande maioria (68) da mesma escola, os alunos da Escola Profissional provêm de outras escolas.

Relativamente às habilitações académicas do pai, no caso da Escola Profissional o maior número (34) refere ter o 1º ciclo, na Escola Secundária o grande número (34) situa-se no 2º ciclo. No entanto, enquanto na Escola Profissional existem 3 pais com o 12º ano, na Escola Secundária apenas existe 1.

**Tabela 5: Habilitações académicas do pai**

		Habilitações académicas do pai				Total
		1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	12ºano	
Escola	EP	34	24	8	3	69
	ES	28	34	6	1	69
Total		62	58	14	4	138

No que diz respeito às mães, verifica-se o inverso: é no caso da Escola Profissional que as mães apresentam habilitações académicas superiores às da Escola Secundária. No entanto, enquanto na Escola secundária existem 2 mães com curso superior, na Escola Profissional não existe nenhuma.

**Tabela 6:** habilitações académicas da mãe

		Habilitações académicas da mãe					Total
		1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	12º ano	curso superior	
Escola	EP	29	31	10	4	0	74
	ES	33	29	10	2	2	76
Total		62	60	20	6	2	150

Para analisar a questão referente à profissão (mãe e pai), optou-se seguir o *Índice Nacional de Profissões*, (anexo I) apresentando apenas as 10 grandes categorias, incluindo cada profissão nessa grande categoria de acordo com a formação exigida e tipo de trabalho realizado.

Relativamente à profissão do pai, pode verificar-se que, tanto na Escola Profissional como na Escola Secundária, a grande maioria se insere no grupo dos Operários, artífices e trabalhadores similares ou no grupo Trabalhadores não qualificados.

**Tabela 7:** profissão do pai

		profissão do pai											Total	
		de nível intermédio	administrativo e similares	vendedores	personal dos serviços e	da agricultura e p	trabalhadores similares	artífices e trabalhadores da mont	trabalhadores qualificados	trabalhadores não qualificados	forças armadas	Falecido		reformado
Escola	EP	4	1	6	2	33	6	9	1	3	5	1	0	71
	ES	3	3	4	0	23	1	23	0	0	2	0	6	65
Total		7	4	10	2	56	7	32	1	3	7	1	6	136

No que diz respeito às mães, o grande grupo (EP-62; ES-58) situam-se nos trabalhadores não qualificados, que, no caso corresponde na totalidade à profissão doméstica.

**Tabela 8:** profissão da mãe

		profissão da mãe	Total

		das profissões intelectuais e científicas	técnicos e profissionais de nível intermédio	personal administrati vo e similares	personal dos serviços e vendedores	operários, artífices e trabalhadores similares	operários, trabalhadores da mont agem e máquinas	trabalhadores qualificados e não qualificados	Reformada	não sei	desemprego da	
Escola	EP	0	0	5	0	5	1	62	0	1	0	74
	ES	1	2	3	4	3	1	58	1	0	2	75
Total		1	2	8	4	8	2	120	1	1	2	149

- Dos dados apresentados observa-se uma grande homogeneidade no que refere à idade dos alunos e ainda às habilitações académicas e profissão dos pais.
- Origem social e cultural dos alunos de ambas as escolas muito baixa.
- O fator diferenciador reside na questão da residência e escola de proveniência dos alunos. No caso da Escola Secundária a esmagadora maioria dos alunos é proveniente do mesmo concelho e da mesma escola, enquanto na Escola Profissional há um número significativo de alunos que vêm de outros concelhos e de outras escolas.
- Estas evidências apresentadas podem significar por um lado que os cursos profissionais se apresentam como solução para o abandono precoce da escolaridade obrigatória e por outro, que há uma procura ativa e em específico de determinado curso nas escolas profissionais.

Na segunda parte do questionário solicitou-se aos alunos que assinalassem com um X a frase que melhor representava a sua posição face à escolha daquela escola e daquele curso.

À questão “*Em que momento do seu percurso escolar decidiu optar por um curso profissional?*” – gráfico 1, a tendência das respostas obtidas nas duas escolas mantém-se muito equilibrada.

A grande maioria dos alunos assinala como momento de opção por um curso profissional o final do 9º ano. (EP-64 e ES-57)

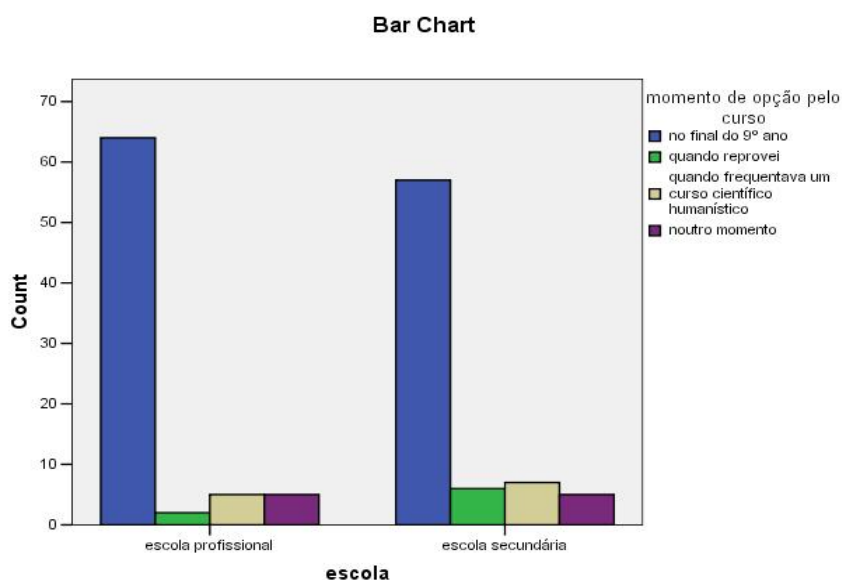


Gráfico 1: momento de opção pelo curso

Já na questão *“Como teve conhecimento do curso que frequenta”*, na Escola Profissional as respostas distribuem-se pelas opções *“através de familiares”* (26) e *“Através de amigos/ colegas”* (33). Na Escola Secundária o grosso das respostas situa-se nas opções *“Por indicação do SPO”* (30) e *“ através de professores”* (20), o que parece indicar um forte papel da escola secundária no encaminhamento dos seus alunos e simultaneamente uma afirmação social de confiança e valor da escola profissional.

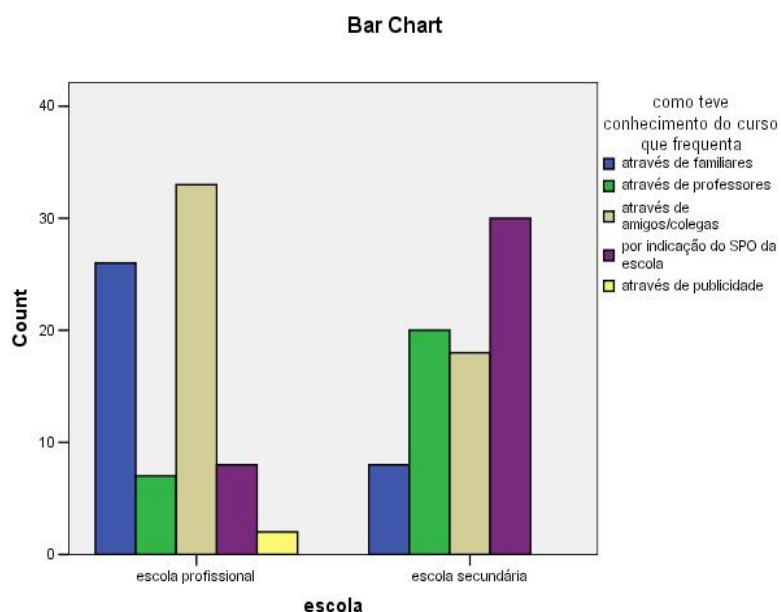


Gráfico 2: como teve conhecimento do curso que frequenta?

Foi perguntado ainda aos alunos qual a razão da opção por um curso profissional (gráfico 3- Porque escolheu um curso profissional?) em que os alunos poderiam optar por mais que uma resposta. Apresenta-se de seguida o gráfico, onde se podem ver as afirmações mais assinaladas pelos alunos.

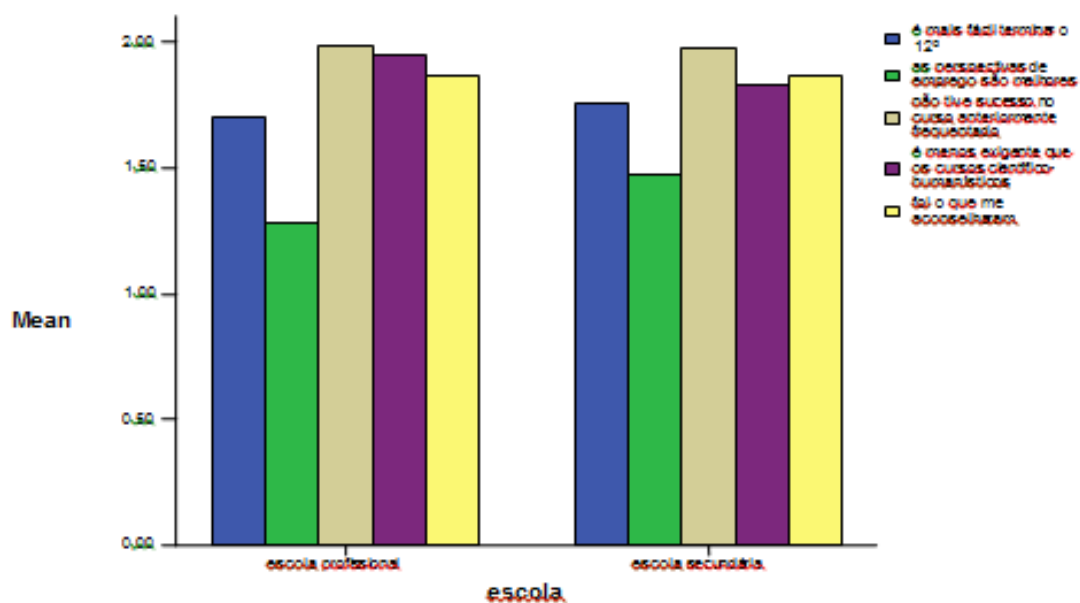


Gráfico 3: Porque escolheu um curso profissional?

A afirmação com mais expressão é “as perspectivas de emprego são melhores” assinalada por 55 alunos da EP e por 40 da ES, logo seguida por “é mais fácil terminar o 12º”,(com 23 EP e 8 ES).

A afirmação “ Não tive sucesso no curso anteriormente frequentado” foi apenas sinalizada por 1 aluno da EP e 2 da ES o que parece destronar a ideia que este seria o “escape” para os alunos do insucesso.

A afirmação “É menos exigente que os cursos científico- humanísticos” também se reveste de interesse comparativo dado que apenas 4 alunos da Escola Profissional a escolheram, contra 12 da Escola Secundária. Embora o número pareça diminuto em ambos os casos, há um claro afastamento da ideia de facilitismo dos cursos profissionais especialmente por parte dos alunos da Escola Profissional.

Procurou-se de seguida fechar um pouco mais a questão da opção, perguntando aos alunos a razão da escolha do curso onde, mais uma vez se lhes deu a oportunidade de escolher mais que uma resposta. (gráfico 4- *Porque escolheu este curso?*)

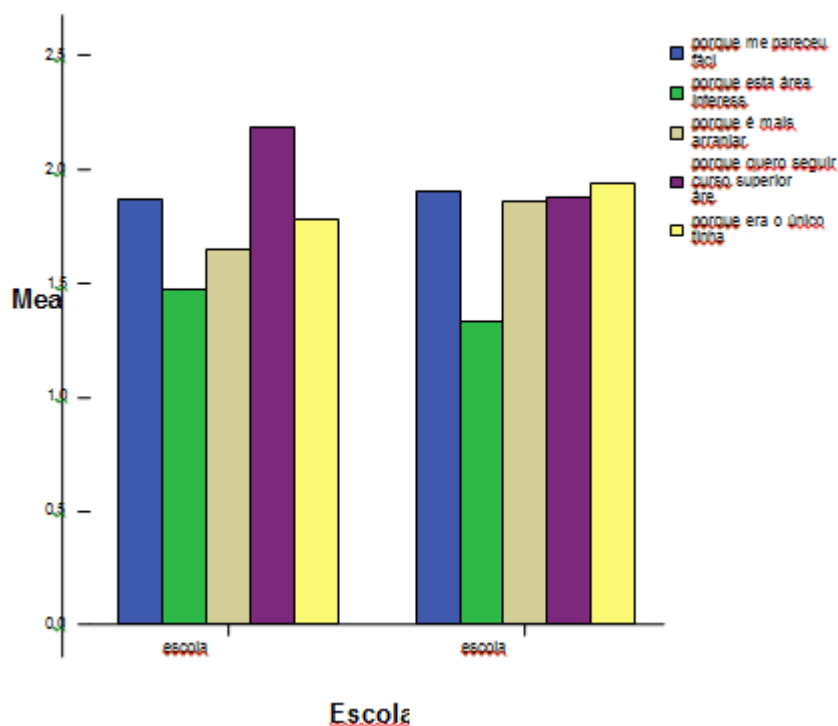


Gráfico 4: Porque escolheu este curso? (pode assinalar mais do que uma resposta)

Na questão “*Porque escolheste este curso?*”, a afirmação mais vezes assinalada, (40 EP e 52 ES), foi a resposta “*Porque esta área me interessa*”, seguida de “*Porque é mais fácil arranjar emprego*”: (27EP 13Es). Parece-nos haver por parte dos alunos uma identificação do curso profissional com uma saída para o mundo do trabalho numa área que lhes agrada.

Há no entanto um número significativo de alunos da Escola Secundária (10) que opta pela afirmação “*Porque quero seguir um curso superior nesta área*”.

Na questão “*Alguém o influenciou na escolha do curso?*” podemos observar que os alunos da Escola Profissional apresentam como fatores de influência na escolha do curso sobretudo os colegas/ amigos, logo seguido dos pais.

No caso dos alunos da Escola secundária, a grande influência apresentada para a escolha do curso vem dos Serviços de Psicologia e Orientação.

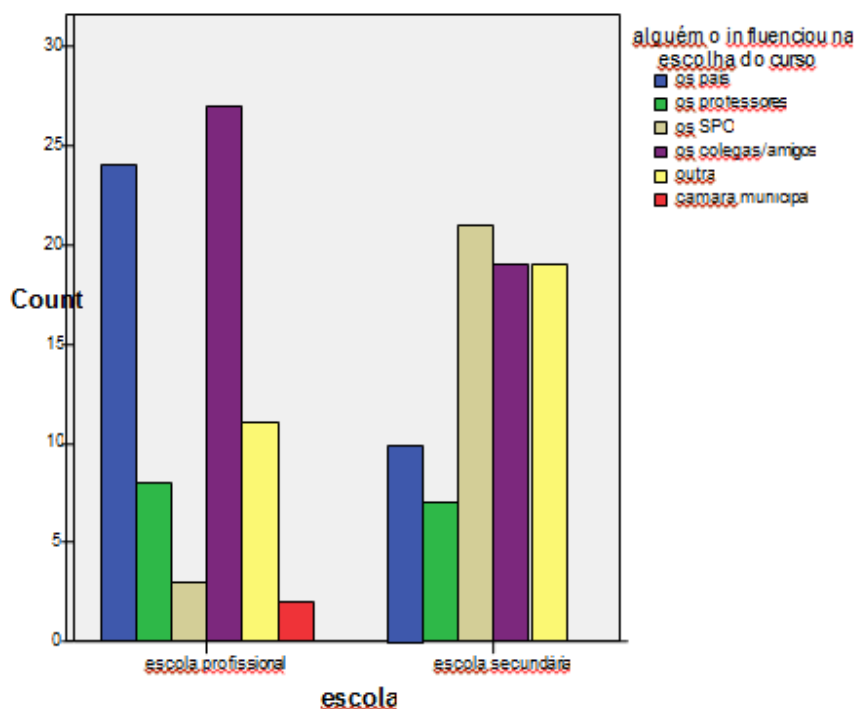


Gráfico 5: Alguém o influenciou na escolha do curso?

Do grupo de afirmações apresentadas para a razão da opção daquela escola, (gráfico 6) pode observar-se o seguinte: os alunos da escola profissional valorizam a opção “é considerada uma boa escola” e “os alunos saem daqui com uma boa formação” enquanto os alunos da escola secundária valorizam as respostas “Porque fica mais perto de casa” e “era a escola que frequentava no ano anterior”

A escolha destas afirmações consegue explicar-se/ perceber-se se tivermos em conta as afirmações referentes ao gráfico anterior, onde os alunos indicam ter sido influenciados pelos SPO para a escolha do curso.

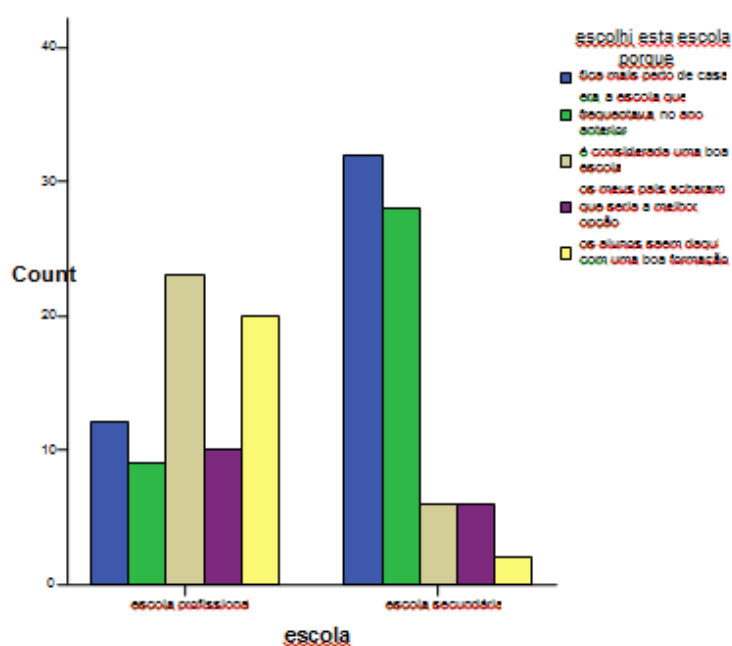


Gráfico 6: Escolheu esta escola porquê?

A partir dos dados apresentados ressaltam os seguintes aspetos:

- Existe uma forte homogeneidade entre as duas escolas quanto ao momento de opção pelo curso, que se situa no final do 9º ano.
- Os alunos da Escola Profissional fizeram a sua opção assente numa base de confiança e sugestão de amigos familiares, afastando a ideia de facilitismo dos cursos profissionais e identificando esses cursos como meio de saída para o mundo do trabalho. Eles valorizam a formação ministrada.
- Os alunos da Escola Secundária, assentam a sua opção maioritariamente nas indicações do SPO e dos professores e no facto de a escola ser a mesma que frequentaram no ano anterior e se situar mais perto de casa. Grande parte afirma querer enveredar por um curso superior.

Na parte III do questionário foi pedido aos alunos que exprimissem a sua opinião relativamente à escola, ao curso, aos professores, Direção, Prova de Aptidão Profissional, Formação em Contexto de Trabalho e perspetiva de futuro, através de uma escala de Lickert com 5 níveis que vão de: 1- concordo inteiramente; 2- concordo; 3- discordo; 4- discordo inteiramente; 5- sem opinião.

Consequentemente, nos gráficos apresentados, as colunas com maior amplitude representam o maior nível de discordância.

Foi pedido aos alunos que em frente de cada frase apresentada assinalassem com um X o quadrado relativo ao algarismo que melhor representasse a sua opinião.

A primeira questão apresentada refere-se à escola (gráfico 7). Relativamente a esta questão, os alunos da Escola Profissional manifestam maior concordância com a afirmação “ *A escola está preparada para lecionar cursos profissionais*” e “ *As atividades realizadas pela escola têm relação com o curso*” valorizando claramente a sua formação e papel da escola.

Os alunos da Escola Secundária, por seu lado, manifestam maior concordância com a afirmação “ *existe um bom relacionamento com os colegas da turma*” valorizando mais as questões de convivência e socialização.

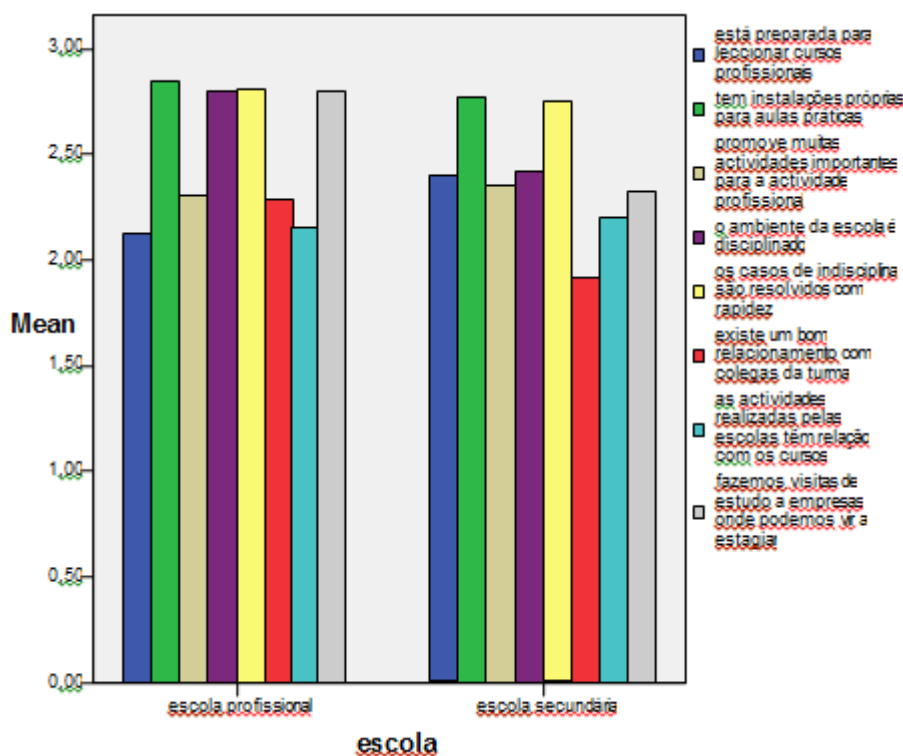


Gráfico 7: A escola

No que respeita as opiniões dos alunos relativamente **ao curso**, há um equilíbrio entre as respostas dadas pelos respondentes de ambas as escolas.

Nenhuma resposta atinge o valor 3- “discordo”.

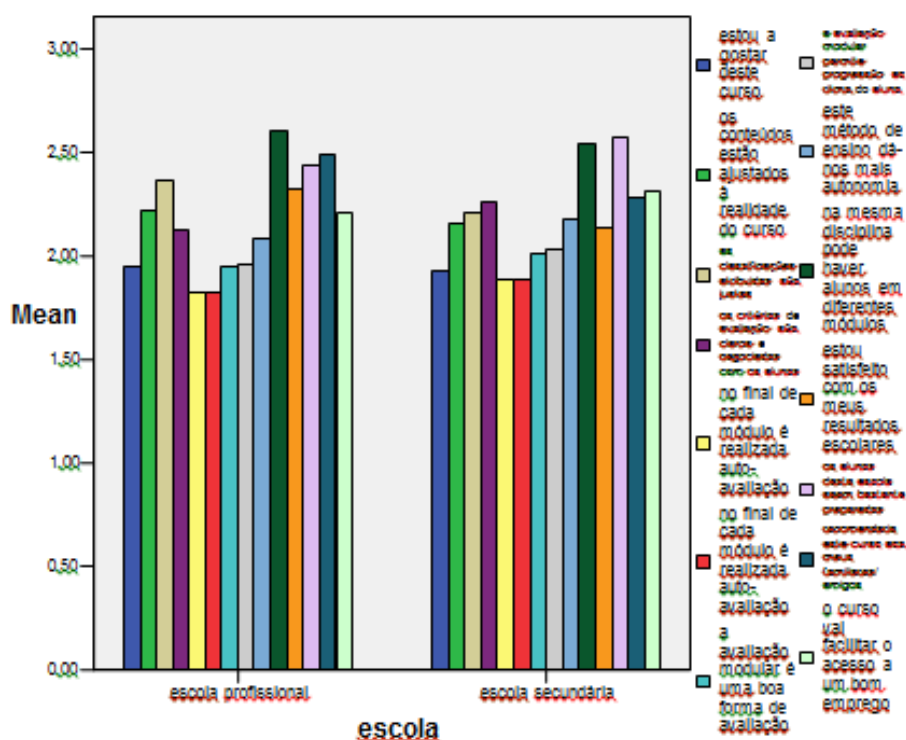


Gráfico 8: O Curso

No que concerne a opinião dos alunos relativamente aos professores pretendeu-se com as afirmações perceber a relação pedagógica existente entre professores e alunos e o clima de escola decorrente.

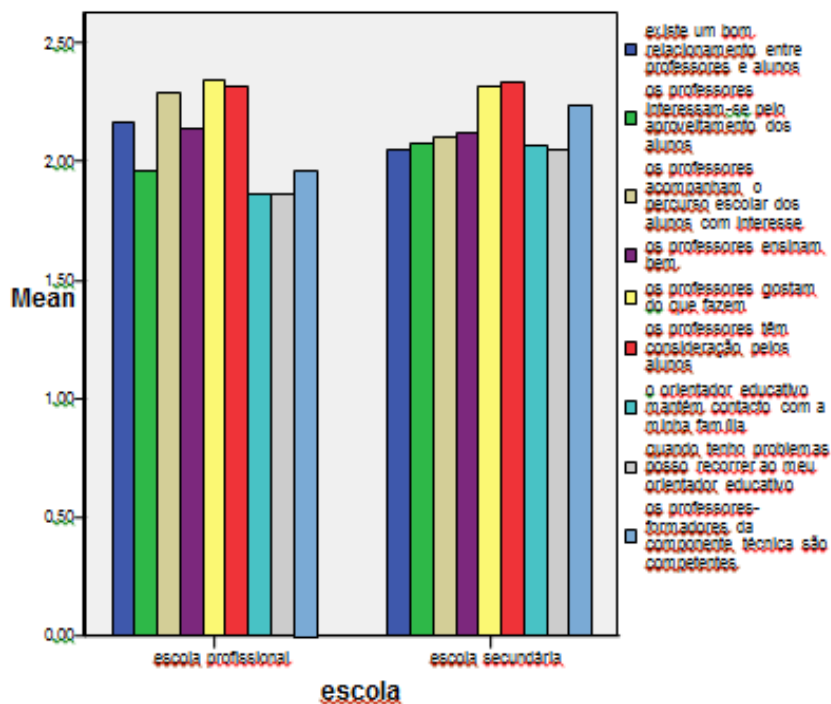


Gráfico 9: Os Professores

Mais uma vez, parece haver um equilíbrio estável nas opiniões dos alunos, concordando com todas as afirmações apresentadas de forma muito semelhante.

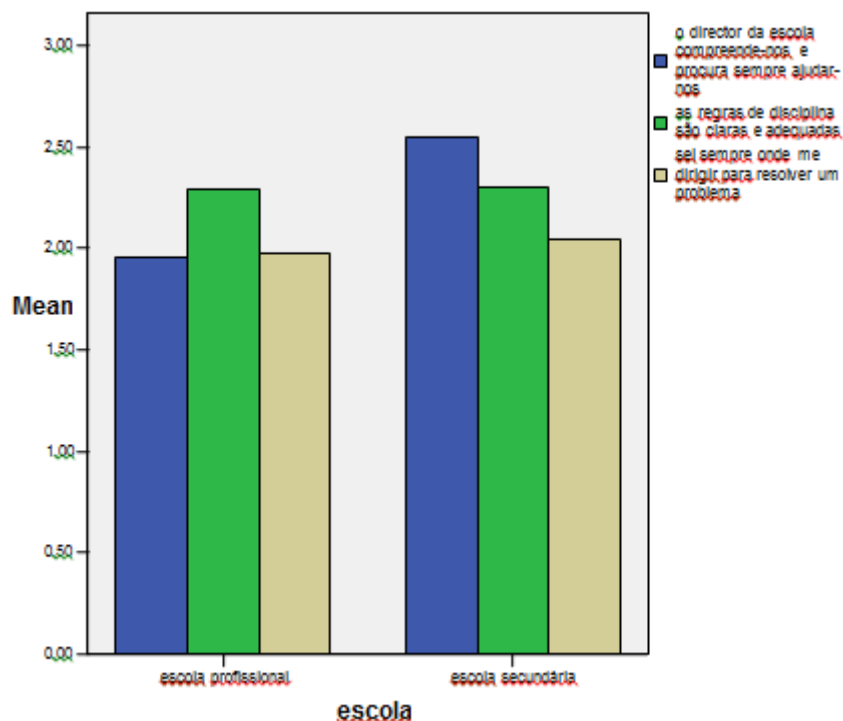


Gráfico 10: A direção

Foram também apresentadas algumas afirmações relativamente à direção da escola com o objetivo de determinar a imagem da direção, a sua representatividade no ambiente de escola.

Em nenhum dos casos os alunos discordaram das afirmações apresentadas. A afirmação que revela maior diferença entre as duas escolas é “ *O diretor da escola compreende-nos e procura sempre ajudar-nos*” no caso da EP há uma clara concordância com a afirmação enquanto na ES o valor aproxima-se mais da discordância. As outras afirmações apresentam valores muito semelhantes.

Quanto às questões relativas à Prova de Aptidão Profissional, a resposta com que menos concordam tanto os alunos da Escola Profissional como os da Escola Secundária é “*os temas são propostos pela direção*”.

A questão em que se pode perceber uma maior divergência de opiniões entre as duas escolas é “*o aluno escolhe o seu professor acompanhante*”. Neste caso, os alunos da Escola Secundária aproximam-se mais da não concordância que os seus colegas da Escola Profissional, como podem verificar-se no gráfico seguinte (gráfico 11).

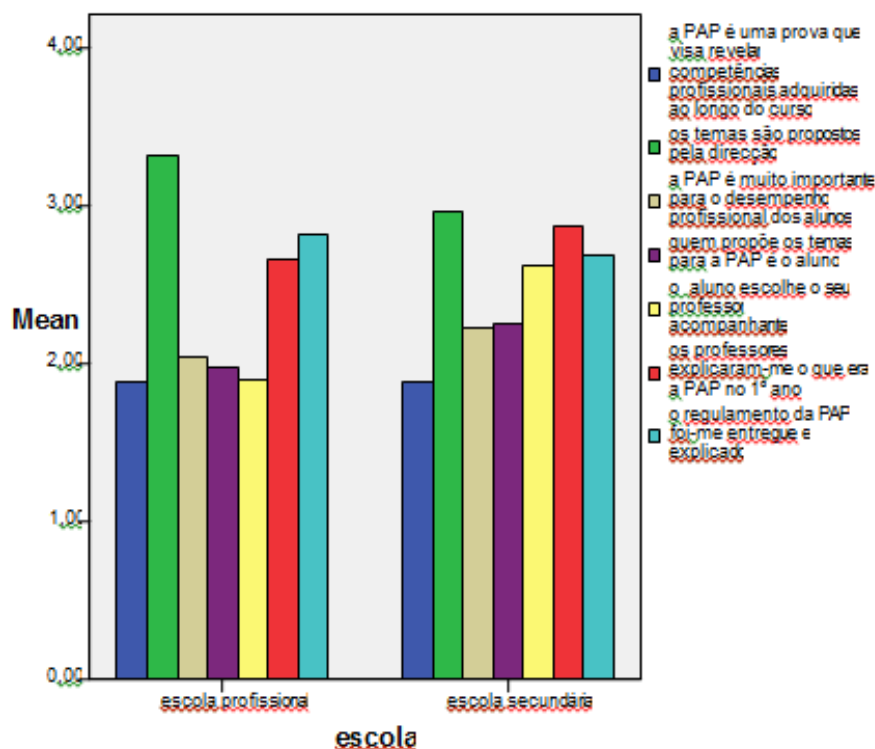


Gráfico 11: A Prova de Aptidão Profissional

Foram apresentadas ainda algumas afirmações acerca da Formação em Contexto de Trabalho. Novamente os alunos posicionaram-se de forma muito semelhante, perante as mesmas. A maior discordância dos alunos de ambas as escolas vai para a questão *”tenho conhecimento dos possíveis locais de estágio”*, revelando-se mais significativamente na Escola profissional. (gráfico 1.12- Formação em Contexto de Trabalho)

Esta situação parece-nos advir do facto de os questionários terem sido aplicados numa altura prévia às colocações, e por outro lado uma formulação pouco explícita da afirmação. Apercebemo-nos que os alunos conhecem os possíveis locais de FCT, no entanto não sabem ainda onde serão colocados.

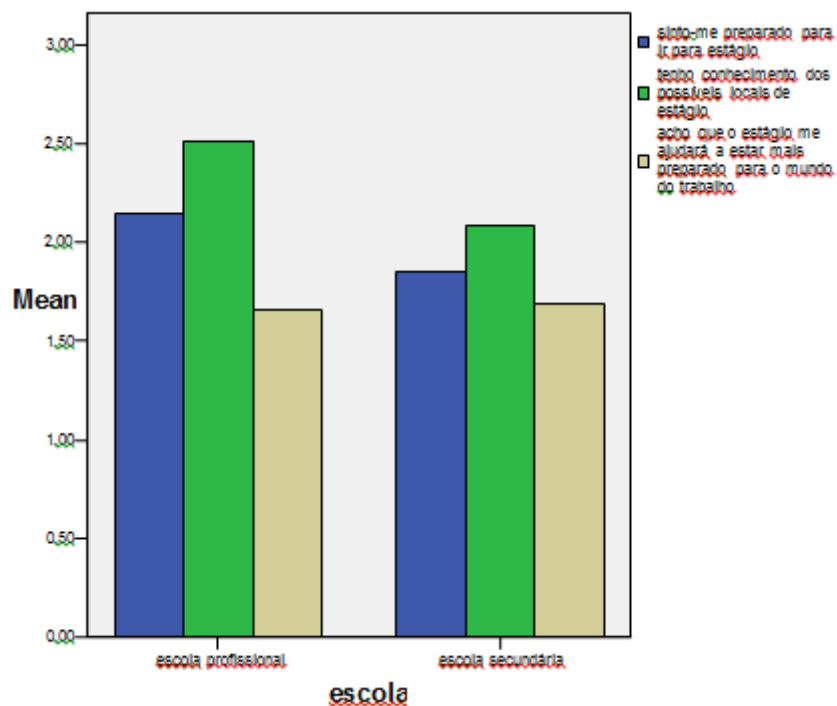


Gráfico 12: Formação em Contexto de Trabalho

Finalmente apresentaram-se algumas afirmações relativas às expectativas de futuro.

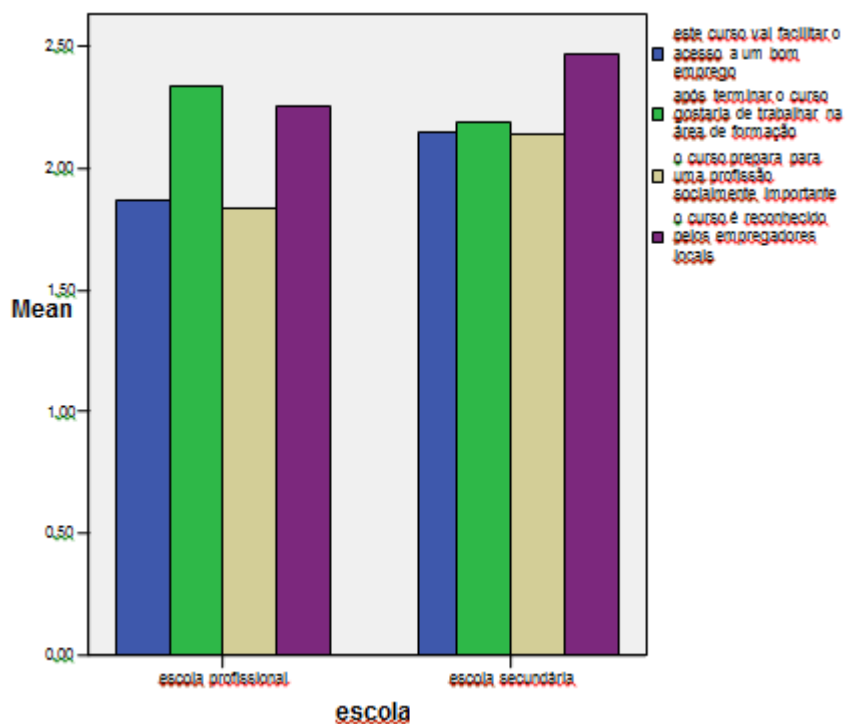


Gráfico 13: O Futuro

Da análise da terceira parte deste questionário, dedicada a questões sobre a escola e aspetos do seu funcionamento interno, podemos concluir:

- As opções de resposta selecionadas pelos alunos da Escola Secundária não apresentam diferenças substanciais das respostas selecionadas pelos alunos da Escola profissional.
- A única resposta que parece distanciar as posições recai sobre a figura do diretor que se revela de maior significância para os alunos da EP, enquanto figura de liderança.
- Adiantamos como possível explicação para o facto de tamanhas semelhanças, alguns fatores, baseados sobretudo na nossa experiência de docência, tais como:
  - A proximidade das duas escolas
  - Proximidade entre os alunos
  - Tendência para dar respostas de acordo com o que é socialmente expectável
  - Alguns professores em comum, já que se encontram em acumulação de funções
  - Questões colocadas de forma vaga ou ambígua.

## **2.2 PROFESSORES**

Foram ainda aplicados questionários aos professores/ formadores/ técnicos de ambas as escolas. Apresenta-se de seguida uma breve caracterização dos respondentes.

Esta amostra é composta por 21 professores da Escola Secundária e 16 da Escola Profissional, apesar de se ter solicitado o preenchimento à totalidade.

Pela observação da tabela 9 - situação profissional, pode observar-se que existe uma grande divergência entre as duas escolas. Enquanto na Escola Secundária a maioria dos docentes se encontra numa situação profissional de quadro de escola, na escola Profissional todos os docentes são contratados.

Tabela 9: situação profissional

		situação profissional				Total
		contrato a termo certo - recibos verdes	em acumulação com outro estabelecimento de ensino	professor do quadro de escola	outro	
Escola	escola profissional	10	5	0	0	15
	escola secundária	1	3	8	7	19
Total		11	8	8	7	34

Relativamente ao tempo de serviço, verifica-se que na EP há uma distribuição muito homogénea entre as diversas opções (3 e 10 anos), na Escola Secundária a grande maioria (8) apresenta mais de 10 anos de serviço.

Tabela 10: Tempo de serviço

		tempo de serviço					Total
		menos de 3 anos	entre 3 e 5 anos	entre 5 e 10 anos	mais de 10 anos	9,00	
Escola	escola profissional	4	4	1	3	4	16
	escola secundária	4	4	3	8	2	21
Total		8	8	4	11	6	37

Quanto à situação profissional atual, tabela 11 - salientamos a questão “*leciona nesta escola em acumulação com outro estabelecimento*” apontada por 10 dos 16 professores da EP.

Tabela 11: Situação profissional atual

		situação profissional atual				Total
		lociona apenas cursos profissionais	leciona cursos profissionais e cursos de formação geral	lociona apenas nesta escola	lociona nesta escola em acumulação com outro estabelecimento	
Escola	escola profissional	2	3	1	10	16
	escola secundária	3	1	11	5	20
Total		5	4	12	15	36

Quanto ao tempo de serviço prestado em cursos profissionais, tabela 12, é na escola profissional que se encontram os formadores com mais tempo de serviço nesta modalidade.

Tabela 12: tempo de serviço em cursos profissionais

		tempo de serviço em cursos profissionais					Total
		menos de 3 anos	entre 3 e 5 anos	entre 5 e 10 anos	mais de 10 anos	111,00	
Escola	escola profissional	7	4	2	3	0	16
	escola secundária	14	5	1	0	1	21
Total		21	9	3	3	1	37

Dos dados apresentados podemos concluir o seguinte:

- Nos cursos profissionais da escola secundária lecionam professores mais velhos, com mais tempo de serviço e com uma situação profissional mais estável.
- Nos cursos profissionais da escola profissional os professores na sua maioria encontram-se numa situação de acumulação de funções com outras escolas, são todos contratados.
- É na escola profissional que se encontram os professores com mais tempo de serviço em cursos profissionais.

## Parte II

Na segunda parte do questionário procurou-se averiguar a opinião dos professores relativamente a aspetos gerais do funcionamento da escola. Solicitou-se que ordenassem um conjunto de afirmações por ordem de importância atribuída, de 1º a 5º.

### A principal finalidade da escola é:

Maioritariamente em 1º com 37,8% das respostas e 2º lugar com 29%, os professores colocaram a afirmação: *“permitir a aquisição de conhecimentos úteis tanto para o prosseguimento de estudos como para ingresso na vida ativa”*.

Tabela 13: Finalidade da escola – aquisição de conhecimentos

escola \* permitir aquisição de conhecimentos úteis tanto para o prosseguimento de estudos como para o ingresso na vida activa  
Crosstabulation

			permitir aquisição de conhecimentos úteis tanto para o prosseguimento de estudos como para o ingresso na vida activa					Total	
			1	2	3	4	5		9
escola	escola profissional	Count	7	4	2	1	1	1	16
		% of Total	18,9%	10,8%	5,4%	2,7%	2,7%	2,7%	43,2%
	escola secundária	Count	7	7	2	0	0	5	21
		% of Total	18,9%	18,9%	5,4%	,0%	,0%	13,5%	56,8%
Total		Count	14	11	4	1	1	6	37
		% of Total	37,8%	29,7%	10,8%	2,7%	2,7%	16,2%	100,0%

Em primeiro lugar, por ambas as escolas, encontramos a afirmação “*Desenvolver pessoal e culturalmente o jovem, proporcionando-lhe informação necessária à escolha de uma carreira escolar ou profissional*”.

Tabela 14: Finalidade da escola – desenvolver pessoal e culturalmente o jovem

escola \* desenvolver pessoal e culturalmente o jovem, proporcionando-lhe informação necessária à escolha de uma carreira escolar profissional  
Crosstabulation

			desenvolver pessoal e culturalmente o jovem, proporcionando-lhe informação necessária à escolha de uma carreira escolar profissional					Total	
			1º	2º	3º	4º	5º		9,00
escola	escola profissional	Count	5	2	5	2	1	1	16
		% of Total	13,5%	5,4%	13,5%	5,4%	2,7%	2,7%	43,2%
	escola secundária	Count	8	4	3	1	0	5	21
		% of Total	21,6%	10,8%	8,1%	2,7%	,0%	13,5%	56,8%
Total		Count	13	6	8	3	1	6	37
		% of Total	35,1%	16,2%	21,6%	8,1%	2,7%	16,2%	100,0%

Na afirmação “*Preparar os jovens para a inserção imediata na vida activa*” verifica-se uma ligeira diferença: enquanto que a maior parte dos professores da ES (7) a colocam em 4º lugar, na EP, 4 professores colocam-na em 2º e 6 professores em 4º.

Tabela 15: Finalidade da escola – preparar os jovens para inserção na vida activa

escola \* preparar os jovens para a inserção imediata na vida activa  
Crosstabulation

			preparar os jovens para a inserção imediata na vida activa					Total	
			1º	2º	3º	4º	5º		9,00
escola	escola profissional	Count	2	4	1	6	3	0	16
		% of Total	5,4%	10,8%	2,7%	16,2%	8,1%	,0%	43,2%
	escola secundária	Count	1	1	5	7	2	5	21
		% of Total	2,7%	2,7%	13,5%	18,9%	5,4%	13,5%	56,8%
Total		Count	3	5	6	13	5	5	37
		% of Total	8,1%	13,5%	16,2%	35,1%	13,5%	13,5%	100,0%

A afirmação “*preparar os jovens para o prosseguimento de estudos*” encontra-se maioritariamente em 5º lugar pelas 2 escolas.

Tabela 16: Finalidade da escola – preparar os jovens para o prosseguimento de estudos

			preparar os jovens para o prosseguimento de estudos					Total
			2º	3º	4º	5º	9,00	
escola	escola profissional	Count	1	3	2	9	1	16
		% of Total	2,7%	8,1%	5,4%	24,3%	2,7%	43,2%
	escola secundária	Count	2	3	4	7	5	21
		% of Total	5,4%	8,1%	10,8%	18,9%	13,5%	56,8%
Total		Count	3	6	6	16	6	37
		% of Total	8,1%	16,2%	16,2%	43,2%	16,2%	100,0%

A afirmação “Proporcionar um tipo de formação técnica alargada que permita entrar num curso de qualificação profissional que habilite para o ingresso num emprego” é colocada em 3º lugar pelos professores da Escola Profissional e em 5º pelos professores da Escola Secundária.

Tabela 17: Finalidade da escola – proporcionar formação técnica alargada.

			proporcionar um tipo de formação técnica alargada que permita entrar num curso de qualificação profissional que habilite para o ingresso num emprego					Total	
			1º	2º	3º	4º	5º		9,00
escola	escola profissional	Count	1	3	5	3	3	1	16
		% of Total	2,7%	8,1%	13,5%	8,1%	8,1%	2,7%	43,2%
	escola secundária	Count	0	2	3	4	7	5	21
		% of Total	,0%	5,4%	8,1%	10,8%	18,9%	13,5%	56,8%
Total		Count	1	5	8	7	10	6	37
		% of Total	2,7%	13,5%	21,6%	18,9%	27,0%	16,2%	100,0%

Relativamente à questão da principal finalidade da escola, os dados permitem-nos concluir que:

- As duas afirmações mais apontadas como 1ª finalidade da escola apontam para uma valorização da mesma enquanto motor de desenvolvimento **integral** dos jovens e simultaneamente meio de inserção na vida ativa.
- Os professores da Escola Profissional valorizam mais a afirmação “Preparar os jovens para a inserção imediata na vida ativa” que os seus colegas da Escola Secundária.
- Há uma certa homogeneidade nas respostas que indica a desvalorização dos cursos profissionais enquanto meio de inserção no ensino superior.

- A postura dos professores de ambas as escolas apresenta-se bastante semelhante, o que se pode explicar pelo facto de se tratar de uma questão de âmbito muito abrangente, generalista.

A questão seguinte, também abrangente na sua aplicabilidade, pretende determinar qual a principal Função da Escola.

A principal Função da escola é:

Nesta questão verifica-se também uma grande homogeneidade na postura dos professores perante as afirmações apresentadas. Ambos colocam maioritariamente em 1º e 2º lugar a função “ *Promover o desenvolvimento integral dos jovens*” (estimulação) e “ *Proporcionar a transmissão de um conjunto de normas, valores crenças, hábitos e atitudes*”( socialização), como pode verificar-se pelas tabelas seguintes.

**Tabela 18: Função da escola- promover desenvolvimento integral**

escola * promover o desenvolvimento integral dos jovens (estimulação) Crosstabulation									
			promover o desenvolvimento integral dos jovens (estimulação)						Total
			1º	2º	3º	4º	5º	9,00	
escola	escola profissional	Count	5	6	0	1	1	3	16
		% of Total	13,5%	16,2%	,0%	2,7%	2,7%	8,1%	43,2%
	escola secundária	Count	6	8	2	0	1	4	21
		% of Total	16,2%	21,6%	5,4%	,0%	2,7%	10,8%	56,8%
Total		Count	11	14	2	1	2	7	37
		% of Total	29,7%	37,8%	5,4%	2,7%	5,4%	18,9%	100,0%

**Tabela 19: Função da escola- proporcionar transmissão de normas, valores, crenças, hábitos e atitudes.**

escola * proporcionar a transmissão de um conjunto de normas, valores, crenças, hábitos e atitudes (socialização) Crosstabulation									
			proporcionar a transmissão de um conjunto de normas, valores, crenças, hábitos e atitudes (socialização)						Total
			1º	2º	3º	4º	5º	9,00	
escola	escola profissional	Count	4	4	2	3	1	2	16
		% of Total	10,8%	10,8%	5,4%	8,1%	2,7%	5,4%	43,2%
	escola secundária	Count	6	6	3	1	1	4	21
		% of Total	16,2%	16,2%	8,1%	2,7%	2,7%	10,8%	56,8%
Total		Count	10	10	5	4	2	6	37
		% of Total	27,0%	27,0%	13,5%	10,8%	5,4%	16,2%	100,0%

Maioritariamente colocada em 3º lugar está a afirmação “ *Selecionar/ encaminhar jovens de acordo com as suas competências*”.

Tabela 20: Função da escola- selecionar/ encaminhar os jovens

**escola \* selecionar/ encaminhar os jovens de acordo com as suas competências Crosstabulation**

			selecionar/ encaminhar os jovens de acordo com as suas competências						Total
			1º	2º	3º	4º	5º	9,00	
escola	escola profissional	Count	2	2	6	3	0	3	16
		% of Total	5,4%	5,4%	16,2%	8,1	,0%	8,1%	43,2%
	escola secundária	Count	4	1	6	4	2	4	21
		% of Total	10,8%	2,7%	16,2%	10,8%	5,4%	10,8%	56,8%
Total		Count	6	3	12	7	2	7	37
		% of Total	16,2%	8,1%	32,4%	18,9%	5,4%	18,9%	100,0%

Em 4º lugar “ *Proporcionar instrução de forma sistemática e sequencial* ” e finalmente,

Tabela 21: Função da escola- proporcionar instrução

**escola \* proporcionar instrução de forma sistemática e sequencial Crosstabulation**

			proporcionar instrução de forma sistemática e sequencial					Total
			1º	3º	4º	5º	9,00	
escola	escola profissional	Count	2	4	6	2	2	16
		% of Total	5,4%	10,8%	16,2%	5,4%	5,4%	43,2%
	escola secundária	Count	0	5	6	6	4	21
		% of Total	,0%	13,5%	16,2%	16,2%	10,8%	56,8%
Total		Count	2	9	12	8	6	37
		% of Total	5,4%	24,3%	32,4%	21,6%	16,2%	100,0%

Em 5º lugar a afirmação “ *Proporcionar a obtenção de títulos académicos* ”

Tabela 22: Função da escola- proporcionar obtenção de títulos académicos.

**escola \* proporcionar a obtenção de títulos académicos Crosstabulation**

			proporcionar a obtenção de títulos académicos					Total
			2º	3º	4º	5º	9,00	
escola	escola profissional	Count	1	1	1	10	3	16
		% of Total	2,7%	2,7%	2,7%	27,0%	8,1%	43,2%
	escola secundária	Count	1	0	5	11	4	21
		% of Total	2,7%	,0%	13,5%	29,7%	10,8%	56,8%
Total		Count	2	1	6	21	7	37
		% of Total	5,4%	2,7%	16,2%	56,8%	18,9%	100,0%

- A escola é vista pela maioria dos professores como um meio de socialização e estimulação.
- A grande finalidade é, para os professores de ambas as escolas, permitir a aquisição de conhecimentos úteis tanto para o prosseguimento de estudos como para o ingresso na vida ativa.

- Sinalizado também como grande prioridade pelos professores de ambas as escolas está a finalidade desenvolver pessoal e culturalmente o jovem proporcionando-lhe informação necessária à escolha de uma carreira escolar ou profissional.

Questionou-se ainda os professores quanto aos Recursos, Currículo, Formação em Contexto de trabalho (FCT), Provas de Aptidão Profissional (PAP), Atividades, Avaliação Modular, Liderança, Clima de Escola, Formação Contínua de Docentes e Inserção Territorial.

Nestas questões foi solicitado aos respondentes que expressassem as suas posições na seguinte escala de Lickert: 1- muito em desacordo, 2- em desacordo, 3 indiferente, 4- de acordo, 5- muito de acordo.

#### Recursos :

Relativamente à questão dos recursos, na afirmação - “*O edifício da escola contempla a lecionação de aulas práticas*” os professores de ambas as escolas colocaram maioritariamente (59,5%) a sua resposta na opção “*de acordo*”. No entanto, 4 professores da EP (10,8%) e 7 da ES (18,9), escolheram a opção “*indiferente*”.

**Tabela 23: Recursos- edifício da escola**

**escola \* O edifício da escola contempla a leccionação de aulas práticas Crosstabulation**

			O edifício da escola contempla a leccionação de aulas práticas				Total
			muito em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo	
escola	escola profissional	Count	0	4	12	0	16
		% of Total	,0%	10,8%	32,4%	,0%	43,2%
	escola secundária	Count	1	7	10	3	21
		% of Total	2,7%	18,9%	27,0%	8,1%	56,8%
Total		Count	1	11	22	3	37
		% of Total	2,7%	29,7%	59,5%	8,1%	100,0%

Na afirmação “ *A escola possui e disponibiliza os materiais necessários à leccionação das aulas práticas*”, embora a maioria se encontre na opção “*de acordo* (29,7% EP e 37,8% ES), há 13,5% de professores da ES que optam pela resposta “*indiferente*” e ainda 8,1% dos professores da EP que escolhem a opção “*muito de acordo*”.

Tabela 24: recursos - materiais

escola \* A escola possui e disponibiliza os materiais necessários à leccionação das aulas práticas  
Crosstabulation

			A escola possui e disponibiliza os materiais necessários à leccionação das aulas práticas				Total
			em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo	
escola	escola profissional	Count	1	1	11	3	16
		% of Total	2,7%	2,7%	29,7%	8,1%	43,2%
	escola secundária	Count	2	5	14	0	21
		% of Total	5,4%	13,5%	37,8%	,0%	56,8%
Total		Count	3	6	25	3	37
		% of Total	8,1%	16,2%	67,6%	8,1%	100,0%

Finalmente na afirmação “*Existe uma clara preocupação por parte dos dirigentes da escola de adaptar os materiais e os recursos à leccionação dos cursos profissionais*”, na EP as respostas situam-se claramente entre o “de acordo” (24,3%) e “muito de acordo” (18,9%) e na ES de acordo (37,8%) e “muito de acordo” (13,5%).

Tabela 25: recursos - dirigentes/ materiais

escola \* Existe uma clara preocupação por parte dos dirigentes da escola de adaptar os materiais e recursos à leccionação dos cursos profissionais Crosstabulation

			Existe uma clara preocupação por parte dos dirigentes da escola de adaptar os materiais e recursos à leccionação dos cursos profissionais			Total
			indiferente	de acordo	muito de acordo	
escola	escola profissional	Count	0	9	7	16
		% of Total	,0%	24,3%	18,9%	43,2%
	escola secundária	Count	2	14	5	21
		% of Total	5,4%	37,8%	13,5%	56,8%
Total		Count	2	23	12	37
		% of Total	5,4%	62,2%	32,4%	100,0%

- Respostas pouco expressivas que remetem para a ideia que é possível trabalhar-se com os recursos existentes mas poderia fazer-se muito melhor.
- É expressa a ideia da existência de lacunas a nível dos recursos materiais para a leccionação das aulas práticas, mais expressiva na Escola Secundária.
- Concordância mais expressiva com existência de uma preocupação por parte dos dirigentes da escola em adaptar os materiais e recursos à leccionação por parte dos professores da Escola Profissional.
- As respostas dadas pelos professores de ambas as escolas são muito homogéneas. Adiantamos como possível explicação para o facto as questões colocadas de forma

pouco objetiva e a tendência de, perante um questionário desta natureza, se dar respostas socialmente expectáveis.

Currículo:

No que respeita a questão do currículo, foram apresentadas algumas afirmações, solicitando novamente uma posição de concordância com as mesmas.

Perante a afirmação, *Os conteúdos curriculares das disciplinas que leciono vão de encontro ao perfil profissional previsto para o respectivo curso*, uma elevada percentagem de professores da Escola Secundária situa-se entre os níveis “muito em desacordo (8,1%), “em desacordo” (8,1%) e “indiferente” (2,7%). 13,5% dos mesmos posiciona-se no nível “muito de acordo”.

Quanto aos professores da EP, a grande percentagem encontra-se “de acordo” ( 29,7%) e “muito de acordo” (5,4%).

**Tabela 26: currículo / perfil profissional do curso**

**escola \* Os conteúdos curriculares da(s) disciplina(s) que leciono vão de encontro ao perfil profissional previsto para respectivo curso Crosstabulation**

			Os conteúdos curriculares da(s) disciplina(s) que leciono vão de encontro ao perfil profissional previsto para o respectivo curso					Total
			muito em desacordo	em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo	
escola	escola profissional	Count	0	1	2	11	2	16
		% of Total	,0%	2,7%	5,4%	29,7%	5,4%	43,2%
	escola secundária	Count	3	3	1	9	5	21
		% of Total	8,1%	8,1%	2,7%	24,3%	13,5%	56,8%
Total		Count	3	4	3	20	7	37
		% of Total	8,1%	10,8%	8,1%	54,1%	18,9%	100,0%

De seguida apresentaram-se algumas questões que tinham por finalidade aferir o nível de autonomia na gestão do currículo, nomeadamente no tempo de lecionação, ordem sequencial dos módulos, conteúdos e critérios de avaliação.

Tabela 27: currículo / autonomia /tempo

escola \* Tenho autonomia para gerir o currículo da minha disciplina no que refere ao Tempo de leccionação modular  
Crosstabulation

			Tenho autonomia para gerir o currículo da minha disciplina no que refere ao Tempo de leccionação modular					Total
			muito em desacordo	em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo	
escola	escola profissional	Count	0	1	3	8	4	16
		% of Total	,0%	2,7%	8,1%	21,6%	10,8%	43,2%
	escola secundária	Count	2	8	1	9	1	21
		% of Total	5,4%	21,6%	2,7%	24,3%	2,7%	56,8%
Total		Count	2	9	4	17	5	37
		% of Total	5,4%	24,3%	10,8%	45,9%	13,5%	100,0%

Da observação dos dados podemos observar algo curioso: os professores da ES estão distribuídos quase equitativamente entre o “em desacordo” (21,6%) e “de acordo” (24,6%).

Os professores da EP distribuem-se maioritariamente entre “de acordo” (21,6%) e muito de acordo (10,8%)

Quanto à ordem sequencial dos módulos, os professores de ambas as escolas concordam maioritariamente que têm autonomia para a gerir.

Tabela 28: Currículo / ordem sequencial dos módulos

scola \* Tenho autonomia para gerir o currículo da minha disciplina no que refere a ordem sequencial dos módulos  
Crosstabulation

			Tenho autonomia para gerir o currículo da minha disciplina no que refere a ordem sequencial dos módulos				Total
			em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo	
escola	escola profissional	Count	0	2	11	3	16
		% of Total	,0%	5,4%	29,7%	8,1%	43,2%
	escola secundária	Count	2	1	16	2	21
		% of Total	5,4%	2,7%	43,2%	5,4%	56,8%
Total		Count	2	3	27	5	37
		% of Total	5,4%	8,1%	73,0%	13,5%	100,0%

Também no que refere aos conteúdos, os professores da EP posicionam-se na sua grande maioria na concordância com a afirmação, enquanto na ES há ainda alguns, 16% em desacordo e indiferentes.

Tabela 29: currículo / conteúdos

escola \* Tenho autonomia para gerir o currículo da minha disciplina no que refere os conteúdos  
Crosstabulation

			Tenho autonomia para gerir o currículo da minha disciplina no que refere os conteúdos				Total
			em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo	
escola	escola profissional	Count	0	1	11	4	16
		% of Total	,0%	2,7%	29,7%	10,8%	43,2%
	escola secundária	Count	3	3	12	3	21
		% of Total	8,1%	8,1%	32,4%	8,1%	56,8%
Total		Count	3	4	23	7	37
		% of Total	8,1%	10,8%	62,2%	18,9%	100,0%

Tal como na questão anterior, relativamente aos modos/ critérios de avaliação, há alguns professores da Escola Secundária que se posicionam em desacordo e indiferente face à afirmação apresentada. No caso da Escola Profissional a posição dos professores é claramente de concordância com a afirmação. Apenas um professor aponta a resposta “indiferente”.

Tabela 30: currículo / critérios de avaliação

escola \* Tenho autonomia para gerir o currículo da minha disciplina no que refere modos/ critérios de avaliação  
Crosstabulation

			Tenho autonomia para gerir o currículo da minha disciplina no que refere modos/ critérios de avaliação				Total
			em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo	
escola	escola profissional	Count	0	1	10	5	16
		% of Total	,0%	2,7%	27,0%	13,5%	43,2%
	escola secundária	Count	3	2	14	2	21
		% of Total	8,1%	5,4%	37,8%	5,4%	56,8%
Total		Count	3	3	24	7	37
		% of Total	8,1%	8,1%	64,9%	18,9%	100,0%

## Súmula:

- As opiniões expressas parecem revelar maior grau de autonomia na gestão do currículo, por parte dos professores da Escola Profissional, no que refere o tempo de lecionação modular, conteúdos e critérios de avaliação.

## Formação em Contexto de trabalho

Quanto à Formação em Contexto de Trabalho (FCT), perante as afirmações *Quem organiza/gera a FCT é o Diretor, Coordenador de estágios, diretor de curso ou Formador da área*, os professores das duas escolas foram “migrando” de opção em opção, o que nos levou a concluir que não há uma clara responsabilização de uma pessoa/ órgão para essa função.

Tabela 31: FCT/ diretor

**escola \* Quem organiza/gera a FCT é o Director Crosstabulation**

			Quem organiza/gera a FCT é o Director					Total	
			muito em desacordo	em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo		9,00
escola	escola profissional	Count	0	2	3	6	1	4	16
		% of Total	,0%	5,4%	8,1%	16,2%	2,7%	10,8%	43,2%
	escola secundária	Count	3	5	8	2	1	2	21
		% of Total	8,1%	13,5%	21,6%	5,4%	2,7%	5,4%	56,8%
Total		Count	3	7	11	8	2	6	37
		% of Total	8,1%	18,9%	29,7%	21,6%	5,4%	16,2%	100,0%

Tabela 32: FCT/ coordenador

**escola \* Quem organiza/gera a FCT é o coordenador de estágios Crosstabulation**

			Quem organiza/gera a FCT é o coordenador de estágios					Total
			muito em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo	9,00	
escola	escola profissional	Count	0	2	6	5	3	16
		% of Total	,0%	5,4%	16,2%	13,5%	8,1%	43,2%
	escola secundária	Count	1	7	8	3	2	21
		% of Total	2,7%	18,9%	21,6%	8,1%	5,4%	56,8%
Total		Count	1	9	14	8	5	37
		% of Total	2,7%	24,3%	37,8%	21,6%	13,5%	100,0%

Tabela 33: FCT/ diretor de curso

**escola \* Quem organiza/gera a FCT é o director de curso Crosstabulation**

			Quem organiza/gera a FCT é o director de curso					Total
			em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo	9,00	
escola	escola profissional	Count	1	3	2	5	5	16
		% of Total	2,7%	8,1%	5,4%	13,5%	13,5%	43,2%
	escola secundária	Count	0	3	15	3	0	21
		% of Total	,0%	8,1%	40,5%	8,1%	,0%	56,8%
Total		Count	1	6	17	8	5	37
		% of Total	2,7%	16,2%	45,9%	21,6%	13,5%	100,0%

Tabela 34: FCT/ professor

**escola \* Quem organiza/gera a FCT é um professor / formador da área Crosstabulation**

			Quem organiza/gera a FCT é um professor / formador da área					Total
			em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo	9,00	
escola	escola profissional	Count	1	2	5	3	5	16
		% of Total	2,7%	5,4%	13,5%	8,1%	13,5%	43,2%
	escola secundária	Count	2	5	12	1	1	21
		% of Total	5,4%	13,5%	32,4%	2,7%	2,7%	56,8%
Total		Count	3	7	17	4	6	37
		% of Total	8,1%	18,9%	45,9%	10,8%	16,2%	100,0%

Na questão *Os alunos são sempre colocados em unidades onde possam ter um contacto directo com o mundo do trabalho, dentro da sua área*, as respostas não foram tão uniformes: há um grupo considerável de professores da Escola Secundária que não concorda (10,8% em desacordo e 13,5% indiferente). Os professores da Escola Profissional apresentam uma posição mais vinculada. 18,9% de acordo e 10,8% muito de acordo.

**Tabela 35: FCT- unidades**

**escola \* Os alunos são sempre colocados em unidades onde possam ter um contacto directo com o mundo do trabalho, dentro da sua área Crosstabulation**

			Os alunos são sempre colocados em unidades onde possam ter um contacto directo com o mundo do trabalho, dentro da sua área					Total
			em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo	9,00	
escola	escola profissional	Count	0	2	7	4	3	16
		% of Total	,0%	5,4%	18,9%	10,8%	8,1%	43,2%
	escola secundária	Count	4	5	11	1	0	21
		% of Total	10,8%	13,5%	29,7%	2,7%	,0%	56,8%
Total		Count	4	7	18	5	3	37
		% of Total	10,8%	18,9%	48,6%	13,5%	8,1%	100,0%

Também no que refere a questão *Há uma relação de proximidade com os potenciais empregadores dos alunos dos cursos profissionais*, se revela alguma discordância por parte dos professores da Escola Secundária. No caso da Escola Profissional percebe-se uma concordância maioritária.

**Tabela 36: FCT / empregadores**

**escola \* Há uma relação de proximidade com os potenciais empregadores dos alunos dos cursos profissionais Crosstabulation**

			Há uma relação de proximidade com os potenciais empregadores dos alunos dos cursos profissionais					Total
			em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo	9,00	
escola	escola profissional	Count	1	2	8	3	2	16
		% of Total	2,7%	5,4%	21,6%	8,1%	5,4%	43,2%
	escola secundária	Count	2	11	7	0	1	21
		% of Total	5,4%	29,7%	18,9%	,0%	2,7%	56,8%
Total		Count	3	13	15	3	3	37
		% of Total	8,1%	35,1%	40,5%	8,1%	8,1%	100,0%

SÚMULA:

- Não foi dada uma resposta inequívoca à questão colocada, o que nos leva a adiantar a hipótese de a FCT ser uma atividade organizada por mais que uma pessoa, por uma equipa de trabalho.
- Uma relação de maior proximidade com as unidades de FCT, por parte da escola profissional.

### Prova de Aptidão Profissional (PAP)

Tentou averiguar-se de que forma decorria o processo da Prova de Aptidão Profissional em ambas as escolas, nomeadamente a opção pelo tema a desenvolver.

**Tabela 37: PAP – proposta pela escola**

**escola \* Os temas a desenvolver são propostos pela escola e escolhidos pelos alunos Crosstabulation**

			Os temas a desenvolver são propostos pela escola e escolhidos pelos alunos					9,00	Total
			muito em desacordo	em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo		
escola	escola profissional	Count	1	5	5	2	1	2	16
		% of Total	2,7%	13,5%	13,5%	5,4%	2,7%	5,4%	43,2%
	escola secundária	Count	0	7	6	6	1	1	21
		% of Total	,0%	18,9%	16,2%	16,2%	2,7%	2,7%	56,8%
Total		Count	1	12	11	8	2	3	37
		% of Total	2,7%	32,4%	29,7%	21,6%	5,4%	8,1%	100,0%

Há 7 professores da ES a concordar com esta afirmação e apenas 3 da EP.

As respostas dadas não nos levam a uma conclusão inequívoca, já que se distribuem de forma muito homogénea por todos os itens.

**Tabela 38: PAP – proposta pelos alunos**

**escola \* Os temas são propostos pelos alunos em consonância com os professores acompanhantes Crosstabulation**

			Os temas são propostos pelos alunos em consonância com os professores acompanhantes					9,00	Total
			muito em desacordo	em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo		
escola	escola profissional	Count	1	2	2	5	5	1	16
		% of Total	2,7%	5,4%	5,4%	13,5%	13,5%	2,7%	43,2%
	escola secundária	Count	0	4	2	11	3	1	21
		% of Total	,0%	10,8%	5,4%	29,7%	8,1%	2,7%	56,8%
Total		Count	1	6	4	16	8	2	37
		% of Total	2,7%	16,2%	10,8%	43,2%	21,6%	5,4%	100,0%

Quanto à hipótese de o tema ser proposto pelos alunos, 11 professores da EP concordam e 14 da ES também, ou seja, a maioria considera que são os alunos quem escolhe os temas da sua PAP.

Tentou perceber-se ainda a adequação dos temas da PAP ao curso frequentado.

Tabela 39: PAP – tema e curso

**escola \* Existe uma adequação dos temas ao curso do aluno Crosstabulation**

			Existe uma adequação dos temas ao curso do aluno					Total
			em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo	9,00	
escola	escola profissional	Count	0	0	10	4	2	16
		% of Total	,0%	,0%	27,0%	10,8%	5,4%	43,2%
	escola secundária	Count	2	5	11	2	1	21
		% of Total	5,4%	13,5%	29,7%	5,4%	2,7%	56,8%
Total		Count	2	5	21	6	3	37
		% of Total	5,4%	13,5%	56,8%	16,2%	8,1%	100,0%

No gráfico anterior, pode verificar-se que na EP nenhum professor discorda da afirmação e 14 concordam. Na ES, há 2 professores que discordam, 5 que se manifestam indiferentes e 13 que concordam.

Tabela 40: PAP – alteração do tema

**escola \* Os alunos têm a possibilidade de solicitar a alteração do tema proposto inicialmente Crosstabulation**

			Os alunos têm a possibilidade de solicitar a alteração do tema proposto inicialmente					Total	
			muito em desacordo	em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo		9,00
escola	escola profissional	Count	1	0	4	6	4	1	16
		% of Total	2,7%	,0%	10,8%	16,2%	10,8%	2,7%	43,2%
	escola secundária	Count	0	5	4	8	3	1	21
		% of Total	,0%	13,5%	10,8%	21,6%	8,1%	2,7%	56,8%
Total		Count	1	5	8	14	7	2	37
		% of Total	2,7%	13,5%	21,6%	37,8%	18,9%	5,4%	100,0%

Quanto à possibilidade de alteração do tema da PAP, a maioria dos professores de ambas as escolas concordam com a existência dessa possibilidade.

Na afirmação “os alunos são acompanhados apenas pelo professor acompanhante”, tanto os professores da EP como os professores da ES discordam.

Tabela 41: PAP - acompanhamento

**escola \* Os alunos são acompanhados apenas pelo professor acompanhante Crosstabulation**

			Os alunos são acompanhados apenas pelo professor acompanhante					9,00	Total
			muito em desacordo	em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo		
escola	escola profissional	Count	5	5	2	1	1	2	16
		% of Total	13,5%	13,5%	5,4%	2,7%	2,7%	5,4%	43,2%
	escola secundária	Count	4	8	4	4	0	1	21
		% of Total	10,8%	21,6%	10,8%	10,8%	,0%	2,7%	56,8%
Total		Count	9	13	6	5	1	3	37
		% of Total	24,3%	35,1%	16,2%	13,5%	2,7%	8,1%	100,0%

Quanto à afirmação " *existe uma preocupação do corpo docente em geral, em dar apoio aos alunos que se encontram a desenvolver a sua PAP*", na EP as respostas são inequivocamente afirmativas, apenas um professor optou pela resposta "indiferente". Na ES, há ainda 3 professores "em desacordo" e 3 professores "indiferente".

Tabela 42: PAP- competências

**escola \* A PAP operacionaliza competências essenciais para a resolução de problemas profissionais Crosstabulation**

			A PAP operacionaliza competências essenciais para a resolução de problemas profissionais					9,00	Total
			muito em desacordo	em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo		
escola	escola profissional	Count	1	0	0	8	6	1	16
		% of Total	2,7%	,0%	,0%	21,6%	16,2%	2,7%	43,2%
	escola secundária	Count	0	1	3	14	2	1	21
		% of Total	,0%	2,7%	8,1	37,8%	5,4%	2,7%	56,8%
Total		Count	1	1	3	22	8	2	37
		% of Total	2,7%	2,7%	8,1	59,5%	21,6%	5,4%	100,0%

Tabela 43: PAP – avaliação intermédia

**escola \* A escola promove uma avaliação intermédia da PAP Crosstabulation**

			A escola promove uma avaliação intermédia da PAP				Total
			indiferente	de acordo	muito de acordo	9,00	
escola	escola profissional	Count	1	7	7	1	16
		% of Total	2,7%	18,9%	18,9%	2,7%	43,2%
	escola secundária	Count	4	12	4	1	21
		% of Total	10,8%	32,4%	10,8%	2,7%	56,8%
Total		Count	5	19	11	2	37
		% of Total	13,5%	51,4%	29,7%	5,4%	100,0%

Relativamente às questões mais funcionais da PAP, nomeadamente a realização de uma avaliação intermédia e a operacionalização de competências essenciais para a

resolução de problemas profissionais, alunos de ambas as escolas apresentam-se no conjunto muito em sintonia.

### **SÚMULA:**

No que diz respeito aos temas da PAP, e decorrente da análise aos questionários aplicados em ambas as escolas, podemos concluir o seguinte:

- Não é claro/ evidente para os professores de ambas as escolas, quem propõe os temas. As respostas dividem-se entre as opções escola, alunos, professor acompanhante.
- Uma das conclusões possíveis para tal é o facto de essa tarefa estar ao cargo de mais que uma pessoa, uma equipa que englobe diversos atores.
- É veiculada a ideia de que são os alunos quem escolhe o tema a desenvolver
- Os professores da EP manifestam maior concordância que os da ES, com a adequação dos temas de PAP ao curso.
- É realizada em ambas as escolas uma avaliação intermédia.

### **Avaliação Modular**

Sendo a avaliação modular uma das marcas pedagógicas que distinguem o ensino profissional, foram apresentadas algumas afirmações perante as quais os alunos teriam também que se posicionar.

Da análise feita às respostas, pode concluir-se que é claro para os professores de ambas as escolas, o papel ativo dos alunos na avaliação modular.

**Tabela 44: avaliação modular**

**escola \* O aluno avaliado tem um papel determinante na sua avaliação Crosstabulation**

			O aluno avaliado tem um papel determinante na sua avaliação				Total
			indiferente	de acordo	muito de acordo	9,00	
escola	escola profissional	Count	1	8	7	0	16
		% of Total	2,7%	21,6%	18,9%	,0%	43,2%
	escola secundária	Count	3	9	8	1	21
		% of Total	8,1%	24,3%	21,6%	2,7%	56,8%
Total		Count	4	17	15	1	37
		% of Total	10,8%	45,9%	40,5%	2,7%	100,0%

Na afirmação seguinte *Os instrumentos/ critérios de avaliação são iguais para todos os alunos*, há oito alunos da EP e 6 da ES que discordam. Não conseguimos um número de respostas substancial, que nos permita diferenciar as respostas dadas pelos alunos de cada escola. De notar, no entanto, que há 5 professores da ES que optam pela resposta Indiferente, levando-nos a crer que há um desconhecimento da forma como é realizada a avaliação modular.

Tabela 45: avaliação modular - instrumentos

**escola \* Os instrumentos/ critérios de av.mod. são iguais para todos os alunos Crosstabulation**

			Os instrumentos/ critérios de av.mod. são iguais para todos os alunos					Total	
			muito em desacordo	em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo		9,00
escola	escola profissional	Count	2	6	0	2	6	0	16
		% of Total	5,4%	16,2%	,0%	5,4%	16,2%	,0%	43,2%
	escola secundária	Count	3	3	5	8	1	1	21
		% of Total	8,1%	8,1%	13,5%	21,6%	2,7%	2,7%	56,8%
Total		Count	5	9	5	10	7	1	37
		% of Total	13,5%	24,3%	13,5%	27,0%	18,9%	2,7%	100,0%

Tabela 46: avaliação modular- módulos

**escola \* Todos os alunos de cada turma se encontram, nas diferentes disciplinas, a desenvolver competências no mesmo módulo Crosstabulation**

			Todos os alunos de cada turma se encontram, nas diferentes disciplinas, a desenvolver competências no mesmo módulo					Total	
			muito em desacordo	em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo		9,00
escola	escola profissional	Count	1	7	4	2	1	1	16
		% of Total	2,7%	18,9%	10,8%	5,4%	2,7%	2,7%	43,2%
	escola secundária	Count	3	4	5	7	1	1	21
		% of Total	8,1%	10,8%	13,5%	18,9%	2,7%	2,7%	56,8%
Total		Count	4	11	9	9	2	2	37
		% of Total	10,8%	29,7%	24,3%	24,3%	5,4%	5,4%	100,0%

Quanto à possibilidade de os alunos de determinada turma se encontrarem no mesmo módulo, na EP há uma distribuição equitativa pela concordância e discordância da afirmação e na ES 9 concordam e manifestam a posição indiferente.

Tabela 47: avaliação modular- testes

**escola \* Os testes são iguais para todos os alunos Crosstabulation**

			Os testes são iguais para todos os alunos					Total	
			muito em desacordo	em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo		9,00
escola	escola profissional	Count	1	6	2	5	2	0	16
		% of Total	2,7%	16,2%	5,4%	13,5%	5,4%	,0%	43,2%
	escola secundária	Count	2	7	5	5	1	1	21
		% of Total	5,4%	18,9%	13,5%	13,5%	2,7%	2,7%	56,8%
Total		Count	3	13	7	10	3	1	37
		% of Total	8,1%	35,1%	18,9%	27,0%	8,1%	2,7%	100,0%

Também nesta afirmação não transparece uma percepção muito vincada de determinada posição. As respostas distribuem-se quase equitativamente pela concordância e não concordância com a afirmação, não nos permitindo concluir claramente uma posição.

**Tabela 48: avaliação modular-tarefas**

**escola \* Todos os alunos realizam as mesmas tarefas Crosstabulation**

			Todos os alunos realizam as mesmas tarefas					9,00	Total
			muito em desacordo	em desacordo	indiferente	de acordo	muito de acordo		
escola	escola profissional	Count	2	6	2	4	2	0	16
		% of Total	5,4%	16,2%	5,4%	10,8%	5,4%	,0%	43,2%
	escola secundária	Count	1	9	5	5	0	1	21
		% of Total	2,7%	24,3%	13,5%	13,5%	,0%	2,7%	56,8%
Total		Count	3	15	7	9	2	1	37
		% of Total	8,1%	40,5%	18,9%	24,3%	5,4%	2,7%	100,0%

Também nesta afirmação não existe uma posição vincada, estando as respostas muito dispersas por todas as opções possíveis de resposta. Tanto os professores da EP como os professores da ES parecem ter opiniões muito diversas relativamente às questões funcionais da avaliação modular.

**Súmula:**

- Sendo a avaliação modular/ progressão modular uma metodologia que pretende uma adaptação ao ritmo do aluno e às suas características, ela permite também um conjunto de interpretações diferentes por parte de cada um. Ela é percecionada de forma diferente já que é vivenciada de forma diferente.
- Adianta-se como possível explicação o facto de haver um conjunto de professores que se encontram nas duas escolas em acumulação e que partilham já algum saber face a estas modalidades.

## **2.3 DIPLOMADOS**

Caracterização dos participantes no estudo:

- Foram seleccionados 8 alunos diplomados / em fase de conclusão.
- EP – um ex. aluno de técnico de hotelaria /restauração e um ex-aluno de técnico de cozinha.
- ES- 3 alunos de apoio psicossocial, 3 alunos de higiene e segurança no trabalho.

Os contactos foram feitos por telefone e por e-mail e as entrevistas decorreram na escola profissional e na escola secundária. Tiveram uma duração média de 20 minutos.

Foi pedida autorização aos entrevistados para se proceder à gravação das entrevistas e foi garantida a confidencialidade no tratamento dos dados. Posteriormente foi feita a transcrição das entrevistas e procedeu-se à análise de conteúdo.

Com a análise de conteúdo pretende-se compreender a posição dos ex-alunos/ diplomados perante as expectativas que tinham face à escola, ao curso, funcionamento geral do curso a adequação dos espaços, professores, direção, aquisição de competências e sobretudo tentar perceber de que forma funcionavam a PAP, a FCT, a progressão modular, ou seja as marcas pedagógicas que distinguem o ensino profissional.

Para uma análise mais profunda, e após a leitura de todas as entrevistas, procedeu-se à construção de grelhas de análise e seleção de unidades de conteúdo. As grelhas referidas constam nos anexos a este trabalho.

A partir da revisão bibliográfica estabeleceram-se os temas centrais, as categorias e subcategorias. Que se apresentam seguidamente:

- Categoria A: Escola
  - Subcategoria:
    - A1- Expectativas.
- Categoria B: Curso
  - Subcategorias:
    - B1- aspetos valorizados
    - B2-espaço escola
    - B3-professores

- B4- currículo.
- Categoria C: avaliação modular
  - Subcategoria
    - C1- estratégias
- Categoria D: Formação em Contexto de Trabalho (FCT)
  - Subcategoria
    - D1-expetativas
- Categoria E: Situação atual
  - Subcategoria
    - E1- permanência na área de formação.

### RELATIVAMENTE À CATEGORIA A- ESCOLA

#### SUBCATEGORIA

- **A1- expetativas**

Observou-se que os alunos da EP chegam ao curso profissional por iniciativa própria, apesar de nem sempre ser o curso que idealizaram inicialmente.

*” A primeira opção era Hotelaria mas naquele ano não abriu nenhum curso de Hotelaria então optei por um curso de Cozinha ...”E2*

No caso destes alunos as expetativas eram de quem já conhecia a escola e embora não tenham entrado no curso de primeira opção ambos se mantiveram e afirmam ter acabado por gostar de aí estudar.

Quanto aos alunos da ES, o discurso é recorrente para a grande maioria dos entrevistados. Afirmam ter chegado ao curso sobretudo encaminhados pelos SPO e ainda um certo desencanto contrastante com as expetativas criadas.

*“Segundo os psicólogos que deram as hipóteses que havia aqui tanto na escola de Cinfães como em Castelo de Paiva e o que mais me agradou foi este.” E3*

*“Sinceramente não tinha muitas expectativas, foi mais uma opção tipo, achei que era o que tinha mais saídas profissionais. No início mantiveram-se mas depois começaram-se a dissipar.”E4*

*“toda a gente me foi dizendo, até aqui a psicóloga , se eu for para a universidade vou para o desemprego e eu queria desporto que é uma área com muita gente...” E5*

*“Achava que era uma coisa completamente diferente, do que é agora. Achava uma coisa mais prática, por acaso não correspondeu às minhas expectativas, de modo algum.” E6*

*“e vim parar a este curso”.E7*

*“ Depois, aqui o SPO aconselhou este curso”. E8*

### **SÍNTESE A1:**

Os SPO desempenham um papel de relevo no encaminhamento dos jovens para os cursos profissionais. É feita uma caminhada em sentidos opostos pelos alunos das duas escolas: os da EP entram com baixas expectativas por não conseguirem o curso que desejam e terminam sentindo-se realizados com o percurso efetuado, enquanto os alunos da ES, embora tenham entrado para o curso com algumas expectativas afirmam que as mesmas se dissiparam.

### **CATEGORIA B - CURSO**

#### **SUBCATEGORIAS**

- **B1-** aspetos valorizados
- **B2-** espaço escola
- **B3-** professores
- **B4-** currículo.

Relativamente aos aspetos valorizados pelos ex-alunos, verificou-se que há uma forte valorização da componente prática do curso. Os alunos da EP valorizam as práticas letivas, a área de formação e o espaço escola.

*“É uma área que tem tudo e mais alguma coisa. É uma área muito bonita .*

*Áreas que eu nunca imaginei que estivessem dentro da hotelaria, como decorações, as práticas, adorava as práticas, as disciplinas em si.” E1*

*“É uma escola diferente das outras, totalmente diferente. Agente aqui sente-se num espaço que não é uma escola. Aqui sente-se como no sítio onde um dia vai trabalhar. O primeiro espaço que se encontra aqui é um restaurante e uma cozinha e só depois se encontram as salas de aula. Um espaço diferente mas acolhedor.” E2*

Os alunos da ES salientam sobretudo os problemas levantados pela falta de equipamentos necessários à lecionação de determinadas disciplinas.

*“Nós aqui é muita teoria e eu agora na prática é que estou a ver como é interessante este curso.” E5*

*“...acho que tiveram algumas falhas porque abrir os cursos profissionais sem ter consciência do dinheiro que ia ser gasto para os materiais que nós íamos necessitar, que até hoje não pegamos em nenhum, são equipamentos muito caros, para medir o som, o ruído, são equipamentos muito caros.” E6*

Quanto ao espaço escola, os alunos da EP manifestam a opinião que a escola teve condições necessárias à lecionação dos cursos, contudo apontam oportunidades de melhoria futura.

*“Acho que devia ter um restaurante mesmo aberto ao público, em que fizéssemos grupos e pudéssemos servir diariamente como num restaurante”. E2*

Os alunos da ES, voltam a realçar as falhas a nível do material, sobretudo maquinaria e dispositivos eletrónicos mas também de salas para algumas aulas mais práticas.

*“Pode haver a parte teórica e tudo mas na prática é muito complicado”. E4*

Quanto aos professores, deparamo-nos também com um conjunto de alunos com uma postura muito crítica. Os alunos da EP afirmam ter tido um conjunto de professores competentes em todas as áreas, preparados para a lecionação.

*“Eram. Todos, a nível científico e a nível técnico.*

*Sim. Todas as disciplinas tinham uma parte integrante na área do curso”. E2*

Os alunos da ES reconhecem a especificidade dos cursos profissionais no que respeita todos os aspetos desde a avaliação à relação pedagógica.

*“Sim, alguns souberam. Nós somos diferentes, não há volta a dar, somos diferentes, mas eles tentaram sempre dar a volta.” E5*

*“Apesar que havia professores que para dar as aulas era muito...a ler, ler, ler e depois ir para casa e decorar aquilo, chegar ao teste e despejar”.E6*

*“Também como ainda é o primeiro curso, estão muito à experiência, ainda falham muitas coisas.”E7*

Quanto ao currículo, as opiniões apresentadas vão no sentido de haver uma diferença notória entre o curso profissional. Os alunos da EP falam numa adaptação das disciplinas ao curso.

*“...mesmo em Inglês e Francês ensinavam coisas que tinham a ver com Hotelaria e que hoje em dia tenho que saber, tenho que usar .”E1*

*“Algumas adaptam mas eu acho que faltou uma disciplina assim mais da componente prática, mesmo para nos ajudar no terreno porque é tudo muito teórico. Acho que faltou mesmo essa”. E7*

*“Tivemos conteúdos adaptados” E8*

### **SÍNTESE B1:**

Os alunos dos cursos profissionais valorizam a componente prática do curso e tem uma postura crítica quanto a essa área, quando ela não funciona em pleno. Podemos concluir das entrevistas realizadas que a escola profissional, até pela sua experiência, vai ao encontro das expectativas dos alunos na formação prática e que a escola secundária, por estar a dar os primeiros passos na lecionação dos cursos profissionais apresenta ainda algumas lacunas nesta área.

Além da componente prática, os alunos valorizam o espaço escola enquanto espaço de aprendizagem. Neste caso, também a escola profissional parece corresponder, embora com lacunas apresentadas pelos alunos, a um espaço de aprendizagem a todos os níveis. É

atribuído mérito aos professores pela sua adaptação aos cursos profissionais, em ambas as escolas, no entanto, os alunos da ES afirmam haver muitos professores que com métodos de ensino magistral, pouco adaptados à realidade dos cursos profissionais.

No que diz respeito ao currículo, mais uma vez, há o reconhecimento de uma adaptação aos cursos lecionados por ambas as escolas.

### **CATEGORIA C - AVALIAÇÃO MODULAR**

Tentamos saber a opinião dos alunos a esta estratégia de progressão e ainda perceber de que forma estava organizada em cada escola.

Pela análise das respostas obtidas, pode concluir-se que os alunos da EP compreendem a sua estruturação e a forma como está organizada. Embora um dos inquiridos afirmar preferir uma avaliação por período, ambos concordam que é uma forma de conceder autonomia na aprendizagem.

*“Havia um módulo por exemplo com 4 horas, depois já havia outro com mais 4...confundia um bocado.” E1*

*conseguir fazer”.E2*

Para os alunos da ES, a progressão modular é vista como uma vantagem, sobretudo na sua avaliação e negociação de critérios.

*“A matéria está dividida por módulos e cada módulo tem uma duração, tem um número de aulas e nós nessas aulas somos avaliados um a um. Como funciona normalmente no ensino regular só com cotações diferentes. Acho que é 50/50. 50% para os testes e 50% para a assiduidade, pontualidade, comportamento nas aulas, participação.” E4*

*“Sim, os professores perguntam sempre “vocês querem isto assim?” e nós dizemos “ó professor, se calhar é melhor não...”mas em relação a isso nunca tivemos problemas. Por acaso funciona muito bem.” E5*

### **SÍNTESE C1:**

A progressão modular/ avaliação modular é vista por todos os ex-alunos como uma vantagem, promovendo autonomia, capacidade de negociação valorização da aprendizagem

### **CATEGORIA D – FORMAÇÃO EM CONTEXTO DE TRABALHO (FCT)**

#### **SUBCATEGORIA**

- **D1-** expetativas

Sendo esta uma área tão valorizada pelos alunos dos cursos profissionais, tentou obter-se informação quanto aos locais onde realizaram a FCT, e ainda se a mesma foi ao encontro das expetativas criadas.

Os alunos da EP são inequívocos nas respostas apresentadas, afirmando a real importância da FCT na sua formação:

*“Foram o essencial. Acho que é onde se aprende mais, é no estágio.” E1*

Quanto aos alunos da ES, os que foram colocados em unidades da sua área de formação revelam satisfação com a FCT, *“Foi uma experiência muito boa.” E7*

No entanto, há um conjunto de alunos que se manifesta desiludido por não estar a por em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

*“Não, não estou a gostar!*

*Porquê?*

*Porque aqui na escola não tenho muito a aprender. É mais, ficas aqui e desenrasca-te como poderes. É mais ou menos essa a ideia que eu tenho. “E4*

*“...ficamos no escritório. Fazemos coisas para a empresa mas nada prático.”*

**E6**

### **SÍNTESE D1**

A Formação em Contexto de trabalho, mais do que uma componente do curso profissional é percebida pelos alunos como a mais importante de todas. Eles criam expectativas relativamente a mesma, no sentido de ter um contacto real com o mundo do trabalho e com as tarefas que praticam na sala de aula e, por vezes essas expectativas são goradas. Sobretudo na ES, onde estão a sair os primeiros diplomados, essa ligação ao território, segundo os alunos da mesma, nem sempre foi conseguida.

### **CATEGORIA E- SITUAÇÃO ATUAL**

Procurou-se com esta categoria, perceber até que ponto os alunos dos cursos profissionais estariam ou pretenderiam trabalhar na área de formação.

Das respostas obtidas concluiu-se que os alunos da EP, ficaram ambos a trabalhar na área em que se diplomaram, e afirmam a sua satisfação pela opção.

*“Quer dizer que no final do curso optaste por trabalhar na área de formação?”*

*Sim. Era o que eu gostava realmente . não estou arrependida e faria igual.*

*Sim, muito. Eu hoje não era o que sou se não fosse esta escola.” E1*

*“Teve um papel fundamental. A partir do momento em que vim para esta escola comecei a definir-me como pessoa, como ser como trabalhador, como empresário.” E2*

Quanto aos alunos da ES, de todos os entrevistados, nenhum afirmou querer trabalhar na área, de imediato. A grande maioria tem como plano de vida ingressar num curso superior, fora da área de formação.

*“É assim, eu queria seguir para a universidade.” E3*

*“Hummmm, algo que não seja muito relacionado com este curso. É o mais provável” E4*

*“...eu desde o início que tenho esse “mini sonho” que é ir para a universidade.” E5*

*“Eu vou fazer o exame a Português e se conseguir passar a Português vou seguir Higiene e Segurança a nível superior.” E6*

*“Ir para a faculdade. Se conseguir bolsa é isso que eu pretendo.” E7*

*“Sim, sim eu quero continuar.” E8*

### **SÍNTESE E1:**

Quanto à situação atual dos alunos, conclui-se que os alunos provenientes da Escola Profissional fizeram uso da sua formação na escola, seguindo a via profissional da área frequentada. Os alunos da Escola secundária afirmam pretender ingressar no ensino superior quer na mesma área quer noutra área qualquer. Não faz parte dos planos dos mesmos ingressar de imediato no mundo do trabalho.

## **2.4 DIRETORES**

Caraterização dos participantes no estudo:

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas aos diretores das escolas onde se realizou o estudo: a escola secundária e a escola profissional.

Ambos os diretores foram contactados por carta, onde foi solicitada a cedência de uma entrevista de carácter anónimo com o intuito de ser objeto de estudo de uma tese de mestrado na área da educação.

Tendo tido uma resposta positiva por parte de ambo os diretores, telefonicamente agendaram-se as entrevistas, se realizaram nas instalações de ambas as escolas.

Foi pedida autorização aos entrevistados para se proceder à gravação das entrevistas e foi garantida a confidencialidade no tratamento dos dados. Posteriormente foi feita a transcrição das entrevistas e procedeu-se à análise de conteúdo.,

Com a análise de conteúdo pretende-se compreender a posição dos diretores perante a finalidade e função da escola, a estrutura funcional, professores, alunos, representação social, clima de escola marcas pedagógicas, liderança, relações com o contexto.

Para uma análise mais profunda, e após a leitura de todas as entrevistas, procedeu-se à construção de grelhas de análise e seleção de unidades de conteúdo. As grelhas referidas constam nos anexos a este trabalho.

Com base na revisão bibliográfica e os objetivos do estudo em questão, estabeleceram-se as seguintes categorias e subcategorias:

- **Categoria A** : escola
  - **Subcategoria:**
    - **A1**-finalidade
    - **A2**- função (estrutura funcional; cursos e turmas; divulgação da oferta formativa; publico alvo, financiamento)
- **Categoria B**: professores
  - **Subcategorias:**
    - **B1**- recrutamento; **B2**- avaliação; **B3** grau de satisfação percebido
- **Categoria C**: alunos
  - **Subcategoria:**
    - **C1**- Recrutamento e seleção
- **Categoria D**: currículo
  - **Subcategorias:**
    - **D1**- autonomia
    - **D2**- tempo escolar
    - **D3**- FCT
    - **D4**- PAP
    - **D5**- atividades
    - **D6**- avaliação modular
    - **D7**- tempo de conclusão
- **Categoria E**: representação social
  - **Subcategorias:**
    - **E1**- empregabilidade
    - **E2**- opinião dos estudantes
- **Categoria F**: clima de escola

- **Subcategorias:**
  - **F1.** Grau de liberdade conferido
  - **F2-** Motivação
- **Categoria G:** marcas pedagógicas
  - **Subcategoria:**
    - **G1-** Métodos de ensino
- **Categoria H:** liderança
- **Categoria I:** relação com os contextos
  - **Subcategoria:**
    - **I1-** Parcerias

### **CATEGORIA A – ESCOLA,**

#### **SUBCATEGORIA:**

- **A1-**finalidade:
- **A2-** função (estrutura funcional; cursos e turmas; divulgação da oferta formativa; público alvo, financiamento)

Para o diretor da escola secundária, a grande finalidade da escola é o serviço público da educação. Para ele, a escola deve dar resposta às solicitações da sociedade.

*“Eu penso que o grande **objetivo** da escola é o serviço público da educação. É para isso que a escola existe. A instituição tem que recebê-los e dar resposta àquilo que são as solicitações da nossa comunidade educativa, dos pais, dos alunos e demais instituições como autarquia e outras instituições E1*

O diretor da escola profissional, por seu lado, valoriza mais o carácter holístico da escola, “A grande **finalidade** da escola é dar a formação humana e profissional aos alunos.”E2

Quanto à função da escola, o diretor da ES afirma:

*“A **função** é a meu ver a formação dos alunos, formação integral e dar resposta aquilo que são os objetivos dos projetos de vida de cada aluno que nos procura. Quando um aluno procura a escola ele vem com objetivo de*

*construir o seu projeto e tem objetivos e a escola deverá funcionar para que estes alunos consigam atingir os seus objetivos. Cada um terá o seu projeto de vida e daí em termos de oferta educativa a escola digamos tentar ter um leque de opções que consiga dar resposta às várias solicitações que nos são colocadas pelos próprios alunos.”*

Para o Diretor da Escola Profissional ela desempenha também uma função social:

*“Pois, aqui temos formado alguns alunos que se calhar noutra escola não teriam essa oportunidade.” E2*

Quanto à estrutura funcional, da análise das entrevistas realçamos o facto de haver, por parte da ES uma estrutura formal complexa, de ordem descendente desde o diretor ao professor

*“... a escola está organizada tem o seu diretor, e o órgão de gestão...subdiretores e adjuntos, tem um coordenador de departamento, tem os coordenadores de departamento, com os vários professores das disciplinas e tem um coordenador para os cursos profissionais, novas oportunidades. e por aí abaixo toda uma estrutura com coordenadores de curso, digamos que esse coordenador tem assento no conselho pedagógico e certas informações ....todo o trabalho que é feito em termos de pedagógico ...sai em cadeia descendente aos diretores de curso, coordenadores de curso até demais professores.”E1*

No caso da EP, há uma visão mais simples do processo, aparecendo “desenhado” em 3 grandes partes:

*“Tem os estatutos por que se regem também 4/98 onde tem os diversos órgãos respetivos para o funcionamento da escola desde a direção, à direção pedagógica e a direção administrativa e financeira.”E2*

Quanto à subcategoria Curso/turmas, a ES tem 10 turmas de cursos profissionais a funcionar em simultâneo, cuja escolha foi determinada pelo conselho pedagógico e pelo conselho geral:

*“...a escola em termos de conselho pedagógico e conselho geral determinou uma aposta nas áreas sociais.”E1*

Quanto à escola profissional, graças à sua reduzida dimensão, leciona 4 turmas, sempre na área da hotelaria/ restauração tendo sido essa a aposta desde o início do seu funcionamento.

*“A escola profissional faz a proposta por candidatura pedagógica à Direção regional e a direção regional depois é que dá o aval, digamos assim, ao funcionamento dos próprios cursos.” E2*

**PÚBLICO-ALVO:**

*ES “Quem procura mais são alunos, alguns alunos provavelmente com mais vocação para as questões práticas da vida e menos para o prosseguimento de estudos em sala de aula. Esta é a grande luta, é a sala de aula e aquilo que se consegue fazer com os cursos nas áreas profissionais. ...” E1*

*EP: “A procura dos cursos profissionais advém muitas vezes do interesse que os alunos têm, do modo como são divulgados os cursos.*

*Quem vinha aqui para a escola, os candidatos eram aqueles que tinham as habilitações necessárias ao curso que escolhiam e depois através da formação e da orientação procuravam sentir-se enquadrados dentro do próprio curso mas sempre com o intuito da inserção na vida ativa porque é para isso que nasceram os cursos profissionais.*

*Eu acho que tem as duas vertentes.”*

No que diz respeito ao financiamento não são adiantadas grandes diferenças à partida:

O diretor da **ES** avança:

*“Estes cursos são financiados em 75% pelo Fundo Social Europeu e a escola não tem dinheiro para avançar, para andar à frente. O dinheiro só vem depois*

*da fatura recibo, depois do pagamento estar efetuado. Aí há grande dificuldade inclusive mesmo para a aquisição de material” E1*

No entanto, há uma parte substancial de professores que, fazendo parte do quadro da escola não representam encargos para o curso.

*“Atualmente, com a obrigatoriedade de todos os técnicos especializados anuais entrarem na escola através da lei 35 de 2007 é o GEP que paga estes professores,” E1*

Para o diretor da EP, o financiamento divide-se entre “75% Fundo Social Europeu, e 25% M.E.” E2

### **SÍNTESE A1: ESCOLA**

No que diz respeito à finalidade da escola, pode concluir-se que o Diretor da Escola Secundária considera como prioridade o serviço público de educação, quer para o ingresso na vida ativa quer para o prosseguimento de estudos.

O Diretor da Escola Profissional valoriza a formação humana e profissional, ou seja a formação integral do indivíduo.

Relativamente à Função pode concluir-se que para o Diretor da ES a escola deve constituir resposta aos projetos de vida de cada aluno, instrução, título académico, enquanto que para o Diretor da EP a escola apresenta uma função de formação pessoal e social, por vezes de 2ª oportunidade educativa.

Quanto à estrutura funcional, há na ES uma rede de estruturas funcionais, com funções e papéis distintos, organizados numa cadeia descendente que vai do diretor ao professor. Esta complexa rede de ligações, típica de uma organização burocrática, impede, na nossa opinião, uma comunicação clara da visão da escola. O diretor da EP, apresenta-nos a estrutura funcional da escola de uma forma muito objetiva e clara, denotando uma identificação imediata do corpo central da escola.

Os cursos e turmas em funcionamento são definidos na ES pelos órgãos da escola e posteriormente sujeito a aprovação superior, enquanto a EP, embora também os possa definir, está dependente de uma autorização de funcionamento na área aprovada pelo Ministério da Educação.

**CATEGORIA B: PROFESSORES,**

**SUBCATEGORIAS:**

- B1- recrutamento;
- B2- avaliação;
- B3 grau de satisfação percecionado

Relativamente a esta questão, na escola secundária existem duas formas de recrutamento: por um lado os professores da componente sociocultural e científica que são contratados a nível de concurso de escola, e os técnicos que são sujeitos a entrevista

*“...temos os professores que fazem parte da componente de formação geral que são os professores da escola, nas áreas técnicas a opção vai para pessoas que estão ligadas ao mundo do trabalho, têm experiência de vida. Esses são contratados, são selecionados, há aqui uma procura de técnicos dessas áreas depois através de uma aplicação do ME, da contratação de escola, há uma indicação, é este, queremos este, abre-se o concurso e é ele que vem trabalhar.”*

Na escola profissional os professores são todos contratados a nível de escola.

A escola secundária aplica o mesmo modelo de avaliação a todos os professores, técnicos incluídos. A escola profissional, já que funciona por contratos a termo, analisa o percurso do formador, o seu relatório de autoavaliação e procede a uma avaliação interna.

Quanto ao grau de satisfação percecionado, afirma o diretor da ES:

*“Pois, aí é extremamente...é um assunto delicado... normalmente os professores evitam trabalhar com os cursos profissionais, os professores que há alguns anos estão no ensino habituaram-se a trabalhar no ensino regular e têm aquele modelo de professor e de ensino, e de aluno em sala de aula...o modelo tradicional do professor, tem sido uma luta aí...” E1*

Já o diretor da escola Profissional afirma:

*“Eu acho que depende também dos professores. Muitos deles vêm por causa da mais-valia monetária. Outros vêm porque gostam e portanto é sempre um bocadinho difícil nós apercebermo-nos se de facto a motivação do professor enriquece ou não os alunos”E2*

Quanto á avaliação na EP, o professor

*“é avaliado pelos alunos através do preenchimento de um documento próprio, pelo programa AVES, pela análise documental dos registos que são feitos e ainda pela análise do relatório final.”E2*

### **SÍNTESE CATEGORIA B:**

Quanto aos professores/ formadores das escolas em questão podemos concluir o seguinte: na escola secundária, alguns professores são recrutados por concurso público, ou seja, são os mesmos da formação geral, e outros são contratados por meio de entrevista, sobretudo para as áreas técnicas. Na EP, todos os professores são contratados por meio de entrevista, após uma autoproposta apresentada. A questão levantada por esta situação prende-se com o facto de, sobretudo na ES, existirem professores a lecionar cursos profissionais como meio de completar horário e com pouca motivação para o mesmo.

### **CATEGORIA C: ALUNOS**

#### **SUBCATEGORIA:**

- C1- Recrutamento e seleção

No que refere a categoria C, alunos, abordou-se sobretudo a temática do recrutamento. Pode concluir-se das respostas apuradas que os Serviços de Orientação e Psicologia desempenham na ES um papel muito relevante. Os alunos são entrevistados e encaminhados de acordo com o seu perfil.

Na escola profissional, o recrutamento é feito através da informação veiculada nas escolas circundantes e a seleção através de um questionário e uma entrevista, não dispondo esta escola de SPO.

**CATEGORIA D: CURRÍCULO**

**SUBCATEGORIAS:**

- D1- autonomia
- D2- tempo escolar
- D3- FCT
- D4- PAP
- D5- atividades
- D6- avaliação modular
- D7- tempo de conclusão.

Na categoria D procurou-se saber mais acerca da forma como a escola organiza o currículo, nomeadamente a nível da autonomia, tempo escolar, FCT, PAP, atividades, avaliação modular e tempo de conclusão.

*ES “os professores vão organizando os módulos e as horas, etc. mas temos sempre que obedecer àquilo que está estabelecido.” E1*

*EP “A nível da legislação que ainda temos em vigor, a nível pedagógico há autonomia mas essa autonomia é relativa” E2*

Ambos consideram que existe uma “autonomia relativa” sobretudo a nível pedagógico, mas que há um conjunto de normas que devem ser seguidas.

**TEMPO ESCOLAR:**

*“tivemos que ajustar ao bloco de 90 minutos que é a organização da escola. A escola trabalha em blocos de 90 minutos e depois é feita a conversão para as horas que estabelecem os programas do ensino profissional.” E1*

*“Neste momento está organizado por blocos, se bem que eu discorde profundamente deste tipo de organização. Acho que, se temos um plano curricular organizado por horas de formação, mesmo a nível contabilístico e financiamento, discordo que a nível pedagógico se adote no ensino*

*profissional este tipo de organização por blocos de 90 minutos. Claro que aqui poderia aparecer a autonomia da escola como justificação plausível no sentido da formação ser organizada em horas como era antigamente. Contudo, o queremos muitas vezes enquadrarmo-nos nas orientações legais emanadas pelo ME estamos a seguir precisamente essas orientações mas eu discordo dos blocos de 90 minutos”.E2*

Ambos discordam da organização do tempo escolar em blocos mas ambas as escolas o fazem, denotando uma subordinação ao poder burocrático instituído.

### **FORMAÇÃO EM CONTEXTO DE TRABALHO - FCT**

Ambas as escolas colocam os alunos em FCT no 2º e 3º ano de formação. O diretor da escola secundária aponta constrangimentos a nível da colocação dos alunos, sobretudo no alojamento e transporte, que requer meios financeiros inexistentes.

*“Aqui sentimos algumas dificuldades, são dificuldades em termos financeiros,”E1*

O diretor da escola profissional dá conta da existência de protocolos com entidades, existentes há vários anos, que facilitam essa colocação.

*“É claro que nesta caminhada que nós fizemos já temos algumas entidades com as quais nós temos protocolo e portanto é-nos mais fácil fazer esse trabalho e depois há um protocolo que existe mas antes do protocolo solicitamos à unidade, através de um pedido, solicitação de qual o número de alunos e qual a área preferida e a partir daí há pois toda esta formalização protocolar com a unidade e a colocação dos alunos em estágio”E2*

### **PROVA DE APTIDÃO PROFISSIONAL – PAP**

Relativamente à Prova de Aptidão Profissional, as respostas dos diretores também caminharam no mesmo sentido, ou seja: existe uma legislação específica, que é seguida, e existe alguma autonomia a nível da organização e acompanhamento.

### **ATIVIDADES**

As atividades têm um papel relevante na organização da escola, sendo alvo de um plano organizado, proposto por todos os elementos da comunidade educativa e a cargo de uma equipa, no caso da ES:

*“A escola, em termos conselho pedagógico aprova todos os anos o Plano de Atividades, e nesse plano de atividades inclui todas as atividades previstas para o longo do ano quer seja para o ensino do 3º ciclo, dos CEF, dos cursos regulares do ensino profissional, todas as atividades são encaixadas ali tendo em conta também os planos curriculares de cada turma e a partir daí as atividades lá se desenvolvem. Isto não é um plano rígido, é flexível, há avaliação periódica e com as respetivas adaptações, alterações, e avaliações.”*

**E1**

No caso da EP, há uma relevância dada às atividades enquanto complemento das aprendizagens,

*“no caso das visitas de estudo que é que muitas vezes são feitas tendo em conta a caminhada que o aluno está a fazer em determinada área e depois vai visitar algo que lhe vem dar uma mais-valia naquilo que ele teoricamente estava aqui a aprender.”E2*

### **AVALIAÇÃO MODULAR:**

Para a escola secundária a progressão modular apareceu como uma novidade com a lecionação dos cursos profissionais, o que, gerou alguma confusão, alguma desorganização. Há a referência por parte do diretor à existência de módulos em atraso, o que denuncia um certo desconhecimento sobre esta metodologia. O mesmo afirma que já está a ser feita alguma diferenciação em sala de aula, como forma de combater esta situação.

*“Sim, sim, foi novo e vieram também os módulos em atraso. Digamos que leva aí a uma ginástica grande, quer por parte de professores, alunos, este ano, para os alunos que no 1º ano deixaram módulos em atraso todas as turmas*

*escolheram uma tarde ou um período do dia livre para recuperarem módulos em atraso.” E1*

O diretor da EP aponta a forma como é realizada essa avaliação, apontando o diálogo inicial com o aluno, a negociação de critérios como base para um bom funcionamento.

*“Primeiro há um diálogo entre professor e aluno logo no início do módulo para consultar todas as situações da caminhada que o aluno irá fazer no respetivo módulo. Depois aí é logo indicada também qual o tipo de avaliação que o professor irá fazer com o aluno e o próprio aluno escolhe a avaliação que deseja para o próprio módulo....” E2*

#### **TEMPO DE CONCLUSÃO:**

Como já foi referido anteriormente, deparamo-nos com alguns constrangimentos a nível da investigação, relacionados com o facto de esta estar a ser realizada aquando da saída dos primeiros diplomados.

Embora não apresentem dados concretos, ambos os diretores apresentam uma realidade muito positiva.

Quanto ao número de diplomados, o diretor da ES afirma “Digamos que é o primeiro grupo de finalistas que temos, a primeira fornada e a escola pensa mesmo que um grupo significativo vai concluir.” E1

O diretor da Escola Profissional afirma:”...eu julgo que ao longo dos anos a estatística é muito positiva. Chega ao fim do curso e a grande maioria dos alunos concluem” E2

#### **SÍNTESE CATEGORIA D:**

Na organização do currículo, ambos os diretores apontam uma “autonomia relativa” como forma de atuação. Discordam de algumas questões mas adaptam-se às mesmas. Socorrem-se da legislação como refúgio da sua atuação e tentam, dentro do que lhes é possível, conferir liberdade/ autonomia aos professores.

**CATEGORIA E: REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

**SUBCATEGORIAS:**

- E1 empregabilidade
- E2 opinião dos encarregados de educação

Procurou também saber-se a opinião dos Diretores quanto à representação social dos cursos profissionais, a empregabilidade e ainda a opinião dos encarregados de educação.

O diretor da ES considera que a imagem se constrói, contudo apresenta uma visão otimista do trabalho realizado.

*“É assim, eu penso que tudo se constrói, e nas reuniões em que tenho estado com os coordenadores, com as equipas pedagógicas com quem tenho contactado e com os alunos também e aquilo que tem sido solicitado pela escola é a imagem não só dos cursos mas da escola, quando os alunos vão para os locais de estágio, da Formação em contexto de trabalho, levam um pouco daquilo que a escola os ajudou, a formação, o que a escola dá e penso que isso se vai construindo.” E1*

Quanto à opinião dos Encarregados de Educação, esta postura mantém-se. Tem havido, segundo o mesmo, uma evolução positiva que se revela na procura acentuada de alunos pelos cursos profissionais.

Quanto ao diretor da EP, ele apresenta números concretos de taxas de empregabilidade que corroboram uma representação social positiva.

*“Portanto a empregabilidade dos alunos assim no global anda entre os 60 e 70%. Se bem que nos anos na área é mais significativa e pode atingir até aos 80% noutros vem para os 60, 50% mas a nível geral de empregabilidade a taxa é alta aqui nesta escola.” E2*

O mesmo revela-se satisfeito com a caminhada que tem vindo a ser feita, e que tem culminado numa imagem muito positiva da escola.

*“A nossa escola tem neste momento feita uma caminhada em que a imagem é positiva e eu fico contente e a escola fica contente, ...” E2*

### **SÍNTESE DA CATEGORIA E:**

Os diretores em questão manifestam-se otimistas com a representação social da escola e satisfeitos com o trabalho realizado. Esta postura é mais vincada no diretor da EP, que leva a vantagem de duas décadas de experiência e de implantação no terreno. A juntar a esta questão, o facto de os cursos ministrados pela EP serem de colocação mais exequível e imediata no mercado de trabalho, o que culmina numa maior aceitação social quer por parte dos alunos, quer dos encarregados de educação ou até mesmo dos empregadores.

### **CATEGORIA F-CLIMA DE ESCOLA**

#### **SUBCATEGORIAS:**

- F1-Grau de liberdade conferido
- F2-Motivação

Tentou perceber-se qual a perceção dos diretores quanto ao grau de satisfação dos professores dos cursos profissionais, o grau de liberdade que lhes é conferido, e ainda aspetos relacionados com a sua motivação.

O Diretor da ES demonstra uma abertura nesta autonomia concedida aos professores, manifestando até um papel ativo no incentivo desta diferenciação perante os outros percursos.

*“A escola dá bastante liberdade para que os professores trabalham e até solicita, aconselha que o ensino profissional não é igual, os jovens que estão aqui não são alunos iguais aos outros, quer dizer, este ensino é um ensino diferente, tem características próprias, o trabalho em sala de aula deverá ser o mais reduzido possível para que haja mais trabalho em contexto de trabalho, mesmo na escola há tanta coisa que eles podem fazer.” E1*

A opinião do Diretor da EP vai ao encontro da anterior, no entanto, é salientada a responsabilidade do professor na liberdade que lhe é conferida.

*“Há uma certa liberdade dada ao professor no sentido de organizar as suas aulas de acordo com o programa que é fornecido. A nível dos critérios de avaliação, também estão mais ou menos definidos na escola e portanto logo no preenchimento da ficha modular no início do módulo isso é logo perspectivado entre professor e aluno. Há uma certa liberdade que é dada mas também se exige muita responsabilidade da parte do professor. A caminhada que o professor vai fazendo com o aluno tem que ser de muita responsabilidade e é dado ao aluno o melhor que pode e sabe quer a nível de textos de apoio quer a nível de exercícios, quer a nível de práticas etc. para que o aluno faça uma caminhada positiva também.” E2*

#### SÍNTESE DA CATEGORIA F:

Quanto à motivação, este é um aspeto valorizado por ambos os diretores, que a consideram fator determinante no sucesso das aprendizagens.

#### CATEGORIA G- MARCAS PEDAGÓGICAS

##### SUBCATEGORIA

- G1 Métodos de ensino

Abordou-se ainda a questão das marcas pedagógicas e métodos de ensino e a este propósito afirma o diretor da Escola Secundária:

*“Eu penso que a formação docente ainda teima pelo método tradicional, por aquilo que foi durante anos e anos, portanto, muitas mudanças em termos de ensino, em termos de educação já foram operadas, mas poucas chegaram à sala de aula, pouca coisa....em termos de sala de aula e no que diz respeito aos cursos profissionais em que é preciso compreender e entender estes alunos e estes cursos numa outra dimensão, trabalhar outros aspetos, menos exposição, porque é assim, se os alunos prepararem uma vida profissional estão fartos de estar numa sala de aula.” E1*

O Diretor da Escola Profissional admite ainda que, apesar das especificidades dos cursos profissionais, os professores da componente sociocultural e científica seguem métodos mais expositivos enquanto os professores das áreas técnicas optam por uma vertente mais prática.

*“Depende das componentes. Na componente sociocultural e na componente científica se calhar os professores adotam alguns métodos um pouco mais usuais na parte do ensino de trabalho de grupo, fichas, trabalhos de pares diálogo .....com os alunos em contrapartida a parte prática há outras situações e outras vertentes que são utilizadas.*

*Claro que na parte prática as coisas são completamente diferentes mas há por exemplo um professor da área de mesa fazer um arranjo floral ou fazer um centro de mesa ou uma laminagem de peças de fruta é uma atividade que se está a realizar com o aluno, esta a incentivar o aluno e esta a avaliar do mesmo modo, coisa que não pode ser feita na área de inglês ou português mas acho que há uma diversidade bastante grande de estratégias e de modos de avaliação.” E2*

#### **SÍNTESE DA CATEGORIA G:**

Concluiu-se que existe ainda hoje uma forte tendência por parte dos professores em seguir os métodos mais tradicionais de ensino, apesar das especificidades do ensino profissional.

#### **CATEGORIA H- LIDERANÇA**

Procurou saber-se ainda a opinião dos diretores relativamente a questões de liderança e o papel do diretor na determinação das políticas da escola e estratégias gerais. Neste sentido, o diretor da ES realça a importância das lideranças intermédias e de uma liderança de grupo.

*“É importante a ação do diretor, extremamente importante mas o mais importante é toda a vida, todas as reuniões, e a forma de colaboração que a escola consiga instituir, digamos assim. Se houver boa colaboração, boas lideranças intermédias e uma liderança de grupo também atenta a estes problemas que são os atuais da educação, penso que conseguimos aqui realizar um excelente trabalho. Não só a liderança de topo, não adianta estar a falar e depois cá em baixo as coisas não se operarem, muito importante todas as lideranças intermédias.” E1*

O diretor da EP, por seu lado valoriza a importância dos diretores (geral e pedagógico) num trabalho de equipa em conjunto.

*“Não há só o diretor, aliás, eu acho que é muito importante apesar das competências que o diretor tem e das competências que o diretor pedagógico também tem, se não houver aqui a articulação entre os dois e especialmente nesta vertente pedagógica, não noutras vertentes, entre DP e D da escola, cada um dentro da sua função mas a fazer como que um unísono, não há um bom funcionamento da escola.” E2*

#### **SÍNTESE DA CATEGORIA H:**

Os diretores de ambas as escolas valorizam o papel das lideranças quer de topo, quer intermédias, no sucesso de uma organização.

#### **CATEGORIA I- RELAÇÃO COM OS CONTEXTOS; I1 PARCERIAS**

#### **SÍNTESE DA CATEGORIA I:**

Ambos os Diretores valorizam a relação com os contextos, as parcerias e consideram-no um fator determinante na afirmação da escola no contexto.

## **CONCLUSÃO**

A oferta de cursos profissionais pelas escolas secundárias de ensino público, e a importação deste modelo de forma imediata, levantou algumas questões que nos levaram à realização deste trabalho.

A recolha de opiniões pelos questionários aplicados, entrevistas realizadas e observação da realidade das escolas em estudo, permitiram-nos conhecer mais aprofundadamente a realidade das duas escolas e os resultados obtidos permitem-nos tirar algumas conclusões.

Obtivemos respostas muito homogéneas por parte das duas escolas em vários âmbitos. Tal situação deve-se, na nossa opinião, à proximidade física e social das duas escolas e até mesmo em algumas situações à tendência para, em determinadas circunstâncias, se darem respostas socialmente expectáveis. Apesar deste constrangimento, foi-nos possível verificar algumas diferenças substanciais.

Concluimos que os alunos da EP optam pela escola por reconhecerem mérito na formação, por influência da comunidade, pais e familiares enquanto os alunos da ES são maioritariamente encaminhados pelos Serviços de Psicologia e Orientação. Esta orientação nem sempre funcionou como resposta aos anseios e necessidades dos alunos e das suas famílias. Em muitos casos foi a resposta encontrada para preencher cursos existentes, alocar recursos humanos e manter os alunos na escola. Há, por outro lado, uma clara valorização da EP pela comunidade em geral, uma confiança na formação que aí é ministrada.

O universo dos professores que lecionam os cursos profissionais numa e noutra escola é substancialmente diferente. A ES apresenta um corpo docente mais velho mas com menos experiência no ensino profissional que o corpo docente da EP. Muitos dos professores da ES não estão motivados para um público diferente, um público vocacionado para questões mais práticas, e poderá levar a que seja adulterada a filosofia dos cursos profissionais. Acabou por criar-se uma certa “aversão” à lecionação destes cursos por parte dos professores mais velhos, tornando-os de certa forma “indesejados” pelos professores. Também neste caso nos parece afigurar-se uma clara desconexão entre intenções, metas e ações fazendo transparecer a escola como um sistema “debilmente articulado”.

É revelada uma grande homogeneidade nas respostas quanto à finalidade e função da escola, por parte dos dois diretores entrevistados.

A principal finalidade apontada para a escola é permitir a aquisição de conhecimentos úteis tanto para o prosseguimento de estudos como para o ingresso na vida ativa e a principal função, promover o desenvolvimento integral dos jovens.

Uma questão que nos pareceu importante realçar foi a importância atribuída por todos os intervenientes do estudo à vertente prática do curso e aos recursos materiais.

A ES apresenta lacunas a nível dos recursos materiais para a lecionação das aulas práticas e uma ligação ao mundo empresarial com algumas fragilidades, nomeadamente no que diz respeito à colocação de alunos em FCT. Os cursos foram abertos sem que se tivesse em conta a existência, ou não, de locais adequados e com disponibilidade para a realização da FCT; sem que se pensasse na existência, ou não de formadores qualificados para a lecionação da componente técnica; sem que se equacionasse o fator empregabilidade. Para legitimar políticas nacionais pensadas em prol da escolarização sem ter em conta o contexto, o “pensar local, agir local” de que nos fala Azevedo (2007).

É percecionada uma maior autonomia por parte dos professores da EP no que diz respeito à organização e gestão dos módulos e atividades.

Contrariamente a esta situação, percebe-se por parte dos professores da ES uma forte dependência dos processos burocráticos e a existência de variadíssimas instâncias com funções definidas e independentes, entre as quais nem sempre existe uma comunicação de qualidade. Cada professor torna-se “especialista” da sua área e desconhece em grande escala o que se passa nas outras. Percebe-se uma forte centralização do poder de decisão e conseqüente dependência na ação, típico de uma organização fortemente burocratizada.

Os alunos e professores de ambas as escolas percebem o papel ativo que lhes é exigido na progressão avaliação modular enquanto instrumento de promoção de autonomia e construção de saber. As práticas levadas a cabo por ambos são semelhantes. Começa a verificar-se aqui já uma troca de ideias, uma partilha de boas práticas feita sobretudo ao nível dos professores em acumulação, que detêm já um conhecimento da ação.

Os alunos diplomados pela ES afirmam que as expetativas foram goradas, enquanto os alunos diplomados pela EP mantiveram-se na área de formação e dizem-se realizados

com a sua formação. Ambos valorizam a componente prática e apresentam uma postura muito crítica quanto à importância das infraestruturas materiais para a lecionação do curso.

Consideramos relevante salientar aqui a valorização do espaço escola, sobretudo pelos alunos da EP, onde os alunos reconhecem haver um clima de estudo/trabalho propício às aprendizagens das competências para a profissão decorrente, na nossa opinião, em grande parte da sua dimensão e relação pedagógica que essa dimensão propicia.

De realçar ainda que enquanto os alunos da EP se encontravam numa situação de trabalho na área de formação, os alunos da ES, na sua larga maioria, pretendiam candidatar-se ao ensino superior o que não é, na nossa opinião, o objetivo primordial do ensino profissional.

Relativamente aos Diretores, verificou-se também alguma homogeneidade de valores e princípios defendidos. Mais uma vez, a proximidade das escolas e até dos sujeitos em questão, levaram a que tenham sido formuladas respostas muito semelhantes.

Para o Diretor da ES, a escola é encarada como resposta às solicitações da sociedade. A oferta dos cursos profissionais surge, como um ajustamento local às normas emanadas a nível nacional ainda mais que a escola em questão é uma escola TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária) relevando o que Barroso (2006) identifica como Microrregulação. Se por um lado se pretende criar sinergias que colmatem as lacunas locais a nível da escolarização, abandono escolar e desenvolvimento, por outro, não havendo uma adequação à realidade local, tomam-se decisões imediatas baseadas nos anseios de quem procura os seus serviços que se revelam posteriormente desajustadas.

O Diretor da EP, considera a principal finalidade da escola a formação integral dos alunos, no caso, dentro de uma área em que detém experiência de décadas e que revela altos níveis de empregabilidade.

No que respeita a organização da PAP, FCT e avaliação modular verificou-se que as escolas têm práticas muito semelhantes, devido à troca de experiências e partilha de boas práticas.

Apesar dos constrangimentos inerentes ao estudo, sobretudo decorrentes da diversa dimensão das escolas, número de cursos e alunos, consideramos ter conseguido “fotografar” as escolas e compreender o seu funcionamento no que diz respeito aos cursos profissionais.

Esperamos que com este trabalho e com o conhecimento da realidade que o mesmo proporcionou, possamos contribuir para uma melhoria das práticas no terreno. Acreditamos que com formação adequada, acompanhamento e avaliação do processo se alcançará uma melhoria efetiva das práticas no terreno e se conseguirá transportar o modelo de forma a manter a sua virtuosidade e validação social.

## **BIBLIOGRAFIA**

- Afonso, N., Bolívar, B., Antonio, Dinis, L. L., Macedo, B., Marroy, C., Pinhal, J., et al (Eds.). (2006). *A regulação das políticas públicas de educação. espaços dinâmicas e actores*. Lisboa: Educa.
- Alves, J. M. (Ed.). (1996). *Modos de organização, direcção e gestão das escolas profissionais. um estudo de quatro situações*. Porto: Porto Editora.
- Azevedo, J. (Ed.). (2002). *O fim de um ciclo? educação em portugal no fim do século XXI* (1ª ed.). Porto: ASA Editores.
- Azevedo, J. (Ed.). (2003). *Rendimento escolar nos cursos das escolas secundárias e escolas profissionais - resultados de uma amostragem*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Azevedo, J. (Ed.). (2007). *Sistema educativo mundial - ensaio sobre a regulação transnacional da educação*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Azevedo, J., Fonseca, A., Jacinto, F., Pinto, J., & Alves, J. M. (Eds.). (2004). *Que estratégia para o ensino tecnológico em portugal?*. Lisboa: SEDES.
- Azevedo, J., Jacinto, F., Presa, J. L., Alves, J. M., & Orvalho, L. (Eds.). (2009). *Ensino profissional. analisar o passado e olhar o futuro*. Porto: Universidade Católica Portuguesa.
- Barroso, J. (Ed.). (2003). *A escola pública, regulação, desregulação, privatização* Edições ASA.
- Barroso, J. (Ed.). (2005). *Políticas educativas e organização escolar*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Barroso, J. (Ed.). (2005). *Políticas educativas e organização escolar*. Lisboa: Universidade Aberta.

Bolívar, B., Antonio, & Eufrásio, J., Carlos Tunas. (2003). *Como melhorar as escolas estratégias e dinâmicas de melhoria das práticas educativas antonio bolívar* (1ª ed.). PT; Porto: Asa,.

Costa, J. A. (1996). *Imagens organizacionais da escola*. Porto: ASA.

Costa, J. A., Neto-Mendes, A., & Ventura, A. (Eds.). (2004). *Políticas e gestão local de educação*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Estevão, C. A. V. (Ed.). (1998). *Redescobrir a escola privada portuguesa como organização*. Braga: Universidade do Minho.

Estevão, Carlos, Alberto Vilar, & Lima, Licínio C., (2006). *Compreender a escola perspetiva de análise organizacional carlos vilar estevão... [et al.]* (1ª ed.). PT; Porto: Asa,.

Gaspar, M. I. (Ed.). (1996). *Ensino secundário em Portugal. que currículo?*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Guerra, M. Á. S. (Ed.). (2002). *Entre bastidores - O lado oculto da organização escolar* (coleção perspetiva actuais - educação ed.). Porto: Edições ASA.

*O ensino profissional. analisar o passado e olhar o futuro. universidade católica portuguesa. porto*

Pacheco, José Augusto, de Brito, & Morgado, José Carlos. (2003). *Construção e avaliação do projecto curricular de escola* (1ª ed.). PT; Porto: Porto Editora,.

Pines, A. M. (2002). A psychoanalytic-existential approach to burnout: Demonstrated in the cases of a nurse, a teacher, and a manager. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 39(1), 103-113.

Rocha, M. C. J. (Ed.). (2007). *Educação, género e poder*. Braga: Universidade do Minho.

## **ANEXOS**

## ANEXO A:

---

### QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS DE CURSOS PROFISSIONAIS:

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Questões</b>
<b>Perfil</b>	Género Idade Nacionalidade	
	Pais / EE: Profissão Habilitações académicas Curso profissional/ano que frequenta	1º ciclo, 2º, 3º e 12º curso superior outro _____ (colocar as hipóteses de resposta)
	Nº de retenções Causas evocadas para o insucesso	Falta de capacidade/ interesse/ motivação/ saúde/ adaptação/ apoio dos profs/ insatisfação com o curso, área/ ...
	Opção Razões Expectativas	Por que razão escolheste este curso? Foi a tua 1ª opção? O que esperas deste curso? De que forma tomaste conhecimento do curso: família, professores, SPO, publicidade, amigos, outro, qual? Em que altura do teu percurso escolar optaste por este curso? Estás satisfeito com o curso escolhido? Alguma vez pensaste mudar de curso?
	Escola de proveniência	Que escola frequentaste no ano letivo anterior?
	Razões para a escolha da escola	Proximidade de casa, imagem, prestígio influência da família... Alguma vez pensaste mudar de escola?

<b>Escola</b>	Espaço físico	Condições físicas para a lecionação das aulas práticas Considero que a escola funciona bem
	Professores	Existe um bom relacionamento entre professores e alunos Os professores interessam-se pelo aproveitamento dos alunos Os professores acompanham o percurso escolar dos alunos com Os professores ensinam bem Os professores gostam do que fazem Os professores têm consideração pelos alunos
	Colegas	Estou satisfeito com o relacionamento com os meus colegas de turma Não existe indisciplina Os casos de indisciplina são resolvidos com .....
	Direção	O diretor da escola compreende-nos e procura sempre ajudar-nos As regras de disciplina são claras e adequadas
	Diretor de turma (orientador educativo)	O Orientador educativo (diretor de turma) mantém contacto com a minha família Quando tenho problemas posso recorrer ao meu OE/DT
	Catividades	A escola realiza muitas catividades As atividades realizadas pela escola têm relação com os cursos frequentados

	Avaliação	As classificações justas Os critérios de avaliação são claros e negociados com os alunos No final de cada módulo é realizada autoavaliação Estou satisfeito com os meus resultados escolares Os alunos desta escola saem bastante preparados
	Participação dos encarregados de educação na vida da escola	São convidados a participar nas atividades
<b>Funcionamento do curso</b>	Objetivos	O curso está a ir de encontro às minhas expectativas
	Conteúdos	Estão adaptados à realidade/ ajustados ao curso
		Sei sempre onde me devo dirigir para resolver um problema
	Avaliação modular	<b>A avaliação modular é uma boa forma de avaliação: permite uma progressão ao ritmo do aluno; confere autonomia na aquisição de competências; permite um acompanhamento mais individualizado; ....</b>
	PAP	A prova de aptidão profissional
	FCT	
Perspetivas de futuro		O curso vai facilitar o acesso a um bom emprego. O que gostarias de fazer após terminar o curso? Recomendarias este curso aos teus familiares/ amigos

**Anexo B:**

---

**QUESTIONÁRIO**

O presente questionário foi elaborado no âmbito de uma pesquisa para tese de mestrado na área das Ciências da Educação. Pretende-se proceder a um estudo das lógicas de funcionamento dos Cursos Profissionais. Os dados recolhidos serão totalmente confidenciais.

---

**PARTE I**

**Como contributo indispensável para a eficácia deste estudo, solicitamos-lhe as seguintes informações:**

1- Género

- a. Masculino   
b. Feminino

2- Idade em a 31 de Dezembro de 2009\_\_\_\_\_ (anos)

3- Nacionalidade\_\_\_\_\_

4- Concelho de residência\_\_\_\_\_

5- Escola frequentada no ano letivo anterior \_\_\_\_\_

6- Profissão dos pais

Pai \_\_\_\_\_

Mãe \_\_\_\_\_

7- Habilitações académicas dos pais (assinale com uma cruz X a opção mais adequada).

	1º Ciclo (primária)	2º Ciclo (6º ano)	3º Ciclo (9º ano)	12º Ano	Curso superior
Pai					
Mãe					

8- Curso Profissional que frequenta (assinale com uma cruz X a opção adequada).

Técnico de	Técnico de	Técnico de	Animador	Técnico de
------------	------------	------------	----------	------------

Restauração (variante Restaurante-Bar)	Restauração (variante Cozinha - Pastelaria)	Turismo	Sociocultural	Energias renováveis e sistemas solares
Técnico de Comunicação, Marketing, Relações Públicas e Publicidade	Técnico de Multimédia	Técnico de Informática e Gestão	Técnico de Higiene e Segurança do Trabalho e Ambiente	Técnico de Apoio Psicossocial

9- Ano que frequenta (assinale com uma cruz X o ano que frequenta)

1º ano	2º ano	3º ano

---

## PARTE II

**Para cada uma das questões, assinale a sua resposta, marcando uma cruz (X) no quadro correspondente**

1- Em que momento do seu percurso escolar decidiu optar por um curso profissional (assinale apenas uma resposta)

- a) No final do 9º ano
- b) Quando reprovei
- c) Quando frequentava um curso científico-humanístico
- d) Noutro momento

Neste caso, indique qual \_\_\_\_\_

2- Como teve conhecimento do curso que frequenta? (assinale apenas uma resposta)

- a) Através de familiares
- b) Através de professores
- c) Através de amigos/colegas
- d) Por indicação do Serviço de Psicologia e Orientação da escola
- e) Através de publicidade (rádio, televisão, jornal, internet)

3- Escolheu um curso profissional porque (pode assinalar mais do que uma resposta)

- a) É mais fácil terminar o 12º ano
- b) As perspetivas de emprego são melhores
- c) Não tive sucesso no curso anteriormente frequentado
- d) É menos exigente que os cursos científico-humanísticos
- e) Foi o que me aconselharam

Se existiu outro motivo, indique qual

---

Porque escolheu este curso? (pode assinalar mais do que uma resposta)

- f) Porque me pareceu o mais fácil
- g) Porque esta área me interessa muito
- h) Porque será mais fácil arranjar emprego
- i) Porque quero seguir um curso superior nesta área
- j) Porque era o único que tinha vagas

Se existiu outro motivo, indique qual

---

4- Alguém o influenciou na escolha na escolha do curso?

- a) Os pais
- b) Os professores
- c) Os serviços de psicologia e orientação profissional
- d) Os colegas/ amigos
- e) Outro
- f)

Neste caso, indique qual

---

5- Escolheu esta escola porque:

- a) Fica mais perto de casa
- b) Era a escola que frequentava no ano anterior
- c) É considerada uma boa escola
- d) Os meus pais acharam que seria a melhor opção
- e) Os alunos saem daqui com uma boa formação

---

### PARTE III

Nesta parte é-lhe pedido que dê a sua opinião sobre o curso, sobre a escola, e sobre o futuro, utilizando a seguinte escala: 1- concordo inteiramente; 2- concordo; 3- discordo; 4- discordo inteiramente; 5- sem opinião.

#### 1- A escola:

À frente de cada frase assinale com uma cruz (X) o quadrado relativo ao algarismo que melhor representa a sua opinião.

	1 Concordo Inteiramente	2 Concordo	3 Discordo	4 Discordo inteiramente	5 Sem opinião
Está preparada para locionar os cursos profissionais.					
Tem instalações próprias para as aulas práticas.					
Promove muitas atividades importantes para a atividade profissional.					
O ambiente de escola é disciplinado					
Os casos de indisciplina são resolvidos com rapidez.					
Existe um bom relacionamento com os meus colegas de turma.					
As atividades realizadas pela escola têm relação com os cursos frequentados.					
Fazemos visitas de estudo a empresas onde poderemos vir a estagiar.					

#### 2- O Curso:

À frente de cada frase assinale com uma cruz (X) o quadrado relativo ao algarismo que melhor representa a sua opinião.

	1 Concordo Inteiramente	2 Concordo	3 Discordo	4 Discordo inteiramente	5 Sem opinião

Estou a gostar deste curso.					
Os conteúdos das disciplinas estão ajustados à realidade do curso					
As classificações atribuídas são justas.					
Os critérios de avaliação são claros e negociados com os alunos.					
No final de cada módulo é realizada autoavaliação.					
A avaliação modular é uma boa forma de avaliação.					
A avaliação modular permite uma progressão ao ritmo do aluno.					
Este método de ensino/avaliação dá-nos mais autonomia.					
Na mesma disciplina pode haver alunos em diferentes módulos.					
Estou satisfeito com os meus resultados escolares.					
Os alunos desta escola saem bastante preparados.					
Recomendaria este curso aos meus familiares/amigos.					
O curso vai facilitar o acesso a um bom emprego.					

## 2- Os professores

À frente de cada frase assinale com uma cruz (X) o quadrado relativo ao algarismo que melhor representa a sua opinião.

	1 Concordo Inteiramente	2 Concordo	3 Discordo	4 Discordo inteiramente	5 Sem opinião
Existe um bom relacionamento entre professores e alunos.					
Os professores interessam-se pelo aproveitamento dos alunos.					

Os professores acompanham o percurso escolar dos alunos com interesse.					
Os professores ensinam bem.					
Os professores gostam do que fazem.					
Os professores têm consideração pelos alunos.					
O Orientador educativo (diretor de turma) mantém contacto com a minha família.					
Quando tenho problemas posso recorrer ao meu Orientador Educativo/ Diretor de Turma.					
Os professores/ formadores da componente técnica são competentes					

### 3- A direcção

À frente de cada frase assinale com uma cruz (X) o quadrado relativo ao algarismo que melhor representa a sua opinião.

	1 Concordo Inteiramente	2 Concordo	3 Discordo	4 Discordo inteiramente	5 Sem opinião
O diretor da escola compreende-nos e procura sempre ajudar-nos.					
As regras de disciplina são claras e adequadas.					
Sei sempre onde me devo dirigir para resolver um problema.					

### 4- Prova de Aptidão Profissional (PAP):

À frente de cada frase assinale com uma cruz (X) o quadrado relativo ao algarismo que melhor representa a sua opinião.

	1	2	3	4	5
--	---	---	---	---	---

	Concordo inteiramente	Concordo	Discordo	Discordo inteiramente	Sem opinião
A PAP é uma prova que visa revelar competências profissionais adquiridas ao longo do curso.					
Os temas são propostos pela Direcção.					
A PAP é muito importante para o desempenho profissional dos alunos					
Quem propõe os temas para a PAP é o aluno.					
O aluno escolhe o seu “professor acompanhante”					
Os professores explicaram-me o que era a PAP no 1º ano.					
O Regulamento da PAP foi-me entregue e explicado.					

### 5- Formação em Contexto de Trabalho (estágio):

À frente de cada frase assinale com uma cruz (X) o quadrado relativo ao algarismo que melhor representa a sua opinião.

	1 Concordo inteiramente	2 Concordo	3 Discordo	4 Discordo inteiramente	5 Sem opinião
Sinto-me preparado(a) para ir para estágio.					
Tenho conhecimento dos possíveis locais de estágio para o meu curso.					
Acho que o estágio me ajudará a estar mais preparado para o mundo do trabalho.					

### 6- O Futuro:

À frente de cada frase assinale com uma cruz (X) o quadrado relativo ao algarismo que melhor representa a sua opinião.

	1 Concordo inteiramente	2 Concordo	3 Discordo	4 Discordo inteiramente	5 Sem opinião
O curso vai facilitar o acesso a um bom emprego.					
Após terminar o curso gostaria de trabalhar na área de formação.					
Curso prepara par uma profissão socialmente importante.					
O curso é reconhecido pelos empregadores locais.					

**Agradecemos a sua colaboração!**

**ANEXO C:**

**QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES/ FORMADORES DOS CURSOS PROFISSIONAIS:**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Questões</b>
Perfil	Sexo	Masculino _____ Feminino _____
	Idade	_____
	Grupo de docência	_____
	Tempo de serviço Tempo de serviço em cursos profissionais Experiência	_____ _____
	Habilitações literárias	Técnico Bacharelato Licenciatura Pós-graduação Mestrado Doutoramento Outro _____
	Serviço distribuído Horário	Quantas turmas? Quantos alunos? Quantas horas semanais? Tem outros cargos? Quais? Quantas horas?

	Recrutamento	Concurso público Concurso de escola Autoproposta
	Nível de satisfação	Muito satisfeito.....nada satisfeito
Perceções sobre a Escola	Finalidades  Função predominante	Preparação para a vida ativa Preparação para o prosseguimento de estudos  Instrução Estimulação Socialização Seleção Título académico 2ª Oportunidade educativa
Recursos	Edifício  Materiais	
Currículo	Conteúdos	Autonomia na gestão dos currículos
	Tempo escolar	Horário
	FCT	Quem organiza/ o que é valorizado/ quem são os parceiros
	PAP	Quem propõe os temas/ quem organiza/ quem acompanha/ como se avalia

	Atividades	Quem propõe/ quem realiza/ como se avalia
	Avaliação modular	Como se processa/ quais são os critérios/ há negociação
Marcas pedagógicas	Diferenciação pedagógica	Quais são as marcas pedagógicas dominantes
Liderança	<p>Autoritária</p> <p>Democrática</p> <p>Laissez-faire</p> <p>Transformacional (quer que os seus seguidores sejam tb líderes)</p>	<p>Determina a política da escola e as estratégias gerais</p> <p>Ação subordinada a dispositivos normativos</p> <p>Incentivo à participação na formulação de políticas e estratégias e tomadas de decisão</p> <p>Margens de autonomia e liberdade para os membros da organização</p> <p>Diluição do poder de líder</p> <p>Escassos ou nulos procedimentos avaliativos da eficiência e eficácia do trabalho</p> <p>Apagamento do líder formal</p> <p>Motiva</p> <p>Consciencializa</p> <p>promove a superação dos interesses pessoais imediatos em benefício da organização</p> <p>Eleva o nível de confiança</p>

		Amplia as necessidades dos seguidores
Clima de escola	Satisfação Liberdade Produtividade Comunicação Autonomia participação	Grau de satisfação Grau de liberdade conferido Preocupação com a produtividade Ênfase na comunicação escrita formal/ informal Autonomia Participação
Comprometimento		Existe? De que forma?
Satisfação/realização pessoal e profissional		Como é percecionada?
Inserção territorial	Parcerias	Quem são os parceiros/ como são selecionados
Formação contínua dos docentes		É feita? De que forma?

**ANEXO D:**

---

**QUESTIONÁRIO**

O presente questionário foi elaborado no âmbito de uma pesquisa para tese de mestrado na área das ciências da Educação.

Pretende-se proceder a um estudo comparativo das lógicas de funcionamento dos Cursos Profissionais em Escolas Profissionais e em Escolas Secundárias.

Os dados recolhidos serão totalmente confidenciais.

---

**PARTE I**

**Por favor, responda às seguintes questões referentes ao seu perfil e situação profissionais, assinalando a opção que melhor se aplica ao seu caso com um (X) :**

1- Sexo

a) Masculino

b) Feminino

2- Idade

a) Idade inferior a 30 anos

b) Entre 31 e 40 anos

c) Entre 41 e 50 anos

d) Mais de 51 anos

3- Grupo de docência: \_\_\_\_\_

4- Situação profissional:

a) Contrato a termo certo (recibos verdes)

b) Em acumulação com outro estabelecimento de ensino

c) Professor do quadro de escola

d) Outro (p.f.especifique) \_\_\_\_\_

5- Tempo de serviço total: \_\_\_\_\_

6- Tempo de serviço em Cursos Profissionais:

- a) Menos de 3 anos
- b) Entre 3 e 5 anos
- c) Entre 5 e 10anos
- d) Mais de 10 anos

7- Habilitações literárias:

- a) Técnico
- b) Bacharelato
- c) Licenciatura
- d) Pós-graduação
- e) Mestrado
- f) Doutoramento
- g) Outro (p.f.especifique) \_\_\_\_\_

8- Situação profissional atual:

- a) Lociona apenas Cursos Profissionais
- b) Lociona Cursos Profissionais e Cursos de Formação Geral
- c) Lociona apenas nesta escola
- d) Lociona nesta escola em acumulação com outro estabelecimento de ensino

9- Como foi recrutado para locionar cursos profissionais nesta escola?

- a) Concurso público
- b) Contratação de escola
- c) Autoproposta

10- Quantas turmas leciona atualmente \_\_\_\_\_

11- Quantos alunos totalizam essas turmas \_\_\_\_\_

12- Quantas horas semanais contempla o seu horário \_\_\_\_\_

13- Desempenha outros cargos? Sim  Não

Se respondeu afirmativamente à questão anterior mencione quais e quantas horas contempla no horário:

Cargo	nº de horas
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

---

## PARTE II

**As questões seguintes pretendem averiguar a sua opinião relativamente a aspetos da escola:**

**Ordene as finalidades que de seguida se listam, escrevendo em frente de cada uma delas 1º, 2º, 3º, 4º ou 5º, de acordo com a importância que lhe atribui.**

**1- A principal finalidade da escola é:**

- a) Permitir a aquisição de conhecimentos úteis tanto para o prosseguimento de estudos superiores como para o ingresso na vida ativa
- b) Desenvolver pessoal e culturalmente o jovem, proporcionando-lhe a informação necessária à escolha de uma carreira escolar e profissional
- c) Preparar os jovens para a inserção imediata na vida ativa
- d) Preparar os jovens para o prosseguimento de estudos
- e) Proporcionar um tipo de formação técnica alargada que permita entrar num curso de qualificação profissional que habilite para o ingresso num emprego.

**Ordene as funções que de seguida se listam, escrevendo em frente de cada uma delas 1º, 2º, 3º, 4º ou 5º, de acordo com a importância que lhe atribui.**

**2- A função predominante da escola é:**

- a) Proporcionar Instrução de forma sistemática e sequencial
- b) Proporcionar a transmissão de um conjunto de normas, valores, crenças, hábitos e atitudes (socialização)
- c) Promover o desenvolvimento integral dos jovens (estimulação)

- d) Proporcionar a obtenção de Títulos académicos
- e) Selecionar/ encaminhar os jovens de acordo com as suas competências.

### **3-Recursos**

**Diga-nos o seu grau de acordo ou de desacordo com as seguintes afirmações, com base na seguinte escala:**

**1-Muito em desacordo | 2-Em desacordo | 3- Indiferente | 4- De acordo | 5- Muito de acordo**

- |   | 1                        | 2                        | 3                        | 4                        | 5                        |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| a) O edifício da escola contempla a lecionação de aulas práticas  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| b) A escola possui e disponibiliza os materiais necessários à lecionação das aulas práticas   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| c) Existe uma clara preocupação por parte dos dirigentes da escola de adaptar os materiais e recursos à lecionação dos cursos profissionais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

### **4-Currículo**

**Diga-nos o seu grau de acordo ou de desacordo com as seguintes afirmações, com base na seguinte escala:**

**1-Muito em desacordo | 2-Em desacordo | 3- Indiferente | 4- De acordo | 5- Muito de acordo**

- |  |                          |                          |                          |                          |                          |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 4.1.Os conteúdos curriculares da/s disciplina/s que leciono vão de encontro ao perfil profissional previsto para o respetivo curso | 1                        | 2                        | 3                        | 4                        | 5                        |
|  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

4.2. Tenho autonomia para gerir o currículo da minha disciplina no que refere:

- |                                 | 1                        | 2                        | 3                        | 4                        | 5                        |
|---------------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| a)Tempo de lecionação modular   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| b)Ordem sequencial dos módulos  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| c) Conteúdos                    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| d)Modos/ critérios de avaliação | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

4.3. A carga horária semanal atribuída à lecionação de cada disciplina é a mais adequada

1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**5- A Formação em contexto de trabalho**

**Diga-nos o seu grau de acordo ou de desacordo com as seguintes afirmações, com base na seguinte escala:**

**1- Muito em desacordo | 2- Em desacordo | 3- Indiferente | 4- De acordo | 5- Muito de acordo**

**5.1. Quem organiza/ gere a Formação em Contexto de trabalho é:**

	1	2	3	4	5
a) O Diretor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) O Coordenador de estágios.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Diretor de curso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Um professor/ formador da área.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Os alunos são sempre colocados em unidades onde possam tem um contacto direto com o mundo de trabalho, dentro da sua área.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Há uma relação de proximidade com os potenciais empregadores dos alunos dos cursos profissionais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6-A Prova de Aptidão Profissional**

**Diga-nos o seu grau de acordo ou de desacordo com as seguintes afirmações, com base na seguinte escala:**

**1- Muito em desacordo | 2- Em desacordo | 3- Indiferente | 4- De acordo | 5- Muito de acordo**

	1	2	3	4	5
a) Os temas a desenvolver são propostos pela escola e escolhidos pelos alunos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Os temas são propostos pelos alunos em consonância com os professores acompanhantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- c) Existe uma adequação dos temas ao curso do aluno.
- d) Os alunos têm a possibilidade de solicitar a alteração do tema proposto inicialmente.
- e) Existe um regulamento da PAP, facultado aos alunos em fase de elaboração de PAP.
- f) Os alunos são acompanhados apenas pelo “professor acompanhante”.
- g) Existe uma preocupação do corpo docente em geral, em dar apoio aos alunos que se encontram a desenvolver a sua PAP.
- h) A PAP operacionaliza competências essenciais para a resolução de problemas profissionais.
- i) A escola promove uma avaliação intermédia da PAP.

### 7-Actividades

**Diga-nos o seu grau de acordo ou de desacordo com as seguintes afirmações, com base na seguinte escala:**

**4- Muito em desacordo | 2-Em desacordo | 3- Indiferente | 4- De acordo | 5- Muito de acordo**

- 7.1. As Atividades realizadas na escola são propostas por:
- |   | 1                        | 2                        | 3                        | 4                        | 5                        |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| a)O Diretor da escola   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| b)Qualquer professor  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| c)O coordenador/ diretor de curso                                   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| d)Alunos  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| e)Conselho de turma   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| f)As atividades realizadas contemplam um carácter pluridisciplinar. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| g)No final das atividades é redigido um relatório.                  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

- h) É feito um balanço das atividades realizadas.
- i) É possível realizar atividades que não tenham sido propostas no plano Anual de Atividades.

### 8- Avaliação modular:

Diga-nos o seu grau de acordo ou de desacordo com as seguintes afirmações, com base na seguinte escala:

**5- Muito em desacordo | 2-Em desacordo | 3- Indiferente | 4- De acordo | 5- Muito de acordo**

- |  | 1                        | 2                        | 3                        | 4                        | 5                        |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| a) O principal interveniente na avaliação modular é o professor da disciplina.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| b) O aluno avaliado tem um papel determinante na sua avaliação.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| c) A avaliação modular contempla as competências teóricas e práticas adquiridas.                                       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| d) Os instrumentos/ critérios de avaliação modular são iguais para todos os alunos.                                    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| e) Todos os alunos de cada turma se encontram, nas diferentes disciplinas, a desenvolver competências no mesmo módulo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| f) Os testes são iguais para todos os alunos da turma.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| g) Todos os alunos realizam as mesmas tarefas.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| h) No início de cada módulo é negociado com os alunos, os conteúdos, critérios e instrumentos de avaliação.            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

### 9- Liderança

Diga-nos o seu grau de acordo ou de desacordo com as seguintes afirmações, com base na seguinte escala:

**1-Muito em desacordo | 2-Em desacordo | 3- Indiferente | 4- De acordo | 5- Muito de acordo**

9.1. A Liderança da escola:

	1	2	3	4	5
a)Determina a política da escola e as estratégias gerais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b)Tem uma Acção subordinada a dispositivos normativos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c)Incentiva à participação na formulação de políticas e estratégias e tomadas de decisão.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d)Tem margens de autonomia e liberdade para os membros da organização.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Está diluída pelos membros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Produz escassos ou nulos procedimentos avaliativos da eficiência e eficácia do trabalho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g)Revela um apagamento do líder formal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h)Motiva.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
i)Consciencializa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
j)Promove a superação dos interesses pessoais imediatos em benefício da organização.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
k)Eleva o nível de confiança.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
l)Amplia as necessidades dos seguidores.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

### **10-Clima de escola**

**Diga-nos o seu grau de acordo ou de desacordo com as seguintes afirmações, com base na seguinte escala:**

**1- Muito em desacordo | 2-Em desacordo | 3- Indiferente | 4- De acordo | 5- Muito de acordo**

	1	2	3	4	5
a) Sinto-me satisfeito(a) por trabalhar nesta escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Tenho liberdade/ autonomia para agir de acordo com os valores que defendo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) A escola preocupa-se com o sucesso dos alunos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d)Todas as tarefas que realizo ficam registadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- e) Os professores partilham as suas experiências.
- f) Participo na vida escolar
- g) Sinto-me profissionalmente motivado para locionar Cursos profissionais.
- h) Cada professor trabalha por si.
- i) Os alunos dos cursos profissionais são problemáticos.

### **11-Formação contínua dos docentes**

**Diga-nos o seu grau de acordo ou de desacordo com as seguintes afirmações, com base na seguinte escala:**

**1-Muito em desacordo | 2-Em desacordo | 3- Indiferente | 4- De acordo | 5-Muito de acordo**

- |   | 1                        | 2                        | 3                        | 4                        | 5                        |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| a) A escola apoia a formação contínua dos docentes  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| b) A escola promove ações de formação que contemplem uma formação contínua na área dos cursos locionados. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

### **12-Inserção territorial**

**Diga-nos o seu grau de acordo ou de desacordo com as seguintes afirmações, com base na seguinte escala:**

**1-Muito em desacordo | 2-Em desacordo | 3- Indiferente | 4- De acordo | 5-Muito de acordo**

- |   | 1                        | 2                        | 3                        | 4                        | 5                        |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| a) Existe uma relação próxima com o tecido empresarial / unidades de estágio .    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| b) São realizadas visitas de estudo a unidades empresariais da área de formação . | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| c) As unidades empresariais da área de formação visitam a escola .                | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

**Agradecemos a sua colaboração!**

**ANEXO E:**

**GRUPOS DE DOCÊNCIA**

**Educação Pré-Escolar**

Grupo de docência	Grupo de Recrutamento	Código
Educação Pré-Escolar	Educação Pré-Escolar	100

**1.º ciclo do ensino básico**

Grupo de docência	Grupo de Recrutamento	Código
1.º ciclo do ensino básico	1.º ciclo do ensino básico	110

**2.º ciclo do ensino básico**

Grupo de docência	Código	Grupo de Recrutamento	Código
1.º – Português e Estudos Sociais/História	01	Português e Estudos Sociais/História	200
2.º – Português e Francês	02	Português e Francês	210
3.º – Português e Inglês	03	Português e Inglês	220
4.º – Matemática e Ciências da Natureza	04	Matemática e Ciências da Natureza	230
5.º – Educação Visual	05	Educação Visual e Tecnológica	240
T.M.M. – Trabalhos Manuais Masculinos	07		

T.M.F.- Trabalhos Manuais Femininos	08		
E. Musical – Educação Musical	06	Educação Musical	250
Ed. Física – Educação Física	09	Educação Física	260
E.M.R.C. – Educação Moral e Religiosa Católica	10	Educação Moral e Religiosa Católica	290

### 3.º ciclo do ensino básico

Grupo de docência	Código	Grupo de Recrutamento	Código
E.M.R.C. – Educação Moral e Religiosa Católica	10	Educação Moral e Religiosa Católica	290
1.º – Matemática	11	Matemática	500
2.º B – Eletrotecnia	13	Eletrotecnia	540
4.º A – Física e Química	15	Física e Química	510
4.º B – Química e Física	16		
5.º – Artes Visuais	17	Artes Visuais	600
6.º – Contabilidade e Administração	18	Economia e Contabilidade	430
7.º – Economia	19		

8.º A – Português, Latim e Grego <sup>1</sup>	20	Latim e Grego	310
		Português	300
8.º B – Português e Francês <sup>2</sup>	21	Português	300
		Francês	320
9.º – Inglês e Alemão <sup>3</sup>	22	Inglês	330
		Alemão	340
10.º A – História	23	História	400
10.º B – Filosofia	24	Filosofia	410
11.º A – Geografia	25	Geografia	420
11.º B – Biologia e Geologia	26	Biologia e Geologia	520
2.º A – Mecanotecnia	12	Educação Tecnológica	530
3.º – Construção Civil	14		
12.º A – Mecanotecnia	27		
12.º B – Eletrotecnia	28		
12.º C – Secretariado	29		
12.º D – Artes dos	30		

Tecidos			
12.º E – Construção Civil e Madeiras	31		
12.º F– Artes Gráficas	32		
12.º F – Equipamento	33		
12.º F – Têxtil	34		
12.º F – Hortofloricultura e Criação de Animais <sup>4</sup>	35	Ciências Agro-Pecuárias	560
A – Produção Vegetal <sup>4</sup>	36		
B – Indústrias Alimentares e Zootecnia <sup>4</sup>	37		
Educação Física	38	Educação Física	620
Informática	39	Informática	550
Música	40	Música	610
Espanhol	41	Espanhol	350

<sup>(1)</sup> Os docentes do grupo de docência 8.º A podem concorrer a um dos grupos de recrutamento 300 ou

**ANEXO F:**

**GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS A  
DIPLOMADOS**

- Entrevista 1- ex-aluno ep hot/rest  
Entrevista 2- ex-aluno ep tec coz  
Entrevista 3- ex-aluno sec tec apoio psicossocial  
Entrevista 4 –ex-aluno hig seg trabalho  
Entrevista 5- ex-aluno hig seg trabalho  
Entrevista 6- ex-aluno hig seg trabalho  
Entrevista 7- ex-aluno sec tec apoio psicossocial  
Entrevista 8- ex-aluno sec tec apoio psicossocial

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
A Escola	A1 Expetativas	Na altura queria ir para uma secundária, para depois seguir para Psicologia. Era a Escola Profissional que tinha mais perto.	E1
		Não foi a minha 1ª opção. A primeira opção era Hotelaria mas naquele ano não abriu nenhum curso de Hotelaria então optei por um curso de Cozinha, e não estou arrependido, pelo contrário. Com o curso de .	E2
		Foi mesmo porque acabou o nono ano e havia poucas escolhas. Ou seguíamos o ensino regular, humanidades ou científicas e então como apareceram estas oportunidades decidi que eram uma maneira mais fácil, fácil, não mas era uma maneira depois no futuro, um emprego, não é. Já ficamos com o curso. Segundo os psicólogos que deram as hipóteses que havia aqui tanto na escola de Cinfães como em Castelo de Paiva e o que mais me agradou foi este.	E3
		Sinceramente não tinha muitas expectativas, foi mais uma opção tipo, achei que era o que tinha mais saídas profissionais. No início mantiveram-se mas depois começaram-	E4

	se a dissipar	
	Eu estava no 10 ano de científicas e até tinha passado para o 11º, só que é assim, toda a gente me foi dizendo, até aqui a psicóloga, se eu for para a universidade vou para o desemprego e eu queria desporto que é uma área com muita gente no desemprego, então, o meu pai também está inserido na área da construção civil e incentivou-me a vir para o curso. Se eu quiser ir para a universidade posso ir na mesma. Falei com pessoas já licenciadas que disseram que se fosse hoje iriam para um curso profissional. Andaram a tirar um curso e agora ou estão desempregados ou a trabalhar noutra área.	E5
	Na altura aqui na escola não havia mais possibilidades, não havia desporto, só havia mesmo científicas e humanidades. Então, abriram os cursos profissionais, foi o primeiro ano, falaram-me de Higiene e Segurança, disseram-me que era muito bom, apesar de eu não saber o que era, então vim à entrevista e fiquei colocada. Achava que era uma coisa completamente diferente, do que é agora. Achava uma coisa mais prática, por acaso não correspondeu às minhas expectativas, de modo algum.	E6
	Na altura foi mesmo para fazer o 12º. Eu sempre tive a ideia de chegar ao 9º e parar mas depois como não vi grande futuro...sair só com o 9º...e vim parar a este curso.	E7
	Na altura em que terminei o 9º ano não queria estudar mais mas por insistência dos familiares resolvi continuar. Depois, aqui o SPO aconselhou este curso.	E8
<p><b>Síntese A1 :</b> Os serviços de psicologia e orientação desempenham um papel de relevo no encaminhamento dos seus alunos para os cursos profissionais.</p>		

Categorias	Subcategorias	Unidades de análise	UC
B-Curso	B1 -Aspetos valorizados	<p><b>Lembraste por que razão na altura escolheste o curso de Hotelaria?</b></p> <p>Era a Escola Profissional que tinha mais perto. Eu não queria Hotelaria, ainda chorei, não queria, não gostava mas depois aprendi a gostar e adoro!</p> <p>Foi a área em si, as práticas, também.</p>	E1
		<p>Foi. É uma área que tem tudo e mais alguma coisa. É uma área muito bonita .</p> <p>Áreas que eu nunca imaginei que estivessem dentro da hotelaria , como decorações, as práticas, adorava as práticas, as disciplinas em si.</p>	E2
		<p>É uma escola diferente das outras, totalmente diferente. Agente aqui sente-se num espaço que não é uma escola. Aqui sente-se como no sítio onde um dia vai trabalhar. O primeiro espaço que se encontra aqui é um restaurante e uma cozinha e só depois se encontram as salas de aula. Um espaço diferente mas acolhedor.</p>	E3
		<p>Sei lá, liguei logo á psicologia, idosos crianças, grupos de risco....foi a primeira ideia.</p>	E4
		<p>A princípio foi porque não tinha outra opção. Acho que essa era a única saída que eu tinha, principalmente por isso</p> <p>Sim, mas dos cursos que havia pensei que aquele seria o melhor.</p>	E5

		<p>No início, pronto, nós somos todos muito aplicados, depois começamos a juntar-nos com o pessoal e começamos a “bardinar” (risos) mas tentei sempre levar tudo a sério e agora que estamos no fim, correu bem.</p> <p>Foram, foram. Nós aqui é muita teoria e eu agora na prática é que estou a ver como é interessante este curso. No ano passado estive aqui a estagiar na Câmara, não é muito vivido nem nada e este ano fui para uma empresa de construção civil, para Braga e é completamente diferente . agora é que eu estou a ver que isto aqui é importante e é espetacular, mesmo. Por acaso nunca pensei que fosse tão interessante</p>	
			E6
		<p>A nível da organização e assim, acho que tiveram algumas falhas porque abrir os cursos profissionais sem ter consciência do dinheiro que ia ser gasto para os materiais que nós íamos necessitar, que até hoje não pegamos em nenhum, são equipamentos muito caros, para medir o som, o ruído, são equipamentos muito caros. A escola devia informar-se disso antes de abrir o curso profissional. Nós vamos para uma empresa, a empresa onde eu estive tem lá esses equipamentos, depois nós trabalhamos com eles.</p>	E7
		<p>Eles diziam que o curso era mais fácil que o ensino regular, que incluía mais prática e o meu medo de não conseguir alcançar o que era pedido num curso regular , fez com que entrasse para este, logo, eu pensava que vinha para uma coisa mais prática. Que não houvesse tanto estudo, tantos trabalhos e assim.</p>	E8

		Ao longo do curso, não sei talvez experiencias adquiridas, sei agora que é difícil arranjar emprego e por isso quero prosseguir para ter um futuro melhor.	
<p>Síntese B1 : os diplomados de ambas as escolas valorizam a componente prática do curso .  Os alunos da EP referem a importância do espaço.  Os alunos da ES salientam o problema levantado pela falta de equipamentos necessários à lecionação de determinadas disciplinas.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
	B2- Espaço escola	As condições que deviam ser, não. Acho que devia ter um restaurante mesmo aberto ao público, em que fizéssemos grupos e pudéssemos servir diariamente como num restaurante. Tínhamos mais contacto com os clientes, o que aconteceu só no estágio. -	E1
		Teve. Teve condições e técnicos à altura.	E2
		Achas que houve falhas. Fomos os primeiros cursos prof que abriram aqui. Este ano já se nota uma diferença. Estão a agir de outra forma com os alunos. A nós era tudo novo. Não sabiam como haviam de preparar as salas de expressões dramáticas, expressões musicais e práticas. As salas foram todas remediadas não havia	E3
		Primeiro, não temos grandes condições para ter grandes formações, para sermos formados como deveríamos ser. Se precisarmos de	E4

		<p>trabalhar com alguns aparelhos, não estamos preparados para isso. Por muito que os nossos professores tentem fazer o melhor que podem fazer...não têm condições. Pode haver a parte teórica e tudo mas na prática é muito complicado.</p> <p>Os aparelhos mesmo. As salas é indiferente onde se vai realizar, é mesmo os aparelhos.</p>	E5
		<p>Falhou sobretudo no material. Os nossos professores diziam que faltava algum material. Fomos sempre arranjando ali e aqui. Fomos sempre no desenrasque. Também tivemos várias visitas de estudo e isso ajudou bastante.</p> <p>Bem sei que implica custos elevados mas era tentar pelo menos arranjar os aparelhos ou levar-nos a alguma empresa que nos deixasse ver para ter esse contacto. Mesmo nos estágios, tentar procurar estas empresas como eu estou. Nós estamos longe mas vale a pena estar longe porque aprendemos muito mais. Aqui numa escola não se aprende o que se devia aprender porque este curso na construção civil é o que mais dá.</p>	E7
		<p><b>E em relação à escola. achas que a escola teve durante estes três anos a capacidade a nível de instalações, de equipamentos, para vos dar uma formação?</b></p> <p>Não. Acho que ainda está muito aquém disso.</p> <p><b>O que é que faltou?</b></p> <p>Instalações. Há certas disciplinas que não têm as instalações necessárias. longe disso. Também como ainda é o primeiro curso, estão muito à experiencia, ainda falham muitas coisas.</p>	E8
		<p>Não. Acho que a escola está preparada para receber cursos como os nossos porque não tínhamos materiais adequados, não tínhamos salas adequadas, nós para termos as aulas de expressões práticas, expressões dramáticas e musicais tínhamos que ter uma sala diferente. Estávamos numa sala improvisada que não</p>	

		tinha nada a ver com o nosso curso.	
<p><b>Síntese B2</b> : Os alunos da EP apontam aspetos de melhoria futura como a abertura de um restaurante ao público enquanto que os alunos da ES salientam novamente o facto de a escola não estar preparada para acolher os cursos profissionais.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
	B3- Professores	<p><b>Em relação aos professores...</b> Eu gostava muito. <b>Achas que eram professores competentes?</b> Sim, puxavam muito por nós. <b>Achas que eles estavam preparados para a área da hotelaria?</b> Havia algumas disciplinas em que os professores não sabiam bem o que era a hotelaria mas também não tinha muito a ver com a disciplina que davam.</p>	E1
		<p>Eram. Todos, a nível científico e a nível técnico. Sim. Todas as disciplinas tinham uma parte integrante na área do curso.</p>	E2
		<p>Isso sim, acho que todos tinham a preparação para isso.</p>	E3
		<p><b>E em relação aos professores, achas que eles se adaptaram ao tipo de ensino?</b> Sim, sim.</p>	E4

		<p>Sim, alguns souberam. Nós somos diferentes, não há volta a dar, somos diferentes, mas eles tentaram sempre dar a volta. Mas pronto, claro que às vezes confundiam um bocado.</p> <p>Nós somos diferentes tipo, 50/50 na avaliação, quando eu andava no científico, não tem nada a ver, é uma diferença enorme. Agora os professores têm sempre aquela tendência de ver o teste, se tirou negativa no teste e tal, muitas vezes houve esse problema porque houve professores que não se adaptaram. Depois nós dizíamos “mas isto aqui não é como no ensino regular” e lá se resolvia.</p>	E5
		<p>Sim, eu acho que sim. Apesar que havia professores que para dar as aulas era muito...a ler, ler, ler e depois ir para casa e decorar aquilo, chegar ao teste e despejar. Acho que não tinha muita lógica, eu acho. E até foi nas disciplinas mais específicas, tipo ambiente e higiene, nós tínhamos que decorar aquilo, chegar ao teste e fazer aquilo e tínhamos trabalho.</p>	E6
		<p>Não, de todo. Nós tivemos a oportunidade de ter feito intercâmbio com uma escola de Joane, e .....foi muito diferente. Nós chegamos lá e os alunos de lá estavam muito mais preparados que nós. Eles tinham coisas muito giras, os professores, tinham um prof de teatro que ele era fantástico e aqui não temos nada disso. Salas, lá tudo adequado para eles, nós aqui ... quando chegamos lá ficamos um bocadinho acanhados porque pronto sei lá não estávamos mesmo ao nível deles. Para chegar ao nível deles era preciso muito.</p>	E8
<p>Síntese B3 : Os alunos apresentam uma postura crítica face aos seus professores.</p> <p>Os alunos da EP afirmam ter tido professores competentes em todas as áreas e preparados para a função. Já os alunos da ES reconhecem a especificidade dos cursos profissionais e a desadequação de alguma formação ministrada.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>

B4- Currículo	<p><b>Por exemplo, as disciplinas da componente sociocultural como o Português, Inglês, Integração, achas que houve uma adaptação dos conteúdos à área</b></p> <p>Acho que sim porque mesmo em Inglês e Francês ensinavam coisas que tinham a ver com Hotelaria e que hoje em dia tenho que saber, tenho que usar.</p>	E1
	<p>Sei lá, temos a prática, é mais prática, o estágio, temos visitas regulares ao lar da santa casa da misericórdia, é tudo mais prático. Temos a teórica que é diferente mas conseguimos por isso em prática.</p>	E3
	<p><b>Achas que é mais ou menos exigente?</b> É muito menos exigente, sem dúvida. São mais brandos. <b>A todos os níveis?</b> Não, a nível teórico. Mas aquelas mais específicas, tipo matemática, não tem nada a ver, é muito mais branda.</p>	E5
	<p>A nível da organização e assim, acho que tiveram algumas falhas porque abrir os cursos profissionais sem ter consciência do dinheiro que ia ser gasto para os materiais que nós íamos necessitar, que até hoje não pegamos em nenhum, são equipamentos muito caros, para medir o som, o ruído, são equipamentos muito caros. A escola devia informar-se disso antes de abrir o curso profissional. Nós vamos para uma empresa, a empresa onde eu estive tem lá esses equipamentos, depois nós trabalhamos com eles.</p>	E6
	<p>Algumas adaptam mas eu acho que faltou uma disciplina assim mais da componente prática, mesmo para nos ajudar no terreno porque é tudo muito teórico. Acho que faltou mesmo essa.</p>	E7
	<p>Não, nisso eu acho que está bem, tivemos conteúdos adaptados. Mesmo agora tivemos o exame de Português e nós temos tudo normal como os do ensino regular.</p>	E8
	<p>Síntese B4: Mais uma vez os alunos salientam a importância da componente prática do</p>	

curso. Os alunos da EP referem ter havido sempre uma adaptação dos temas abordados ao curso.

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
C- Avaliação modular	C1- estratégias	<b>Relativamente à avaliação modular , à forma de progredir e avaliar por módulos, o que achas disso?</b> Acho que não. Módulos não gostava. Devia ser como antigamente na EB, por períodos. Fazíamos 2, 3 testes por período. Acho que nos confundia muito. Havia um módulo por exemplo com 4 horas, depois já havia outro com mais 4...confundia um bocado.	E1
		É uma forma de nos conseguirmos avaliar melhor nas áreas em que temos mais capacidades. Conseguimos diferenciar melhor sendo em módulos que em trimestral. Dá! Dá mais autonomia que nós temos mais capacidade de ver o que somos capazes de conseguir fazer. Não engloba tudo mas um módulo de cada vez.	E2
		Eu acho que sim porque temos sempre hipótese de fazer o módulo, se reprovarmos. Sim, temos sempre. Os professores dizem as notas que acham que vão dar. Há a autoavaliação e heteroavaliação, cada um concorda ou não.	E3
		A matéria está dividida por módulos e cada módulo tem uma duração, tem um número de aulas e nós nessas aulas somos avaliados um a um. Como funciona normalmente no ensino regular só com cotações diferentes. Acho que é 50/50. 50% para os testes e 50% para a assiduidade, pontualidade, comportamento nas aulas, participação.	E4
		Sim, os professores perguntam sempre “vocês querem isto assim?” e nós dizemos “ó professor, se calhar é melhor não...”mas em relação a isso nunca tivemos problemas. Por acaso funciona muito bem	E6
		<b>Por exemplo, o tipo de avaliação é diferente, não é? Avaliação Modular. Queres falar um bocadinho sobre isso? Achas que é uma boa</b>	E7

		<p><b>forma de avaliar, que promove autonomia aos alunos ou que é mais difícil</b> Cria outras facilidades em relação ao outro curso. É 50/50.</p> <p><b>Os critérios de avaliação são negociados no início de cada módulo?</b></p> <p>Sim.</p> <p><b>Depois, no final do módulo como é que vocês fazem, voltam a falar sobre esse módulo?</b></p> <p>Sim nós damos uma nota à componente teórica e ao nosso comportamento e essas coisas, depois fazem a média. Nós Auto propomos a avaliação e depois o professor é que ...</p> <p><b>Então há negociação?</b></p> <p>Sim, com a maioria dos professores sim.</p>	
		Acho que assim está melhor. Dá-se determinada matéria, determinados conteúdos e a avaliação é mais fácil para nós. Acho que nisso até podiam mudar aos outros.	E8
<p>Síntese C1 : reconhece-se a importância conferida à avaliação modular como meio de promoção de autonomia e controlo das aprendizagens pela negociação de critérios e diálogo entre alunos/professores.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
D- FCT	D1- expectativas	<p><b>Quanto aos estágios que realizaste, achas que foram importantes para a tua formação?</b> Foram o essencial. Acho que é onde se aprende mais, é no estágio.</p> <p><b>Foi ao encontro às expectativas que tinhas?</b> Sim. No primeiro ano fui para o Hotel Lamego onde aprendi logo coisas totalmente diferentes, coisas novas. Serviço de quartos, o serviço Inglês Direto de que tínhamos falado pouco. O segundo ano foi no Rabelo , que me encontro</p>	E1

	hoje a gerir, e no terceiro no restaurante Kibom.	
	Sim, para um futuro próximo sim. Realizamos atividades...	E3
	<p><b>E em relação ao teu estágio. Onde é que o realizaste?</b>                  Foi aqui na escola.                  Não, não estou a gostar!  <b>Porquê?</b>                  Porque aqui na escola não tenho muito a aprender. É mais, ficas aqui e desenrasca-te como poderes. É mais ou menos essa a ideia que eu tenho.</p>	E4
	A empresa é de energias renováveis. No ano passado estive na Câmara Municipal. Quando eles falaram em Energias Renováveis eu pensei...bem, vou para lá ver a montar eólicas, painéis solares, e assim, mas não, ficamos no escritório. Fazemos coisas para a empresa mas nada prático.	E6
	Três. Os primeiros dois foram em Souselo, no centro de dia. Este último foi na Cerci de Amarante. Neste último de Souselo fiquei desiludida porque era uma instituição que só acolhia populações nas férias e normalmente eu estagiava em Maio não apanhava quase ninguém. Souselo ficou aquém das minhas expectativas agora este na Cerci adorei. Trabalhei na Carfap que a visita tinha ...problemáticos. Tentei-lhes dar apoio e isso. Também tive oportunidade de trabalhar no campo com deficientes que é uma área que eu adoro. No futuro gostava de trabalhar com deficientes. Ainda trabalhei com o centro de formação. Foi uma experiência muito boa.	E7
	Este ano estive a estagiar no Centro de Dia de Souselo, os dois primeiros anos estagiei no complexo escolar com crianças mas este ano	E8

		quis ter uma experiencia diferente	
<p><b>Síntese D1 :</b> Todos os alunos valorizam muito a FCT, no entanto, verifica-se por parte dos provenientes da ES, um desencanto por na grande maioria este não correspondeu às expetativas formuladas.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
E- Situação atual	E1- permanência na área de formação	<p><b>Quer dizer que no final do curso optaste por trabalhar na área de formação?</b>                      Sim. Era o que eu gostava realmente . não estou arrependida e faria igual.                      Sim, muito. Eu hoje não era o que sou se não fosse esta escola.</p>	E1
			E2
		<p>Teve um papel fundamental. A partir do momento em que vim para esta escola comecei a definir-me como pessoa, como ser como trabalhador, como empresário.</p>	E3
		<p>É assim, eu queria seguir para a universidade. Queria seguir em Educação Social. Se conseguir entrar na universidade eu acho que sim, se não conseguir a hipótese é mesmo tentar arranjar trabalho na área.</p>	E4

		<p><b>Agora terminando o curso o que é que estás a pensar fazer?</b>  Hummmm, algo que não seja muito relacionado com este curso. É o mais provável. O meu objetivo mesmo é acabar o 12º ano. Não tenho muito interesse.</p> <p><b>Então vais perder 3 anos de formação?</b>  Sim mas também não é uma formação de grande relevo, de grande importância, de grande qualidade.</p> <p><b>O que é que falta?</b>  Acho que se no estágio tivéssemos tido a oportunidade certa no sítio certo tínhamos aprendido alguma coisa. No meu caso não tive essa oportunidade, não aprendi grande coisa. Não fui dos alunos mais aplicados também não podia ter escolhido os melhores lugares. Mas mesmo assim, nos lugares onde somos colocados devíamos ter a oportunidade de aprender alguma coisa.-----</p>	
		<p>Não, vou precisar de mais um bocado de experiência. Queria ver se arranjava um estágio tipo aqueles que fazem nas empresas e ganhar mais um bocado de experiencia.</p> <p>É assim, eu desde o início que tenho esse “mini sonho” que é ir para a universidade. Por isso é que tenho que escolher um curso bom senão vou para o desemprego e isso agora vou fazer exame a Português e tentar entrar em Desporto. Se não entrar vou tentar arranjar emprego na minha área. E se não conseguir entrar na universidade para o ano tento outra vez ou qualquer coisa assim parecida, ou senão trabalhar e estudar à noite, se conseguir, tirar à noite em pós-laboral.</p>	E5
		<p>Eu vou fazer o exame a Português e se conseguir passar a Português vou seguir Higiene e Segurança a nível superior. Vou continuar o curso porque também porque acho que já tenho bases. Se fosse para outra coisa se</p>	E6

		<p>calhar já me ia sentir mais confusa porque não percebia tão bem, se calhar. Como já estou em Higiene e segurança acho que o melhor curso a seguir é mesmo Higiene e Segurança.</p> <p>Isso é um bocado difícil, não, para já não. Acho que aqui é um bocado difícil porque , há muitas empresas a pedir técnicos de Higiene e Segurança mas normalmente é engenheiros civis com curso de higiene . não sei, ainda não andei bem a procurar mas acho que se uma pessoa conseguir fazer melhor , se tiver oportunidade para isso ...</p> <p>Ir para a faculdade. Se conseguir bolsa é isso que eu pretendo.</p> <p><b>Em que área?</b></p> <p>Na área social. Educação social, anda por aí. Primeiro preciso de ter bolsas porque os meus pais não têm condições para isso, depois tenho que ter positiva na PAP...</p> <p><b>E agora imaginemos que tu não entras no curso que queres e que tens que adiar esse sonho por algum tempo. O que pensas fazer?</b></p> <p><b>Pensas trabalhar na área de formação?</b></p> <p>Se houver oportunidade sim senão é o que vier.</p> <p><b>Aqui no concelho, vês oportunidades para ti?</b></p> <p>Sinceramente não. Apesar deste curso ser dos primeiros da área social aqui em Cinfães, foram abrindo outros com menos tempo e saíram primeiro o que impede de nós entrarmos...por isso é que eu quero ir para a faculdade.</p>	E7
		<p>Sim, sim eu quero continuar. Acho que pode proporcionar um futuro mais promissor. É mais devido ao medo de depois ficar desempregada. Acho que assim tenho mais hipóteses de ficar numa situação melhor.</p>	E8
<p>Síntese E1: Os alunos da EP encontram-se a trabalhar na área de formação. Os alunos da ES afirmam maioritariamente pretender ingressar no ensino superior.</p>			

**ANEXO G:****GUIÃO DE ENTREVISTA AOS DIRETORES**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Questões</b>
<b>A escola:</b>  Finalidade       Função predominante da escola	  Preparação para o ingresso na vida ativa Preparação para o prosseguimento de estudos Formação integral do indivíduo   Instrução Estimulação Socialização Seleção Título académico 2ª Oportunidade educativa	  Qual a finalidade/s da escola? Quem as determina? Há autonomia na determinação dessas finalidades? Há consenso ou conflito? É claramente percecionado pelos actores ou é ambíguo?  Qual considera ser a função predominante da escola?
Estrutura funcional (Organigrama)	Formais  Informais	Quais são as estruturas existentes?  (Quais as mais valorizadas?)  Existe uma relação direta com as funções/ finalidades da escola?

	<p>Cursos / Turmas Definição</p>	<p>Há quanto tempo são lecionados nesta escola os cursos profissionais?</p> <p>A escola tem atualmente a funcionar quantos cursos profissionais/ turmas?</p> <p>Os cursos foram definidos pela instituição?</p> <p>Que critérios estiveram na base da definição desses cursos?</p> <p>Quem aprova o funcionamento dos cursos e em que moldes é feita essa aprovação?</p>
	<p>Oferta formativa :</p>	<p>De que forma é feita a divulgação da oferta formativa? É feita pela própria escola/ alguém determinado pela escola ou pelo ME?</p> <p>Como é que é feita a articulação da oferta formativa com as outras instituições do território?</p>
	<p>Público-alvo</p>	<p>A quem são dirigidos estes cursos? Quem procura estes cursos?</p>
	<p>Financiamento</p>	<p>Em que moldes é feito o financiamento dos cursos profissionais? Que entidades intervêm no financiamento destes cursos/ com que percentagens?</p>
<p>Professores/ formadores</p>	<p>Recrutamento</p>	<p>Relativamente aos professores/ formadores, como</p>

	(avaliação?) Critérios usados para alocar professores aos cursos profissionais Nível de satisfação na lecionação dos cursos profissionais	são recrutados? Concurso a nível nacional/ contratação de escola/ apresentação de currículo? Em que moldes é levada a cabo a avaliação dos professores/ formadores dos cursos profissionais? Qual a sua perceção relativamente ao grau de satisfação dos professores dos cursos profissionais?
Alunos	Recrutamento Seleção Perfil dos alunos	Como são recrutados os alunos? Que alunos procuram estes cursos? São encaminhados pelos Prof. da escola/ vêm de outras escolas?  Seleção: como são selecionados?  Têm critérios de seleção? Quais? Como são encaminhados para determinado curso? Qual o papel do SPO no encaminhamento?
Organização do currículo	Modelo de gestão curricular	Considera que existe autonomia na gestão dos currículos dos cursos profissionais? Até onde vai essa autonomia? O que é que é imposto?
	Tempo escolar	Como está organizado/ distribuído o tempo escolar? (blocos/ horas/ n. semanas/) Em que critérios é baseada essa organização?
	Formação em Contexto de Trabalho	Como está organizada a Formação em Contexto de Trabalho?

		Quem determina essa organização? Quem coordena/ organiza?
	Provas de Aptidão Profissional	Como está organizada a Prova de Aptidão Profissional?  Quem organiza? Quem coordena? Legislação de suporte? Quem avalia? Como funciona?
	Atividades	Como se planificam as atividades? Quem coordena? Quem aprova? Como se avalia?
	Avaliação modular	Como se faz avaliação modular? Que critérios? Contempla a diferenciação pedagógica nos instrumentos/ conteúdos/ competências?
	Tempo de conclusão	Quanto tempo demoram os alunos, em média, a concluir o curso? Qual a taxa de conclusão/ desistência/ mudança de curso?
Representação Social	Empregabilidade	Qual a taxa de empregabilidade dos alunos dos cursos profissionais? Qual a sua perceção acerca da representação social destes cursos?

	Opinião dos enc. Educação	E da opinião dos encarregados de educação?
Clima de escola	Satisfação Liberdade Produtividade Comunicação Autonomia Participação	Qual a sua perceção do grau de satisfação dos professores dos cursos profissionais? Eles costumam manifestar-se quanto a estes cursos de alguma forma? Qual o grau de liberdade conferido aos professores/ formadores na lecionação das suas disciplinas? Entende que a motivação dos professores/ formadores tem reflexos na sua produtividade? De que forma se costuma inteirar da situação/ funcionamento/ satisfação/ grau de execução/ dos cursos? (formal ou informalmente?) Considera que os professores/ formadores são autónomos na organização/ lecionação das suas disciplinas? De que forma os professores/ formadores participam na vida escolar?
Marcas pedagógicas	Diferenciação pedagógica	Quais são os métodos pedagógicos predominantemente usados pelos professores: expositivo, atividades prioritariamente dos alunos, trabalhos de grupo, aulas práticas... Esses métodos são de alguma forma sugeridos aos professores? Instrumentos de ensino/ avaliação predominantes: testes, trabalhos escritos, trabalhos práticos, projetos...
Liderança	Tipo de liderança	Considerando a importância da figura do diretor nos estabelecimentos de ensino, gostaríamos de saber:

	(traços do perfil)	Quem determina a política da escola, estratégias gerais, Há incentivo à participação? De que forma? Há margens de autonomia e liberdade para os membros da organização? Onde costuma contactar diariamente com os professores? Eles procuram-no frequentemente? Que tipo de problemas surgem diariamente?
Relações com os contextos	Parcerias	Que tipo de relação é mantida com os representantes das empresas, potenciais entidades empregadoras? Eles são envolvidos de alguma forma na vida da escola? São convidados a participar na vida da escola?

**ANEXO H:****Grelha de análise de conteúdo das entrevistas****Entrevista 1- Diretor da Escola Secundária****Entrevista 2- Diretor da Escola Profissional**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
A- Escola	A1 FINALIDADE Preparação para o ingresso na vida ativa Preparação para o prosseguiment o de estudos Formação integral do indivíduo	<p>Eu penso que o grande <b>objetivo</b> da escola é o serviço público da educação. É para isso que a escola existe. A instituição tem que recebê-los e dar resposta àquilo que são as solicitações da nossa comunidade educativa, dos pais, dos alunos e demais instituições como autarquia e outras instituições</p> <p>...O ensino em Portugal está organizado de digamos cima para baixo, o ministério determina os normativos, as orientações das políticas educativas e depois na cadeia descendente até à escola em que muitas vezes a escola aparece e surge como a parte que executa as políticas educativas. É evidente que a escola também tem a sua parte de autonomia e que poderá utilizar, dependendo depois de cada instituição a forma como desenvolve, como prepara o serviço educativo</p> <p>... Sim, penso que muitas vezes a legislação vem de cima não tem em conta as realidades locais a que normalmente. Normalmente costumamos dizer que as políticas são para grandes centros, grandes cidades, zonas que dispõem de transportes, de várias instituições em que tudo se torna mais fácil. Penso que há consenso em parte, noutra provavelmente mais conflito. Conflito na gestão do</p>	<b>E1</b>

		<p>currículo, na parte da autonomia da escola em termos de recursos humanos, recursos físicos, digamos que há aqui uma, não digo uma luta mas um trabalho permanente de insistência ...para que a escola consiga realmente um serviço prestado à comunidade</p> <p>Há sempre aqui, nesta cadeia descendente, desde direcção, departamentos até aos professores das diversas disciplinas, por vezes há aqui perda de informação. Pode num ou noutro sector, digamos que essa orientação não estar bem vincada, mas eu penso que é possível acontecer nas determinadas lideranças, os objetivos não estarem bem claros e de vez em quando clarificar, sentar, falar e alterar.</p> <p>A grande <b>finalidade</b> da escola é dar a formação humana e profissional aos alunos. Eu foco esta vertente da formação humana porque nem sempre nós temos em conta esta situação, e depois a formação profissional como é óbvio esta escola é uma escola profissional e o ensino profissional nasceu tendo em conta a certificação dos alunos nas várias áreas disponíveis naquela altura, mas a acompanhar isso a formação humana é muito importante.</p> <p>A <b>finalidade</b> da escola advém também do enquadramento legal, concretamente da lei 4/98 que é aquela que ainda rege o ensino profissional privado e tem lá as finalidades da escola que é dar a respectiva formação e orientação profissional aos alunos.</p> <p>Eu julgo que neste momento e concretamente no ensino profissional privado essa captação por parte dos actores já é uma realidade. Inicialmente foi difícil, especialmente a</p>	<p><b>E2</b></p>
--	--	--	------------------

	<p>A.1.2 FUNÇÃO Instrução Estimulação Socialização Seleção Título académico 2ª Oportunidade educativa</p>	<p>nível dos formadores a todos os níveis, quer na formação sociocultural e científica quer na formação tecnológica. Foi difícil a adaptação e a adequação dos conteúdos à realidade do ensino profissional. Hoje estamos a ver as coisas de maneira diferente, já estão melhores e comparando por exemplo com o ensino público nós vemos que muitas vezes o ensino profissional a nível da formação é um pouco baseado naquilo que se passa no ensino regular, o que não devia ser. Uma vez que a nível do ensino privado dada a caminhada que já foi feita, o enquadramento dos professores nas finalidades do ensino privado e concretamente no ensino profissional, já teve melhorias significativas.</p> <p>A <b>função</b> é a meu ver a formação dos alunos, formação integral e dar resposta aquilo que são os objetivos dos projetos de vida de cada aluno que nos procura. Quando um aluno procura a escola ele vem com objetivo de construir o seu projeto e tem objetivos e a escola deverá funcionar para que estes alunos consigam atingir os seus objetivos. Cada um terá o seu projeto de vida e daí em termos de oferta educativa a escola digamos tentar ter um leque de opções que consiga dar resposta às várias solicitações que nos são colocadas pelos próprios alunos.</p> <p><b>A escola acaba por ter então uma função Social, além da função de educar e formar?</b></p> <p>Pois, aqui temos formado alguns alunos que se calhar noutra escola não teriam essa oportunidade. Dada a situação do nosso concelho, com as carências que tem, tendo em conta que a escola profissional poderá</p>	<p><b>E1</b></p> <p><b>E2</b></p>
--	---	--	-----------------------------------



		<p>A escola, julgo que como todas as escolas, inicialmente nasceram sem um enquadramento jurídico, enquadramento jurídico esse que a partir do 4/98 foi necessário estabelecer-se daí que umas formaram-se em associações, ou melhor ligadas a associações, outras ligadas a fundações, outras ligadas a sociedades unipessoais ou outras e isto para criar o enquadramento jurídico-legal para o funcionamento dos cursos. Concretamente na nossa escola, esteve ligada a uma sociedade unipessoal, cuja entidade proprietária era a câmara municipal e portanto era essa que dava, digamos, enquadramento jurídico. A nível do funcionamento interno da própria escola profissional. Tem os estatutos por que se regem também 4/98 onde tem os diversos órgãos respetivos para o funcionamento da escola desde a direcção, à direcção pedagógica e a direcção administrativa e financeira.</p>	
<p>Síntese A2.1- Ambas os diretores descrevem uma rede funcional complexa. O diretor da ES refere uma “cadeia descendente” na passagem da informação. O Diretor da EP apresenta uma estrutura mais simples, menos complexa de trabalho em equipa.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
	A.2.1 cursos/	A escola neste momento tem 10 turmas	<b>E1</b>





		<p>que dá o aval, digamos assim, ao funcionamento dos próprios cursos.</p> <p>Portanto, há primeiro um levantamento das necessidades e da vontade dos alunos, também porque nós recebemos alunos dos outros 2 agrupamentos, do agrupamento de Souselo e do agrupamento da vila e os alunos que normalmente optam por esta via de ensino são alunos dos cursos CEFs educação e formação que já vem de uma área profissional e o prosseguimento de estudos deles só poderá ser feito a nível secundário nas áreas profissionais, alguns também do ensino regular do 3º ciclo. Normalmente há aqui um recolher de quais os cursos que estão ...que alguma continuidade. ,,,, penso que como Cinfães tem a escola profissional que trabalha na área do turismo e da hotelaria, portanto aqui já há uma cultura para determinado leque de alunos desta área, a escola secundária vai neste sentido de opta o pedagógico aprova, o conselho geral também, pedimos o parecer da autarquia e demais instituições sobre o interesse de termos cursos e são feitas as candidaturas no POPH e lançada publicidade para início de inscrições, pré inscrições e inscrições</p>	<b>E2</b>
--	--	---	-----------

		<p>Inicialmente nós não tínhamos aqui nenhuma unidade hoteleira próxima, não tínhamos a nível da restauração e similares grandes unidades mas a opção da escola profissional ....para o funcionamento do local ....tendo em conta a região nós conseguimos ter colocação mais abrangente para os nossos alunos. Foi interessante que logo no início tivemos alunos até do Porto e que vieram aqui tirar o curso a Cinfães porque aqui na região norte não havia área de formação de hotelaria, como tal, o enfoque, apesar de não termos grandes unidades hoteleiras, a nossa escola começou a fazer uma caminhada significativa nesta área e começou a projetar-se de aqui na região. Portanto, acho que foi importante o lançamento da escola na região apesar de não termos bases significativas inicialmente.</p>	
<p>Síntese A 2.1- A ES tem 10 turmas de cursos profissionais a funcionar, sobretudo na área social. A oferta formativa é definida em Conselho Pedagógico, aprovada pelo Conselho Geral e tem parecer favorável da Camara Municipal e demais parceiros sociais. A EP, devido às reduzidas dimensões, tem 4 turmas em funcionamento, sempre na área do Turismo e da Hotelaria/Restauração. A Direção da Escola assume essa opção como especialização da escola na área.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
-------------------	----------------------	----------------------------	-----------

	<b>A.2.3 divulgação da oferta formativa</b>	<p>É feita através da equipa de orientação vocacional que trabalha com as outras escolas Penso que este ano até querem inovar e...trazerem cá à escola os alunos que são finalistas no 9º ano nos agrupamentos e fazer... e tipo uma feira de profissões feita aqui ....numa dimensão local para divulgar os nossos cursos, as nossas áreas profissionais e o ensino regular ao mesmo tempo...penso que a escola deve ser abrangente, não há um sector estanque em cada dos ensinos os professores que locionam os professores, à exceção dos técnicos, também trabalham no ensino regular, portanto ....todos eles tem que tem noção que isto é bom para a própria escola e os professores estão dentro dos assuntos ??????a sentir-se bem com a escola, os professores tem ...digamos que ensino profissional ...do ensino regular.</p> <p>A oferta formativa da escola é baseada nas orientações que o ministério da educação nos vai lançando. Claro que ao longo destes anos, inicialmente foi com as orientações do antigo GETAP, que foi o organismo que lançou a Escola Profissional no país e portanto, está muito bem concretizadas, muito bem definidas a nível das diversas áreas.</p>	<b>E1</b>
--	---	--	-----------

		<p>Depois, o Ministério da Educação assimilou um pouco todas essas orientações que estavam a ser dadas nas escolas e ultimamente, portanto, a orientação a nível pedagógico e curricular, dos planos curriculares, vem do Ministério da Educação.</p> <p>Deveria ser e acho que essa articulação é fundamental. Aliás, nós tivemos uma caminhada a nível do ensino profissional privado que eram as redes de cooperação, onde nós procurávamos conjugar todas as diversas situações que reinavam nas escolas no sentido de haver uma uniformização maior ou, pelo menos, haver uma articulação maior. Não quer dizer que houvesse uniformização na totalidade mas havia uma articulação bastante forte na caminhada que estavam a fazer e umas ajudavam as outras. Essas redes de cooperação neste momento não estão a funcionar como funcionavam antes. Aliás lembro-me que aqui há uns anos atrás essas redes foram importantes até para o ME fazer um estudo significativo dos planos curriculares dos diversos cursos, planos esses que provavelmente deram origem aos planos curriculares que estão agora em funcionamento no regular, portanto, o EP tem aqui uma</p>	<p><b>E2</b></p>
--	--	---	------------------

		mais-valia nesse âmbito.	
<p>Síntese A1- A divulgação da oferta formativa da ES é feita sobretudo pelos Serviços de Psicologia e Orientação que organiza um conjunto de atividades de forma a encaminharem os alunos. No caso da EP, o diretor foca aspetos mais formais, ligados às redes de cooperação e á articulação que existe entre as Escolas Profissionais, as redes e o Ministério da Educação.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
	<b>A.2.3 Público-alvo</b>	<p>Quem procura mais são alunos, alguns alunos provavelmente com mais vocação para as questões práticas da vida e menos para o prosseguimento de estudos em sala de aula. Esta é a grande luta, é a sala de aula e aquilo que se consegue fazer com os cursos nas áreas profissionais. ...podem até ter tido um trajeto, um percurso com algumas dificuldades em termos do 3º ciclo e que ...por motivos familiares, com pouca vocação para o português e para a matemática mas com vocação para questões práticas da vida, serralheiros, etc, e é essa a componente que será valorizada e penso que a grande procura são alunos que ...por exemplo este</p>	<b>E1</b>

		<p>ano surpreendentemente soube que alunos com boas notas, boas médias procuraram cursos na área das energias renováveis.... Ser a mesma opção em termos de estudo apostar nas energias renováveis</p> <p>A procura dos cursos profissionais advém muitas vezes do interesse que os alunos têm, do modo como são divulgados os cursos, hoje torna-se um bocadinho mais difícil porque há já outros cursos em funcionamento no ensino regular e portanto os alunos muitas vezes não olham para o futuro como um meio de inserção mas olham como um modo de tirar o 12º ano através de um curso profissional. Quem vinha aqui para a escola, os candidatos eram aqueles que tinham as habilitações necessárias ao curso que escolhiam e depois através da formação e da orientação procuravam sentir-se enquadrados dentro do próprio curso mas sempre com o intuito da inserção na vida ativa porque é para isso que nasceram os</p>	<b>E2</b>
--	--	---	-----------

		<p> cursos profissionais. Se bem que hoje se torne um bocadinho mais difícil porque com tanta abrangência de cursos os alunos ficam um bocado perdidos sem saber muito bem qual a opção que devem tomar e qual o curso que lhe dá mais inserção na vida ativa.</p> <p><b>De qualquer forma, os alunos que procuram os cursos profissionais nesta escola, neste momento, são alunos que querem terminar o 12º ou são os alunos do insucesso?</b></p> <p>Eu acho que tem as duas vertentes. Lembro-me que antigamente, quando começou o ensino profissional aqui em Cinfães, os menos habilitados, os que denotavam mais dificuldades é que iam para o ensino profissional e conseguiam às vezes atingir os objetivos que outros não conseguiam. Isto advém também muito do interesse e da motivação que nós lhes damos aqui dentro. Por sua vez, hoje também já vai havendo alguns que também escolhem</p>	E2
--	--	---	----

		este tipo de ensino para a conclusão do 12º ano, se bem que não seja essa a orientação mais eficaz porque eles deviam escolher era através da área e sentirem-se bem ou não na área. Muitas vezes vem e ao longo do seu percurso mudam de opinião, mudam de opção e ficam a gostar daquela área.	
<p>Síntese A.2.3 - Ambos os diretores admitem uma ambivalência do público-alvo. Na ES, procuram os alunos com mais vocação para questões práticas da vida e com algumas dificuldades de aprendizagem. Atualmente já os procuram alguns alunos com boas classificações.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
	<b>A.2.5 Financiamento</b>	As escolas não podem contrair empréstimos, as escolas públicas vivem do orçamento de estado muito curtinho, muito reduzido que depois é dividido em duodécimos, portanto, x por mês que normalmente dá para pagar a eletricidade, a despesa com energias, gás etc. e fica um bocadinho para os consumíveis, secretaria, fotocópias papel e essas coisas. O financiamento, portanto, a parte do financiamento é muito difícil porque a escola não tem	<b>E1</b>

		<p>dinheiro para avançar, é tudo dinheiro do POPH. Estes cursos são financiados em 75% pelo Fundo Social Europeu e a escola não tem dinheiro para avançar, para andar à frente. O dinheiro só vem depois da fatura recibo, depois do pagamento estar efetuado. Aí há grande dificuldade inclusive mesmo para a aquisição de material. As candidaturas são feitas e aprovadas até valores significativos, eu sei que este ano provavelmente um milhão de euros é o valor aprovado para todos os cursos, todas as aéreas profissionais mas depois a parte taxa efetiva de execução fica muito baixa porque a escola não dispõe de capital para avançar para ir buscar mais, portanto há esta necessidade aqui em termos de contabilidade. Penso que este é o grande constrangimento. Este ano melhorou um pouco no que diz respeito à parte da formação dos formadores porque nos anos anteriores recebiam a recibos verdes. Os técnicos eram contratados a recibos verdes e estavam 3 a 4 meses à espera de dinheiro e andávamos aqui a fazer jogadas para conseguir.</p>	
--	--	--	--

		<p>Atualmente, com a obrigatoriedade de todos os técnicos especializados anuais entrarem na escola através da lei 35 de 2007 é o GEP que paga estes professores, pelo menos os formadores eles recebem... depois as questões mais difíceis é em termos de materiais, aquisição de materiais, visitas de estudo e outras despesas, portanto há aqui uma ginástica financeira que custa bastante e que é pena atualmente..... a escola devia ter um....o gabinete financeiro devia apetrechar a escola com um montante para que pudesse gerir esse dinheiro.</p> <p>Os cursos profissionais nasceram desde o quadro comunitário I, sempre com apoio do Fundo Social Europeu (FSE), inicialmente 75% do FSE e 25% dividido em partes iguais pelo Ministério da Educação (ME) e Ministério do Trabalho e Solidariedade Social (MTSS), neste momento mantém-se mais ou menos o mesmo tipo de financiamento, 75% FSE e 25% ME prevendo-se agora que outra</p>	<p><b>E2</b></p>
--	--	---	------------------

		<p>situação virá ao de cima até porque já esta Lisboa e Vale do Tejo a trabalhar num outro âmbito de financiamento, prevê-se que haja alteração mas funcionou assim até agora.</p>	
<p>Síntese A2.5- No que diz respeito ao financiamento não são adiantadas grandes diferenças à partida: O diretor da ES avança <i>“Estes cursos são financiados em 75% pelo Fundo Social Europeu e a escola não tem dinheiro para avançar, para andar à frente. O dinheiro só vem depois da fatura recibo, depois do pagamento estar efetuado. Aí há grande dificuldade inclusive mesmo para a aquisição de material” E1</i></p> <p>No entanto, há uma parte substancial de professores que, fazendo parte do quadro da escola não representam encargos para o curso.</p> <p><i>“Atualmente, com a obrigatoriedade de todos os técnicos especializados anuais entrarem na escola através da lei 35 de 2007 é o GEP que paga estes professores,” E1</i></p> <p>Para o diretor da EP, o financiamento divide-se entre <i>“75% Fundo Social Europeu, e 25% M.E.”</i></p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
<b>B-professores</b>	<b>B1 Recrutamento</b>	É assim, dividimos em...temos os professores que fazem parte da componente de formação geral que são os professores da escola, são os professores das	<b>E1</b>

		<p>disciplinas de Português, Inglês, Matemática etc, esses são os professores que locionam os cursos regulares e também locionam estas disciplinas da componente de formação geral aos Cursos Profissionais. Nas áreas técnicas a opção vai para pessoas que estão ligadas ao mundo do trabalho, têm experiencia de vida lá fora, para dar outra vertente aos cursos, dar precisamente a dimensão do trabalho do conhecimento da vida, o que é trabalhar, o que é estar nessas áreas profissionais. Esses são contratados, são selecionados, há aqui uma procura de técnicos dessas áreas depois através de uma aplicação do ME, da contratação de escola, há uma indicação, é este, queremos este, abre-se o concurso e é ele que vem trabalhar.</p> <p>O recrutamento dos professores deveria ser, de acordo com a legislação em vigor, por concurso público, se bem que temos que ter em conta a região em que estamos inseridos e esta</p>	<p><b>E2</b></p>
--	--	--	------------------

		<p>região do interior, onde não temos professores habilitados na área de formação da escola, tem que ser muitas vezes por auscultar determinadas situações de formadores que poderão eventualmente aceitar ou não vir para aqui porque os horários têm poucas horas e nem sempre o professor está disponível para acatar essas poucas horas. Lembro-me inicialmente, quando a escola nasceu e acho que foi uma vertente importante especialmente para o curso de cozinha, o formador que nós recrutamos que fomos “roubar” a um dos bons restaurantes do Porto ao Meridien e que fez aqui um percurso de 2 anos e pouco e que deu uma mais-valia à escola e à formação na área de cozinha, mas claro que não houve aqui concurso público, portanto, depende um bocadinho das escolas, esta escola, como tem poucos alunos, não tem horários completos e torna-se mais difícil. Outras escolas provavelmente atuarão de acordo com a legislação em vigor que é a partir de concurso</p>	
--	--	--	--

		público	
<p>Síntese B1- na escola secundária, alguns professores são recrutados por concurso público, ou seja, são os mesmos da formação geral, e outros são contratados por meio de entrevista, sobretudo para as áreas técnicas. Na EP, todos os professores são contratados por meio de entrevista, após uma autoproposta apresentada. A questão levantada por esta situação prende-se com o facto de, sobretudo na ES, existirem professores a lecionar cursos profissionais como meio de completar horário e com pouca motivação para o mesmo.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
	<b>B2- Avaliação</b>	<p>São avaliados independentemente disso. Os professores trabalham independentemente de terem cursos profissionais ou cursos regulares, ou misto, são todos avaliados, inclusive ano passado avaliamos técnicos, foram todos avaliados nos mesmos moldes. É evidente que os técnicos dão-nos um pouco mais da dimensão prática do trabalho com os alunos do campo fora da escola, fora da sala de aula.</p> <p>O professor é avaliado pelos alunos através do preenchimento</p>	<p><b>E1</b></p> <p><b>E2</b></p>

		de um documento próprio, pelo programa AVES, pela análise documental dos registos que são feitos e ainda pela análise do relatório final.”E2	
<p>Síntese B2- A escola secundária aplica o mesmo modelo de avaliação a todos os professores, técnicos incluídos. A escola profissional, já que funciona por contratos a termo, analisa o percurso do formador, o seu relatório de autoavaliação e procede a uma avaliação interna.</p> <p>Na escola profissional os professores são todos contratados a nível de escola e avaliados internamente pelos alunos, pelo programa AVES e pela análise documental e relatório final.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
	<b>B3- grau de satisfação percecionado</b>	<p>Pois, aí é extremamente...é um assunto delicado... normalmente os professores evitam trabalhar com os cursos profissionais, os professores que há alguns anos estão no ensino habituaram-se a trabalhar no ensino regular e têm aquele modelo de professor e de ensino, e de aluno em sala de aula...o modelo tradicional do professor, tem sido uma luta aí...</p> <p>Com a chegada destes cursos os professores estão a mudar um pouco a forma de estar, a forma de ser porque são alunos que têm uma história que não tem sido muito positiva em termos de sala de aula, portanto, e temos de dar-lhe aquilo que eles querem, a</p>	<b>E1</b>

		<p>oficina, trabalho ‘prático, contexto de trabalho, etc, e muitas vezes há aqui uma dificuldade em os professores se adaptarem. Temos boas experiências, temos professores que se adaptaram bastante bem. Temos professores que escolhem até os cursos profissionais para locionar outros é o trabalho que é distribuído. Há aqui sempre um critério de primeiro ver quem são os professores e se se vão adaptar ou não, mas por exemplo este ano veio muita gente nova para a escola. Muitos deles foi <i>um tiro no escuro</i>, uns resultou mais outros menos.</p> <p>Eu acho que depende também dos professores. Muitos deles vêm por causa da mais-valia monetária. Outros vêm porque gostam e portanto é sempre um bocadinho difícil nós apercebermo-nos se de facto a motivação do professor enriquece ou não os alunos. Às vezes notamos que a nível da formação podia eventualmente ser melhor mas isso tanto é aqui como no ensino regular. Para alguns é uma mais-valia porque sem estas horas de formação aqui também não teriam outra oportunidade de dar formação daí que poucas ou muitas horas sejam essenciais e muitos deles se motivam por este tipo de formação também.</p> <p>AVES</p>	<p><b>E2</b></p>
--	--	--	------------------

<p>Síntese B3- Quanto à motivação, este é um aspeto valorizado por ambos os diretores, que a consideram fator determinante no sucesso das aprendizagens.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
<b>C- Alunos</b>	<b>C1 – recrutamento e seleção</b>	<p>O recrutamento dos alunos é feito com o Serviço de Psicologia e Orientação, com entrevista feita com o Serviço de Psicologia com o aluno e encarregado de educação e depois são encaminhados e é feita uma grelha ordenada por...</p> <p>Sim, são estabelecidos critérios, agora não os tenho aqui...mas alguns vêm dos normativos, se são oriundos dos Cursos de Educação e Formação, se são portadores de deficiência, idade, número de retenções, portanto, há aqui vários parâmetros, critérios que vão ajudar na seleção e depois, situações de entrevista com a psicóloga e também com o órgão de gestão em que o aluno manifesta realmente uma vontade muito forte de fazer aquele curso, cada caso é um caso.</p> <p>Os alunos são recrutados, em primeiro lugar, através da informação que é dada nos agrupamentos do concelho acerca dos cursos existentes na escola, depois através de uma pré-inscrição que é feita e por sua vez, não são só alunos do concelho, também podem</p>	<p><b>E1</b></p> <p><b>E1</b></p> <p><b>E2</b></p>

		<p>vir alguns de fora. Vamos tentando incentivar no sentido que a imagem que já passa da escola profissional seja uma mais-valia para que os alunos possam escolher também este tipo de cursos aqui na escola. Normalmente os alunos vêm dos agrupamentos e da escola secundária.</p> <p><b>Quais são os critérios de seleção desses alunos?</b></p> <p>São vários. Em primeiro lugar pensou-se que um dos critérios de seleção fosse a entrevista, se bem que a entrevista poder-nos-á dar algumas indicações e é muito importante para nós sabermos as motivações do aluno as perspetiva do aluno, as perspetiva para a área, o que é que ele pensa da área de formação à qual se está a candidatar mas depois também, nós estamos numa zona onde há muita carência económica e social a nível das famílias, daí que tenhamos também ao longo dos anos tido em conta a carência económica da família para que possamos dar ao aluno aquilo que a família não pode dar. Se a escola está a ser financiada pelo FSE tem que valorizar esta função social. Também procuramos seleccioná-los através de um questionário que é feito ao aluno aquando da matrícula onde eles nos dão algumas indicações do modo como poderão eventualmente dar-nos indicação se estão ou</p>	<p><b>E2</b></p>
--	--	---	------------------

		não motivados para a área	
<p>Síntese C1- Pode concluir-se das respostas apuradas que os Serviços de Orientação e Psicologia desempenham na ES um papel muito relevante. Os alunos são entrevistados e encaminhados de acordo com o seu perfil.</p> <p>Na escola profissional, o recrutamento é feito através da informação veiculada nas escolas circundantes e a seleção através de um questionário e uma entrevista, não dispondo esta escola de SPO.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
<b>D - Currículo</b>	<b>D1- autonomia</b>	<p>Está entregue à equipa que faz as candidaturas, a candidatura pedagógica. Penso que há alguma autonomia dentro daquilo que está estabelecido na legislação. Eu penso que há alguns constrangimentos em termos de cargas horárias e mesmo até no cumprimento efetivo de determinados programas modulares que poderiam ser um pouco diferentes e adaptados a cada realidade porque estamos em Cinfães, provavelmente poderíamos ter nestes cursos algo de Cinfães, algo que seja da terra, não é, o currículo local, digamos assim. Sempre tratamos assim, os professores vão organizando os módulos e as horas, etc. mas temos sempre que obedecer àquilo que está estabelecido.</p> <p>A nível da legislação que ainda temos em vigor, a nível pedagógico há autonomia mas essa autonomia é relativa. Se anteriormente nós podíamos adequar um bocadinho as</p>	<p><b>E1</b></p> <p><b>E2</b></p>

		<p>diversas situações dos cursos à realidade da área e do próprio aluno, hoje, com o lançamento dos planos curriculares pelo ME, nós temos que seguir as orientações que vêm nesses planos curriculares. Embora haja uma certa autonomia a nível da distribuição dos módulos nos diversos anos, aí não há a obrigatoriedade de se dar este ou outro, neste ou naquele ano mas acho que devia haver uma autonomia maior especialmente na parte tecnológica e na ligação depois da tecnológica com a científica e sociocultural. Por exemplo, a nível das línguas devia haver um plano curricular mais adequado à área que o aluno está a estudar e noutras áreas a mesma coisa. Isso nem sempre acontece porque a indicação do plano curricular já vem pré definida.</p>	
<p>Síntese D1- Ambos Diretores consideram que existe uma “autonomia relativa” sobretudo a nível pedagógico, mas que há um conjunto de normas que devem ser seguidas.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
	<b>D2- tempo escolar</b>	<p>Tivemos que fazer uma adaptação entre o ensino regular e o ensino Profissional porque não poderíamos ter turmas...a escola não é grande, se tivéssemos outros blocos poderíamos dividir isto por blocos e ter blocos só para ensino profissional outros blocos</p>	<b>E1</b>

		<p>só para ensino regular, como os alunos estão todos... eu chego ao pavilhão de aulas não sei em que sala é que está o curso profissional ou o curso regular... os alunos são todos iguais e são todos tratados da mesma forma e a .....passa pelas salas, as áreas técnicas, aí é que têm locais específicos, tivemos que ajustar ao bloco de 90 minutos que é a organização da escola. A escola trabalha em blocos de 90 minutos e depois é feita a conversão para as horas que estabelecem os programas do ensino profissional.</p> <p>Neste momento está organizado por blocos, se bem que eu discorde profundamente deste tipo de organização. Acho que, se temos um plano curricular organizado por horas de formação, mesmo a nível contabilístico e financiamento, discordo que a nível pedagógico se adote no ensino profissional este tipo de organização por blocos de 90 minutos. Claro que aqui poderia aparecer a autonomia da escola como justificação plausível no sentido da formação ser organizada em horas como era antigamente. Contudo, o queremos muitas vezes</p>	<p><b>E2</b></p>
--	--	--	------------------

		enquadrarmo-nos nas orientações legais emanadas pelo ME estamos a seguir precisamente essas orientações mas eu discordo dos blocos de 90 minutos. Concretamente no ensino profissional, poderia eventualmente existir alguns blocos mas mais na parte tecnológica. Quando o aluno está em formação prática, é óbvio que não se vai cortar a hora na outra parte discordo.	
<p>Síntese D2- Ambos discordam da organização do tempo escolar em blocos mas ambas as escolas o fazem, denotando uma subordinação ao poder burocrático instituído.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
	<b>D3- Formação em Contexto de Trabalho</b>	<p>Temos essencialmente no 2º e 3º ano, está dividida nestes dois anos. Este ano, temos cerca de 150 miúdos espalhados pelos concelhos próximos em estágio. Esta formação fica a cargo dos coordenadores de curso, dos diretores de turma e dos professores que vão orientar o estágio, digamos assim, de contactar as empresas, existe um modelo de protocolo que é igual para todos os cursos. Há um primeiro contacto, uma visita ao local de trabalho, onde o estágio se vai desenvolver, e depois o aluno é encaminhado e acompanhado. Aqui sentimos algumas dificuldades, são dificuldades em termos financeiros, penso que aqui, o que a</p>	<b>E1</b>

		<p>parte da contabilidade diz é que aquilo que os alunos têm é apenas uma percentagem do IAS e aquilo vai para pouquíssimo dinheiro e Cinfães não tem metro, não tem transportes públicos regulares para Viseu, para o Marco, para Baião, para Resende etc e até mesmo aqui dentro do concelho torna isto extremamente difícil. Penso que aqui um pouco mais de participação da Autarquia e inclusive das Juntas de freguesia podiam ajudar muito porque eles já dispõem de alguns transportes e a escola não tem um meio de transporte próprio. Portanto aí reside realmente uma grande dificuldade no transporte e na colocação dos alunos a estagiar porque os dinheiros são pouquinhos, são muito reduzidos, não há possibilidade de passar para a frente porque não temos dinheiro para isso, e depois não conseguimos transporte. ....táxi???. não há forma de o pagar depois, não é elegível, se ficar numa residência também não é elegível porque só vai até x do IAS e também parece que não há ...neste país por aqueles preços, portanto é um dos grandes constrangimentos da Formação em Contexto de Trabalho, é a parte financeira.</p> <p>A FCT aqui na nossa escola está organizada da seguinte maneira: em primeiro lugar há a auscultação das unidades que se dispõem ou não a dar acolhimento em contexto de trabalho aos alunos. É claro que nesta caminhada que nós fizemos já temos algumas entidades com as</p>	<p><b>E2</b></p>
--	--	--	------------------

		<p>quais nós temos protocolo e portanto é-nos mais fácil fazer esse trabalho e depois há um protocolo que existe mas antes do protocolo solicitamos à unidade, através de um pedido, solicitação de qual o número de alunos e qual a área preferida e a partir daí há pois toda esta formalização protocolar com a unidade e a colocação dos alunos em estágio. Claro que, tendo em conta que , aqui na nossa escola, por uma determinação regional na altura não nos ceder os cursos de Educação e Formação nesta área e portanto eles estarem a funcionar aqui nas outras escolas do Concelho isto leva-nos a que os nossos alunos, que têm uma caminhada diferente e já uma caminhada diferente, a que eles não sejam colocados aqui na nossa região e vão para determinadas unidades extra-região. Porque então, os mais pequenitos, é que devem fazer a formação, dada a formação ser mais deficitária, aqui no concelho e o estágio aqui no concelho.</p> <p>Aí também há autonomia da escola. A orientação que era dada anteriormente era que ela fosse dividida pelos 3 anos. Nós achamos que não era o mais conveniente para o próprio aluno e portanto a formação em contexto de trabalho aqui na nossa escola, julgo que desde o 2º ano, se não estou em erro, começou a ser nos 2 últimos anos, 2º e 3º.</p>	<p><b>E2</b></p>
<p>Síntese D3- Ambas as escolas colocam os alunos em FCT no 2º e 3º ano de formação. O diretor da escola secundária aponta constrangimentos a nível da colocação dos alunos,</p>			

sobretudo no alojamento e transporte, que requer meios financeiros inexistentes. O diretor da escola profissional dá conta da existência de protocolos com entidades, existentes há vários anos, que facilitam essa colocação.

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
	<b>D4- Prova de Aptidão Profissional</b>	<p>Já estiveram a fazer uma pré apresentação. Já decorreu uma fase em que os alunos apresentaram o Projeto, uma fase intermédia em que tiveram uma avaliação, por acaso ainda hoje estive a ver a avaliação que foi feita, e depois na parte final serão os coordenadores e serão convidadas pessoas da área para estarem presentes.</p> <p><b>Mas em termos de organização, a quem é que cabe essa organização?</b></p> <p>Aos coordenadores do curso, ao coordenador pedagógico dos cursos. Temos duas pessoas a trabalhar nessa coordenação e o órgão de gestão que depois dá o seu parecer.</p> <p>A PAP também tem uma legislação própria e uma orientação muito própria e que deveria ser uma caminhada feita pelo aluno logo desde o início até porque isso também está interligado com a parte da avaliação do próprio aluno no final do curso e devia ter uma transversalidade a</p>	<p><b>E1</b></p> <p><b>E1</b></p> <p><b>E2</b></p>

		<p>nível da sua organização e enquadramento. Nem sempre isso acontece mas acho que foi uma mais-valia dos cursos profissionais, foi esta PAP, onde o aluno se sente perante um júri, a defender quase como uma tese e onde ele se sente também de certo modo na sua avaliação já como que formado e preparado para o mundo do trabalho. A escolha dos temas, isso é do próprio aluno, os temas terão que ser ligados à área de formação e depois nós aqui na escola adotamos a nível da PAP as duas vertentes. A vertente teórica e a prática que achamos que é fundamental, como os cursos são de formação prática quer de hotelaria quer de cozinha, nós a nível destes cursos orientamos bastante isto para a vertente teórica e prática e claro que o aluno tem que apresentar a sua PAP, ou a sua tese em papel e digital e depois tem que apresentar a sua parte prática também. Não quer dizer que outras áreas não tenham a parte prática já tivemos aqui ASC, que também teve a parte prática com um dos alunos, de acordo com as temáticas tinham que apresentar depois uma parte prática da sua prova. Mas acho que é uma das coisas importantes e que de certo modo responsabiliza os alunos na parte final do curso.</p> <p>É obvio que têm um professor acompanhante que vai dando orientações ao aluno quer a nível das ....quer a nível da orientação temática quer a nível da pesquisa que eles devem fazer. Hoje em dia torna-se um bocadinho mais fácil a</p>	<p><b>E2</b></p>
--	--	--	------------------

		pesquisa até porque já há mais ...dos diversos temas a nível da internet mas .....é sempre uma orientação precisa da parte do professor acompanhante e até mesmo do diretor de turma.	
<p>Síntese D4- Relativamente à Prova de Aptidão Profissional, as respostas dos diretores também caminharam no mesmo sentido, ou seja: existe uma legislação específica, que é seguida, e existe alguma autonomia a nível da organização e acompanhamento.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
	<b>D5- Atividades</b>	<p>A escola, em termos conselho pedagógico aprova todos os anos o Plano de Atividades, e nesse plano de atividades inclui todas as atividades previstas para o longo do ano quer seja para o ensino do 3º ciclo, dos CEF, dos cursos regulares do ensino profissional, todas as atividades são encaixadas ali tendo em conta também os planos curriculares de cada turma e a partir daí as atividades lá se desenvolvem. Isto não é um plano rígido, é flexível, há avaliação periódica e com as respetivas adaptações, alterações, e avaliações.</p> <p>As atividades, algumas são ligadas com o exterior e concretamente para aproveitamento do próprio aluno, no caso das visitas de estudo que é que muitas vezes são feitas tendo em conta a caminhada que o aluno está a fazer em determinada área e depois vai visitar algo que lhe vem dar uma mais-valia naquilo que ele</p>	<p><b>E1</b></p> <p><b>E2</b></p>

		<p>teoricamente estava aqui a aprender. Outras atividades são internas e é para a própria escola e temos normalmente uma atividade que é interligada com a comunidade, que é o chamado dia da escola onde nós temos aqui elementos fora da comunidade escolar a presenciar algo que diz um pouco o que é que a escola é para o exterior também. Além disso, a nível das diversas áreas de formação ou de grupos disciplinares, eles fazem algumas atividades que são importantes, concretamente o que se tem feito a nível das línguas a nível da formação técnica nalguns aspetos as práticas que são feitas aqui internamente na escola e às vezes até são solicitados também a nível de atividades de parceria com outras escolas aqui do concelho.</p>	
<p>Síntese D5- As atividades têm um papel relevante na organização da escola, sendo alvo de um plano organizado, proposto por todos os elementos da comunidade educativa e a cargo de uma equipa, no caso da ES.</p> <p>No caso da EP, há uma relevância dada às atividades enquanto complemento das aprendizagens,</p>			

Categorias	Subcategorias	Unidades de análise	UC
	<p><b>D6- Avaliação Modular</b></p>	<p>Sim, sim, foi novo e vieram também os módulos em atraso. Digamos que leva aí a uma ginástica grande, quer por parte de professores, alunos, este ano, para os alunos que no 1º ano</p>	<p><b>E1</b></p>

		<p>deixaram módulos em atraso todas as turmas escolheram uma tarde ou um período do dia livre para recuperarem módulos em atraso. Ora estabelecemos períodos durante o ano, períodos em que eles podem, mediante uma mera inscrição inicial, portanto, procederem à recuperação desses módulos. O ensino, penso que é bastante positivo em termos de módulos. Eu lembro-me que há uns anos atrás fui coordenador do ensino recorrente e já aqui a avaliação era feita por módulos, noutros termos mas também era regular, por unidades que iam sendo concluídas. O que está feito está feito, penso que isso é uma vantagem.</p> <p>Temos alunos com dificuldades de aprendizagem, tanto nesses cursos como no ensino regular, temos os outros professores do ensino especial e equipas de apoio ao aluno etc que vão trabalhando também e colaborando com os professores nesse sentido e embora não esteja presente em todas as salas mas chega a informação que realmente é feita essa diferenciação em forma das dificuldades dos alunos.</p> <p>Esta é uma avaliação a AM é uma coisa muito importante e que de certo modo caracteriza muito o ensino profissional. Desde sempre aliás houve um filme logo inicial que nos dava</p>	<p><b>E1</b></p> <p><b>E2</b></p>
--	--	---	-----------------------------------

		<p>indicações da AM porque os professores, concretamente os professores do ensino regular não estavam habituados a este tipo de avaliação, havia uma certa semelhança mas com uma grande diferença a nível das unidades capitalizáveis que agora já não existem, no ensino recorrente e no ensino noturno, mas a avaliação modular é muito importante, porquê? Primeiro há um diálogo entre professor e aluno logo no início do módulo para consultar todas as situações da caminhada que o aluno irá fazer no respetivo módulo. Depois aí é logo indicada também qual o tipo de avaliação que o professor irá fazer com o aluno e o próprio aluno escolhe a avaliação que deseja para o próprio módulo. Além disso, a AM nasceu tendo em conta o percurso que o aluno vai realizando se bem que isso é difícil de concretizar no dia-a-dia e concretamente na prática não está a ser feito de uma maneira eficaz porque isto implicava que o professor tivesse alunos no 1º, 2º e 3º módulo e fizesse a caminhada com cada um de acordo com o avanço que o aluno iria realizando. Isto torna-se um bocadinho difícil de concretizar na prática mas é esse o objetivo do ensino modular e acho que devia ser isso que deveria ser feito. Se bem que muitas vezes se torna um bocado difícil esse acompanhamento mais eficaz junto dos diversos alunos da turma. Depois, há aqui uma outra tentativa que é o aluno não conseguiu realizar o módulo e portanto vai para a recuperação do módulo, dá-se mais uma</p>	
--	--	---	--

		<p>oportunidade àqueles alunos que não conseguiram atingir os objetivos modulares. Acho que esta avaliação modular é mais eficaz do que a avaliação final do período porque vai-se vendo a caminhada que o aluno vai fazendo e ao mesmo tempo que existe a progressão do Aluno assim se vai também avaliando quantitativamente através de módulos a mesma caminhada.</p> <p>Tem em conta a diferenciação pedagógica e acho que essa é que é importante, e é aí que eu acho que o EP é uma mais-valia. Eu falava há bocadinho naqueles que eram os “burrinhos” que vinham para o EP muitas vezes eles tinham a mais-valia precisamente por causa desta caminhada que era feita de acompanhamento e de inserção do aluno no próprio módulo, caminhada de um modo para uns e para outros doutro mas sempre acompanhando o aluno progressivamente ao longo do módulo</p>	<b>E2</b>
<p>Síntese D6- Para a escola secundária a progressão modular apareceu como uma novidade com a lecionação dos cursos profissionais, o que, gerou alguma confusão, alguma desorganização. Há a referência por parte do diretor à existência de módulos em atraso, o que denuncia um certo desconhecimento sobre esta metodologia. O mesmo afirma que já está a ser feita alguma diferenciação em sala de aula, como forma de combater esta situação.</p> <p>O diretor da EP aponta a forma como é realizada essa avaliação, apontando o diálogo inicial com o aluno, a negociação de critérios como base para um bom funcionamento.</p>			

Categorias	Subcategorias	Unidades de análise	UC
------------	---------------	---------------------	----

	<p><b>D7- tempo de conclusão</b></p>	<p>Digamos que é o primeiro grupo de finalistas que temos, a primeira fornada e a escola pensa mesmo que um grupo significativo vai concluir. Desses cursos que estão a funcionar têm tido muitas desistências ou mudanças de curso?</p> <p>Algumas desistências em alguns cursos, acontece. Não sei dizer a percentagem de desistência. Normalmente alunos com trajetos difíceis que ingressam nestes cursos e são alunos desmotivados para o ensino, com outros objetivos, alguns saem para o mundo do trabalho, alguns com idades, adultos, 19, 20, 22 anos. Depende também dos cursos, não tivemos muitas mudanças entre os cursos, mais algumas desistências. Tivemos alunos que no trajeto do ensino regular interromperam e mudaram para o ensino profissional.</p> <p>Eu estou aqui a pensar, eu julgo que ao longo dos anos a estatística é muito positiva. Chega ao fim do curso e a grande maioria dos alunos concluem. Fica sempre um ou outro com alguns módulos em atraso que a escola depois lhe dá oportunidade de recuperar. Eles depois inscrevem-se e vêm fazer o módulo, ou os módulos mas a grande maioria das turmas termina o curso.</p>	<p><b>E1</b></p> <p><b>E2</b></p>
<p>Síntese D7- Embora não apresentem dados concretos, ambos os diretores apresentam uma realidade muito positiva.</p>			

Categorias	Subcategorias	Unidades de análise	UC
<p><b>E- Representação Social</b></p>	<p><b>E1 Empregabilidade</b></p>	<p>É assim, eu penso que tudo se constrói, e nas reuniões em que tenho estado com os coordenadores, com as equipas pedagógicas com quem tenho contactado e com os alunos também e aquilo que tem sido solicitado pela escola é a imagem não só dos cursos mas da escola, quando os alunos vão para os locais de estágio, da Formação em contexto de trabalho, levam um pouco daquilo que a escola os ajudou, a formação, o que a escola dá e penso que isso se vai construindo, vai demorar algum tempo mas até agora a receção tem sido muito boa, não faltam locais de estágio, não falta solicitação principalmente até para os cursos da área social, temos protocolos com lares em que durante o ano os alunos vão lá para fazer animação. Penso que a imagem neste momento, chega, estamos num processo de avaliação sobre qual é a visão que as instituições têm sobre os nossos alunos, tem sido positiva, bastante positiva.</p> <p>A nível das estatísticas que são feitas, aquando das candidaturas financeiras, eu tenho aliás aquando das candidaturas pedagógicas, tenho visto a taxa de</p>	<p><b>E1</b></p> <p><b>E2</b></p>

		<p>empregabilidade. A taxa de empregabilidade na escola é alta. Agora, enquanto nuns anos empregabilidade na área é significativa, noutros fica mais baixa. Portanto a empregabilidade dos alunos assim no global anda entre os 60 e 70%. Se bem que nos anos na área é mais significativa e pode atingir até aos 80% noutros vem para os 60, 50% mas a nível geral de empregabilidade a taxa é alta aqui nesta escola.</p>	
<p>Síntese E1- O Diretor da ES não apresenta números até porque os primeiros diplomados estão a terminar no presente ano letivo. O Diretor da EP apresenta taxas de empregabilidade entre os 60% e os 80% consoante os cursos.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
	<b>E2- opinião dos encarregados de educação</b>	<p>No início ficam pouco recetivos mas penso que é uma faixa que está a ficar ultrapassada, penso que neste momento já há uma solicitação muito grande e uma procura dos cursos profissionais. Neste momento já estamos a proceder às candidaturas pedagógicas no POPH e já os alunos em casa estão preocupados com os cursos que a escola vai oferecer no próximo ano, portanto, há uma procura bastante significativa destes cursos.</p> <p>A nossa escola tem neste momento feita uma caminhada em que a imagem é positiva e eu</p>	<p><b>E1</b></p> <p><b>E2</b></p>

		<p>fico contente e a escola fica contente, às vezes por determinadas opiniões que nos chegam relativamente a esta escola e portanto, muitas vezes me têm chegado opiniões, encontrei um ex-aluno seu em tal sítio e foi muito importante porque ele recebeu-me bem etc... eu acho que é esta imagem que passa e espero que ela continue assim, que passa para o exterior, é uma imagem positiva. E depois o próprio aluno também se sente bem quando de facto se insere na comunidade ... e depois também procura dar essa boa imagem da formação que recebeu aqui na escola.</p>	
<p>Síntese E2- os diretores em questão manifestam-se otimistas com a representação social da escola e satisfeitos com o trabalho realizado. Esta postura é mais vincada no diretor da EP, que leva a vantagem de duas décadas de experiência e de implantação no terreno. A juntar a esta questão, o facto de os cursos ministrados pela EP serem de colocação mais exequível e imediata no mercado de trabalho, o que culmina numa maior aceitação social quer por parte dos alunos, quer dos encarregados de educação ou até mesmo dos empregadores.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
<b>F- Clima de escola</b>	<b>F1-Grau de liberdade conferido</b>	<p>Portanto, eles têm os programas, não é, aqui também tem um pouco a forma como é que o professor vai trabalhar e como sente que os alunos se sentem melhor, digamos, ou trabalham melhor os temas a abordar. A escola dá bastante liberdade para que os professores trabalhem e até solicita, aconselha que o ensino profissional não é igual, os jovens que estão aqui não são alunos iguais aos outros, quer</p>	<b>E1</b>

		<p>dizer, este ensino é um ensino diferente, tem características próprias, o trabalho em sala de aula deverá ser o mais reduzido possível para que haja mais trabalho em contexto de trabalho, mesmo na escola há tanta coisa que eles podem fazer. Podem aprender Português a fazer o comentário a um jogo de futebol, àquilo que os motiva que mais gozo dá aos alunos desde que se guie também por aquilo que são as competências a cada módulo. Isto fica também um pouco ao critério dos professores e grupo disciplinar para trabalharem isso em equipa pedagógica.</p> <p>Há uma certa liberdade dada ao professor no sentido de organizar as suas aulas de acordo com o programa que é fornecido. A nível dos critérios de avaliação, também estão mais ou menos definidos na escola e portanto logo no preenchimento da ficha modular no início do módulo isso é logo prospetivado entre professor e aluno. Há uma certa liberdade que é dada mas também se exige muita responsabilidade da parte do professor. A caminhada que o professor vai fazendo com o aluno tem que ser de muita responsabilidade e é dado ao aluno o melhor que pode e sabe quer a nível de textos de apoio quer a nível de exercícios, quer a nível de práticas etc para que o aluno faça uma caminhada positiva também.</p>	<p><b>E2</b></p> <p><b>E2</b></p>
--	--	---	-----------------------------------

		<p>Converso com os professores, tenho dossiers pedagógicos organizados que posso ir consultar, muitas vezes através do livro de ponto vou ver a interligação que existe, ou não, dos sumários com o Plano curricular e com o que é feito. Muitas vezes até os próprios professores dialogam comigo para ver se podem fazer isto desta maneira ou daquela mas há uma certa liberdade das parte do professor, eu não me intrometo na parte pedagógica dom professor, só o faria em último caso mas também exijo que de facto as coisas continuem, no dou abertura e depois o deixo a vontade. Normalmente também não sou inspetor nenhum, aliás acho que não devemos ser. Devemos dar a liberdade e a própria autonomia dos outros mas dentro de uma certa responsabilidade que se exige também.</p>	
<p>Síntese F1- O Diretor da ES demonstra uma abertura nesta autonomia concedida aos professores, manifestando até um papel ativo no incentivo desta diferenciação perante os outros percursos.</p> <p>A opinião do Diretor da EP vai ao encontro da anterior, no entanto, é salientada a responsabilidade do professor na liberdade que lhe é conferida.</p>			

Categorias	Subcategorias	Unidades de análise	UC
	<b>F2- Motivação</b>	A motivação é extremamente importante, não é? Há uma preocupação prévia na escolha do coordenador do curso porque consideramos que empenhados as equipas vão trabalhar melhor, as	

		equipas pedagógicas, se os professores estiverem motivados, é evidente. Já está nesta escola...os professores que querem ficar com os cursos profissionais, os professores que querem trabalhar é dada a possibilidade que os coordenadores de curso “negoceiem” com os docentes da escola, que formem as suas equipas e os alunos vão ...porque só com motivação só com professores empenhados temos sucesso.	<b>E1</b>
<p>Síntese F2- Quanto à motivação, este é um aspeto valorizado por ambos os diretores, que a consideram fator determinante no sucesso das aprendizagens.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
<b>G- Marcas pedagógicas</b>	<b>Métodos de ensino</b>	Eu penso que a formação docente ainda teima pelo método tradicional, por aquilo que foi durante anos e anos, portanto, muitas mudanças em termos de ensino, em termos de educação já foram operadas, mas poucas chegaram à sala de aula, pouca coisa...em termos de sala de aula e no que diz respeito aos cursos profissionais em que é preciso compreender e entender estes alunos e estes cursos numa outra dimensão, trabalhar outros aspetos, menos exposição, porque é assim, se os alunos prepararem uma vida profissional estão fartos de estar numa sala de aula. Alguns alunos provavelmente não conseguem estar sentados mais que 10 minutos, mais que meia hora. Aqui é solicitado aos docentes	<b>E1</b>

		<p>precisamente essa forma de trabalhar.</p> <p><b>É sugerido pela escola?</b></p> <p>Pela escola, pelos coordenadores, pelas reuniões que vamos tendo e também já com formação que vamos tendo quer direcção regional, pela experiencia também às vezes de seminários em que se fala, pelas experiencias de outras escolas também nesse sentido.</p> <p>No mesmo sentido estão os instrumentos de avaliação, é sugerido que sejam mais variados.</p> <p>Também, troca de experiencias, que eu acho que é fabuloso.</p> <p>Depende das componentes. Na componente sociocultural e na componente científica se calhar os professores adotam alguns métodos um pouco mais usuais na parte do ensino de trabalho de grupo, fichas, trabalhos de pares diálogo .....com os alunos em contrapartida a parte prática há outras situações e outras vertentes que são utilizadas. Aliás agora ultimamente e até para que os professores, mesmo das áreas mais teóricas, digamos assim, possam ter uma mais-valia perante os alunos, foi dada uma pequena formação de MOODLE aos professores no sentido de eles poderem usar também as TIC como um meio de incentivo para os próprios alunos. Claro que na parte prática as coisas são completamente diferentes mas há por exemplo um professor da área de mesa fazer um arranjo floral ou fazer um centro de mesa ou uma</p>	<p><b>E2</b></p>
--	--	--	------------------

		laminagem de peças de fruta é uma atividade que se está a realizar com o aluno, esta a incentivar o aluno e esta a avaliar do mesmo modo, coisa que não pode ser feita na área de inglês ou português mas acho que há uma diversidade bastante grande de estratégias e de modos de avaliação.	
Síntese G1- concluiu-se que existe ainda hoje uma forte tendência por parte dos professores em seguir os métodos mais tradicionais de ensino, apesar das especificidades do ensino profissional.			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
<b>H- Liderança</b>		<p>É importante a Ação do diretor, extremamente importante mas o mais importante é toda a vida, todas as reuniões, e a forma de colaboração que a escola consiga instituir, digamos assim. Se houver boa colaboração, boas lideranças intermédias e uma liderança de grupo também atenta a estes problemas que são os atuais da educação, penso que conseguimos aqui realizar um excelente trabalho. Não só a liderança de topo, não adianta estar a falar e depois cá em baixo as coisas não se operarem, muito importante todas as lideranças intermédias.</p> <p><b>Então a política da escola é determinada...</b></p> <p>Eu penso que a escola é um pouco exemplo disso, não só a liderança de topo mas as lideranças intermédias.</p> <p><b>Há incentivo então à participação?</b></p> <p>Há. Há colaboração, toda a gente participa com</p>	<p><b>E1</b></p> <p><b>E1</b></p>

		<p>vontade.</p> <p>Onde é que costuma contactar diariamente com os professores?</p> <p>No local de trabalho, que hoje em dia e a escolas e as direções tem imensa carga de trabalho, há uma solicitação enorme para dar resposta. Isto cresceu em termos de trabalho. Foi um aumento enorme. Sala de professores que é uma sala de convívio, penso que é um local onde ...porque a escola não pode ser só um local de trabalho e depois em momentos em reuniões em locais de trabalho, nos corredores, às vezes se fala inclusive no café. Eu acho que nem que seja uma conversa informal no final do dia num encontro de café quantas vezes surgem ideias espetaculares que agente as vai trazer para o trabalho e as vai reproduzir e por em prática.</p> <p>Há o corpo diretivo. Não há só o diretor, aliás, eu acho que é muito importante apesar das competências que o diretor tem e das competências que o diretor pedagógico também tem, se não houver aqui a articulação entre os dois e especialmente nesta vertente pedagógica, não noutras vertentes, entre DP e D da escola, cada um dentro da sua função mas a fazer como que um unísono, não há um bom funcionamento da escola. aí eu, aqui nesta escola, juntamente com a minha colega a diretora pedagógica, costumamos articular muito bem todas as situações para que de facto</p>	<p><b>E2</b></p>
--	--	---	------------------

		as coisas caminham sempre numa determinada vertente, sem nos manipularmos um ao outro, cada um com a sua orientação e com as suas indicações e com as suas opiniões, mas procurando sempre o equilíbrio e a articulação que eu acho que é fundamental	
<p>Síntese H1- Neste sentido, o diretor da ES realça a importância das lideranças intermédias e de uma liderança de grupo.</p> <p>O diretor da EP, por seu lado valoriza a importância dos diretores (geral e pedagógico) num trabalho de equipa em conjunto.</p>			

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>UC</b>
<b>I-Relação Com os contextos</b>	<b>Parcerias</b>	Não, nós temos com algumas instituições alguns protocolos, por exemplo com a santa casa da misericórdia em que os alunos do psicossocial se deslocam lá durante o ano para a animação e eles também vêm cá para, com as escolas do 1º ciclo, e temos outras escolas também, com a autarquia, com outras instituições temos mesmo parcerias celebradas em que ...	<b>E1</b>
		<p><b>Eles são convidados a participar na vida da escola?</b></p> <p>Sim, sim, e com outras escolas também.</p> <p>Eu acho que devia existir mais. Com algumas sim, portanto há uma relação com as instituições mais da nossa área, o caso das escolas por exemplo. Há uma relação bastante</p>	<b>E2</b>

		<p>forte e que acho que nunca deve desaparecer. Acho que havia de haver uma a articulação maior e se calhar chamar, foi sempre uma das coisas que considerei importantes, o chamar à escola as diversas instituições que poderão eventualmente ser mais-valia para os próprios alunos da escola. Já houve algumas iniciativas nesse âmbito e que foram importantes, procuramos fazer algo de mais na altura das PAP embora nem sempre as empresas possam estar presentes nessa altura mas acho que tem que haver uma articulação muito maior porque a escola não vive sem as empresas sem as instituições exteriores e portanto as instituições exteriores tem também necessidade das escola e acho que ai tem que haver uma caminhada sempre constante nesse sentido. Eu vejo isso como que no ensino regular esta a sentir um bocado a dificuldade da inserção da escola no meio, especialmente no meio empresarial e acho que nós aqui já fizemos essa caminhada e temos a mais-valia de os podermos chamar mais fortemente a escola.</p>	
<p>Síntese II- Ambos os Diretores valorizam a relação com os contextos, as parcerias e consideram-no um fator determinante na afirmação da escola no contexto.</p>			

## **ANEXO I:**

### **INTRODUÇÃO**

A CNP-94 surge na sequência da revisão da Classificação Nacional de Profissões de 1980, a qual veio substituir. Esta revisão foi levada a cabo, tendo por base a CITP-88 (Classification International Type des Profession) - Bureau International du Travail, e ainda em conformidade com as resoluções da 13ª Conferência Internacional dos Estatísticos do Trabalho, nomeadamente no que se refere à necessidade das estatísticas da população activa estarem em conformidade com a CITP, tendo em vista facilitar as comparações internacionais.

A presente versão da Classificação Nacional de Profissões, contempla cerca de 1.700 profissões contrastando substancialmente em termos quantitativos com o previsto na 1ª versão da Classificação Nacional de Profissões, a qual inseria cerca de 3.800 profissões. Este decréscimo, tem subjacentes entre outras, razões directamente relacionadas com a própria evolução do trabalho, nomeadamente, uma tendência crescente para a polivalência na execução das tarefas e uma delimitação mais concreta e rigorosa entre “profissão” e “posto de trabalho” .

#### **OS GRANDES OBJECTIVOS**

A CNP tem dois grandes objectivos. A nível internacional é facilitar, a comunicação em matéria de profissões, oferecendo aos estatísticos dos diferentes países um instrumento que permita utilizar os dados nacionais sobre profissões numa perspectiva internacional, e ainda, permitir a apresentação e comparação dos dados internacionais sobre profissões numa forma que se adequa tanto à investigação, como à adopção de decisões e às iniciativas de acção concreta em determinados casos, como por exemplo no que respeita às migrações internacionais e à colocação.

A nível nacional dever-se-á realçar a sua importância na elaboração de estatísticas, nomeadamente da mão-de-obra e censos populacionais, e ainda a crescente utilidade no que se refere entre outros, para os Serviços de Formação, Orientação e Informação Profissionais, Colocação e Regulamentação do Trabalho.

#### **MARCO CONCEPTUAL**

O marco necessário para a concepção da CNP-94, baseia-se em dois grandes conceitos: o conceito de natureza de trabalho efectuado e o conceito de competência. O primeiro, está directamente relacionado com o conjunto de tarefas normalmente executadas pelo titular de um posto de trabalho e respectivas exigências, sendo a profissão caracterizada em sentido lato, por um conjunto de postos de trabalho aparentados em tarefas e exigências. O segundo conceito, refere-se às competências, definidas como a capacidade de desempenhar as tarefas inerentes a um emprego determinado, caracterizando-se, segundo os fins da CNP-94, pelas seguintes dimensões:

- a) O nível de competências - que são função da complexidade e da diversidade das tarefas;

b) O tipo de competências - que se relaciona com a amplitude dos conhecimentos exigidos, os utensílios e máquinas utilizados, o material sobre o qual se trabalha, assim como a natureza dos bens produzidos e serviços prestados.

Partindo dos conceitos mencionados, delimitaram-se e agregaram-se os grupos profissionais da CNP-94.

### PLANO E ESTRUTURA

O enfoque conceptual adoptado para realizar a CNP-94 teve como resultado uma estrutura hierárquica piramidal formada por dez grandes grupos de agregação mais elevada, sub divididos sucessivamente por sub grandes grupos, sub grupos e grupos base.

O quadro seguinte permite observar os dez grandes grupos incluindo cada um deles profissões de algum modo ligadas pela formação exigida e pelo tipo de trabalho realizado:

GRANDE GRUPO	Sub Grande Grupo	Sub Grupo	Grupo Base
1. Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas	3	6	28
2. Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	4	17	49
3. Técnicos e Profissionais de Nível Intermediário	4	19	63
4. Pessoal Administrativo e Similares	2	7	20
5. Pessoal dos Serviços e Vendedores	2	9	21
6. Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	2	6	14
7. Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	4	17	70
8. Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	3	20	67
9. Trabalhadores não Qualificados	3	10	23
0. Membros das Forças Armadas	1	1	1

Os grandes grupos foram subdivididos e diferenciados de maneira mais detalhada segundo a natureza do trabalho executado e o nível e tipo de competências requeridos para a respectiva execução.

Os sub grandes grupos reportam-se ao segundo nível de agregação da CNP-94 constituem uma novidade, visto que todas as anteriores classificações de profissões, apresentavam uma grave lacuna quanto ao número de grupos nos primeiros e segundo nível de agregação.

Os sub grupos têm uma importância fundamental, já que as comparações estatísticas a nível nacional e internacional, são normalmente realizadas a este nível de agregação.

Os grupos base que, na CNP-94 se situam no grupo de diferenciação mais baixo, compreendem em geral mais de uma profissão. O número de profissões compreendidas e a sua diferenciação em larga medida, do seu grau de desenvolvimento, do nível e da orientação da tecnologia, dependerão da organização do trabalho e das tradições. Por este motivo, fez-se uma descrição detalhada das profissões mencionadas em cada um dos grupos base da CNP-94. Exceptuando os grupo base residuais, o grupo base reveste-se de uma característica de homogeneidade, dado que as profissões que contemplam têm as características de algum modo comuns.

Cada uma das categorias distribuídas entre os quatro níveis de agregação identificam-se com um número de código, um título e uma breve descrição do seu conteúdo. Nos grupos base descreve-se, de uma forma resumida o seu conteúdo integrando igualmente as profissões e as tarefas essenciais que as caracterizam.

CÓDIGOS	
Uma profissão é identificada por seis dígitos, o grupo base por quatro dígitos, o sub grupo por três dígitos, o sub grande grupo por dois dígitos e o grande grupo por um dígito.	
Tomando como exemplo a profissão de:	
Mestre Costeiro Pescador	6.1.5.2.05
Grande Grupo	6
Sub Grande Grupo	6.1
Sub Grupo	6.1.5
Grupo Base	6.1.5.2
Profissão	6.1.5.2.05

Dentro de cada grupo base o intervalo dos números de código é regular, dependendo do número de profissões que o integram.